

A Questão Fundamental da Vida: **Deus Existe?**

A Questão Fundamental da Vida: Deus Existe?

ESTA PUBLICAÇÃO NÃO É PARA SER VENDIDA.

É um serviço educacional de interesse público, publicada pela Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*.

© 2019 Igreja de Deus Unida, *uma Associação Internacional*
Todos os direitos reservados. Impresso nos EUA
*As Escrituras aqui citadas, salvo referido em contrário,
são extraídas da versão da Bíblia de
João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC), SBB 1998.*

Índice

- 3 Questões Cruciais**
- 7 Evidência ao Nosso Redor**
- 16 O Princípio do Universo**
- 24 O Nosso Impressionante Universo: Que Tamanho Tem?
- 25 Ciência e Descobertas Embaraçosas
- 29 A Nossa Espantosa 'Nave Espacial Terra'**
- 39 A Importância de Água Sustentadora de Vida
- 41 O Doador de Vida**
- 53 O Pequeno Milagre Que Faz tombar a Evolução
- 56 Um Olhar Mais Profundo à Evidência
- 58 O Trovejante Silêncio dos Cientistas
- 62 O Propósito da Vida e as Consequências de Ideias**
- 74 Tateando em busca de Sentido e Moralidade
- 76 Por Que Você Nasceu?
- 78 A Hostilidade Natural do Homem para com Deus
- 81 Conheça Deus**
- 89 Como é que Deus Se Revela?
- 92 Um Deus Não Limitado por Espaço e Tempo
- 94 A Nossa Janela de Oportunidade

Versões Bíblicas

As escrituras citadas são extraídas da versão da Bíblia Portuguesa por João Ferreira de Almeida, Revista e Corrigida (ARC). Quando outra versão é usada, a versão bíblica é referida com as seguintes abreviações:

ARA – Almeida Revista e Atualizada
 ACF – Almeida Corrigida Fiel
 BLH – Bíblia na Linguagem de Hoje
 NVI – Nova Versão Internacional
 NTLH – Nova Tradução na Linguagem de Hoje

Questões Cruciais

Porque estamos aqui? Que lugar temos no universo? Qual é o propósito da vida? Estas perguntas têm-se feito ao longo de séculos. Mas todas elas andam à volta da que é talvez a mais fundamental de todas: Deus existe?

A descoberta foi impressionante. Durante 10 dias os astrónomos focaram cuidadosamente o telescópio espacial Hubble na direção dum pequenino pedaço do céu que não parecia ser maior que um grão de areia visto ao fim de um braço estendido. Focando num ponto próximo da Ursa Maior, onde a visão não seria obstruída por planetas ou estrelas próximas, os cientistas serviram-se dos instrumentos do telescópio para colherem metodicamente 342 exposições, com tempo médio de 15 a 40 minutos. Pacientemente, eles registraram pontos minúsculos de luz 4 biliões de vezes mais tênue da que pode ser detectada pelo olho humano.



Esta foto, tirada pelo Telescópio Espacial Hubble, é de uma pequena porção do céu próximo da Ursa Maior, e mostra galáxias a 10 milhares de milhões de anos-luz de nós. Baseados nos números das galáxias visíveis nesta foto, os astrónomos estimaram que, o universo contém pelo menos 100 milhares de milhões de galáxias.

Eles esperavam encontrar respostas a questões fundamentais acerca do universo, tais como: quão vasto é ele? Quão longe poderemos ser capazes de ver na busca de galáxias a milhares de milhões de anos-luz de nós? Poderiam eles encontrar indícios da origem do universo e da nossa galáxia, a Via Láctea?

Os astrónomos ficaram espantados quando as centenas de imagens foram justapostas e os frutos dos seus trabalhos revelados. Perante eles estava um cenário assombroso. A pequena área do céu examinada com tão cuidadoso

detalhe pelo mais poderoso telescópio do homem continha um caleidoscópio de centenas e centenas de galáxias de várias formas, tamanhos e cores. Observando através de um “tubo” do céu, aproximadamente do diâmetro de um cabelo humano, eles contaram *nada menos que 1.500 galáxias*.

Explorando os limites detectáveis de tempo e espaço, eles concluíram que as galáxias de luz mais fraca que registraram estavam a mais de 10 milhares de milhões de anos-luz de nós. Algumas das mais brilhantes estavam bastante próximas, somente a 2,5 mil milhões de anos-luz de distância.

Ainda mais espantoso, os cientistas concluíram que o universo contém muitas mais galáxias do que as que podemos imaginar—pelo menos 100 mil milhões e muito possivelmente muitas mais.



Por que você nasceu? Porque existe? As pessoas têm feito estas perguntas ao longo de séculos, mas poucas têm sido capazes de encontrar as respostas.

imaginação limitada (veja também “O Nosso Impressionante Universo: Que Tamanho Tem?” na página 24).

Questões fundamentais sobre as origens

Quem de entre nós não observou o céu durante a noite e desejou saber porque estamos cá? Qual é o nosso lugar no universo? Qual é o propósito da vida?

Numa altura em que o crescimento do conhecimento sobre o universo é espantoso, filósofos, cientistas e outros pensadores fazem estas mesmas perguntas. As hipóteses que extraíram do entendimento científico tradi-

Qual é o tamanho destes números? Pondo-os em perspectiva, se você contar as galáxias à média de uma por segundo durante 24 horas, levar-lhe-á quase 32 anos a contar mil milhões, pelo que lhe levará quase 3.200 anos a contar 100 mil milhões. E tome nota, esse é somente um número estimado de *galáxias* no universo. Se considerarmos o número de estrelas e planetas que formam as galáxias, então a mente falha. A Via Láctea—uma galáxiapadrão—supõe-se ter uma média de 200 mil milhões de estrelas e um incontável número de planetas.

Estes números são tão gigantescos que superam rapidamente nossa compreensão e

cional e do cuidadoso raciocínio têm sido postas à prova e achadas deficientes.

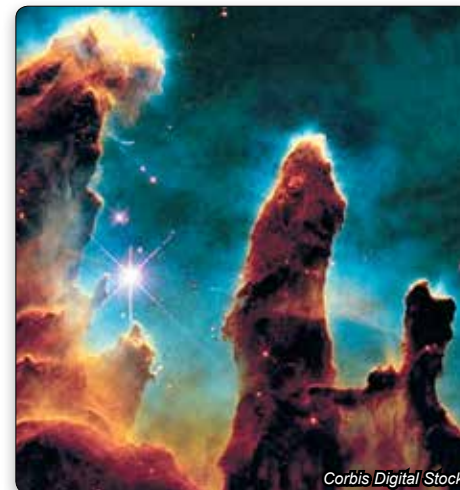
O físico teórico britânico Stephen Hawking, autor do best-seller *Uma Breve História do Tempo: Desde o Big Bang aos Buracos Negros* (*A Brief History of Time: From the Big Bang to Black Holes*), considera algumas destas questões vitais. Ele escreve; “Nós encontramos-nos num mundo desnorteante. Nós queremos dar sentido ao que vemos à nossa volta e perguntamos: Qual é a origem do universo? Qual é o nosso lugar no universo e de onde é que ele e nós viemos?” (1988, p. 171).

As pessoas têm posto questões relacionadas com a nossa existência desde o início da história. Mas raramente têm elas sido tão bem expressas como as dos cientistas, historiadores e filósofos da nossa era.

O professor Hawking não reclama ter todas as respostas. Mas com todo o seu extraordinário conhecimento científico e habilidade—especialmente nos campos da astrofísica, cosmologia (estudo da origem do universo) e matemática—ele faz as perguntas certas.

Ele não é o único cientista a ponderar estas questões fundamentais. O falecido Carl Sagan (o da série televisiva *Cosmos*, de 1980), também um brilhante cientista e autor best-seller, escreveu no seu prólogo ao livro de Hawking: “Nós cuidamos da nossa vida quotidiana quase sem entendermos nada do mundo. Pensamos pouco da maquinaria que gera a luz que torna a vida possível, da força da gravidade que nos prende à Terra (que de outra forma seríamos projectados para o espaço), ou dos átomos dos quais somos feitos e em cuja estabilidade dependemos fundamentalmente” (p. IX).

Sagan dedicou a sua vida a trazer o conhecimento científico ao público em geral. Repare-se numa outra observação sua: “Com excepção das crianças (que não sabem o suficiente para não perguntar as questões importantes), poucos de nós passamos muito tempo a perguntarmo-nos por que é que a natureza é como é; de onde veio o cosmos, ou se ele sempre existiu aqui . . .” (Ibid.).



Supõe-se que os gasosos “pilares da criação” fotografados pelo telescópio espacial Hubble, são um lugar de nascimento de estrelas em processo de se formar.

Talvez a maioria de nós não nos sentimos qualificados para avaliarmos os mistérios do universo, por pensarmos que perdemos o nosso tempo. Mas isso não é assim. Esta curiosidade intelectual vem do facto de sermos humanos. As questões devem ser apresentadas e devem-se buscar respostas inteligíveis.

O professor Hawking enfatizou este ponto nas últimas páginas de *Uma Breve História do Tempo* (*A Brief History of Time*): “Se descobirmos uma teoria completa [que explica tudo], ela deverá ser entendida, a seu devido tempo e num princípio amplo, por *toda a gente*, não somente por alguns cientistas. Então, todos nós, filósofos, cientistas, e mesmo pessoas comuns, devemos ser capazes de tomar parte no debate sobre a questão de *por que nós e o universo existimos*.” Ele conclui: “Se encontrarmos a resposta a isso, será o triunfo final da razão humana—*pois que, então, conheceremos a mente de Deus*” (p.175, grifo adicionado).

Uma pergunta importante

O conhecido historiador Britânico Paul Johnson no seu livro *História dos Judeus* (*A History of the Jews*) também pergunta algumas das mais importantes questões da humanidade: “Para que estamos na Terra? A história é

Nós podemos encontrar as respostas para estas perguntas. A evidência da existência de Deus é abundante e está disponível.

meramente uma série de acontecimentos cuja soma é sem sentido? . . . Ou há um plano providencial para o qual somos, não obstante humildemente, os agentes?” (1997, p. 2).

Esta vida é tudo quanto há, ou há mais alguma coisa? Se há algo mais, qual deveria ser o impacto da consciência disso na sua vida? Está-nos faltando uma perspectiva vital quando revemos as páginas da história humana?

Na verdade estas questões são fundamentais. Você as enfrentou com sinceridade? Por que estamos aqui? Há um propósito para as nossas vidas? Qual é o nosso destino, e está ele inextricavelmente ligado com a existência de Deus? Precisamos de fazer perguntas e buscar respostas para estas interrogações. As suas respostas têm consequências sérias que devem afetar profundamente o modo como vivemos.

Mas aonde começar? Como respondemos à mais básica de todas as perguntas: Deus existe? Ele é real? Se existe, como é Ele? Ele tem um plano para você?

Nós *podemos* encontrar as respostas para estas perguntas. A evidência da existência de Deus é abundante e está disponível. Vejamos alguma dessa evidência, perguntando e respondendo questões básicas para a nossa busca do significado e propósito da vida.

Evidência ao Nosso Redor

Em virtude de não se poder ver ou medir Deus por meios físicos, a comunidade científica tomou a posição de que Ele não existe. Tão preconceituosa e infundada opinião leva a que muitos ignorem evidência bem à vista.

Nos séculos recentes, os filósofos tentaram responder à maior parte das questões acerca da existência da humanidade e do seu lugar no universo. Que método escolheram?

A sua premissa fundamental tem sido a de que não pode haver Deus, um Criador divino. Sem deixar espaço para nada que não se possa ver, ouvir ou sentir, ou medir por métodos científicos, eles têm crido que as respostas podem ser encontradas por intermédio do raciocínio humano. Usando a capacidade de raciocinar do homem, com o seu preconceito natural contra Deus, (ver “A Hostilidade Natural do Homem para com Deus”, na página 78), eles concluíram que o universo veio do nada, que a vida evoluiu de matéria inanimada e que o raciocínio humano por si só é o nosso melhor guia para encontrarmos o nosso caminho.

O historiador Paul Johnson diz, no seu livro *Em Procura de Deus* (*A Quest for God*): “A existência ou não-existência de Deus é a questão mais importante que jamais se nos apresentou para respondermos como seres humanos. Se Deus existe, e se em consequência somos chamados para uma outra vida quando esta termina, segue-se um momentoso conjunto de consequências, que deverá influenciar todos os dias, mesmo todos os momentos, da nossa existência terrena. Então, a nossa vida torna-se uma mera *preparação para a eternidade* e tem de ser conduzida a todo o momento *com o nosso futuro em vista*” (1996, p. 1, grifo adicionado).

Realmente, podemos compreender as respostas às perguntas mais importantes da vida sem pelo menos estarmos dispostos a examinar a questão da existência de Deus, que é descrito na Bíblia como quem nos deu a vida e nos criou à Sua própria imagem? (Gênesis 1:26-27). Com o desprezo por Deus, que tantos têm mostrado, vieram uma multidão de consequências inesperadas e trágicas.

Podemos encontrar evidência sólida da existência de Deus? Se podemos, onde a procuramos, e qual é a sua origem? Qual é a nossa atitude para com a evidência, e como ela influencia a nossa maneira de viver?

Avaliando a evidência

Quão satisfatória é a evidência *a favor* da existência de Deus em face da evidência apresentada contra ela? O modo como pesamos e avaliamos qualquer evidência é importante para a validade de quaisquer conclusões que alcancemos neste assunto crucial. Temos de considerar argumentos a

favor e contra a existência de Deus sem recorrer a preconceituosas premissas ou conclusões ilógicas.

Preconceito opera em dois sentidos. Muitas pessoas que acreditam na existência de Deus sentem-se compelidas a defender o seu ponto de vista de formas irracionais. Elas machucam a sua causa procedendo assim. Semelhantemente, muitos que acreditam que Deus não existe recusam dar uma audiência justa à evidência da existência de Deus. Em ambos os casos, preconceito superficial é o verdadeiro inimigo.



Porque vivemos num universo de tal precisão e ordem? Por que é que o universo não é aleatório, caótico e imprevisível, tal como o esperaríamos encontrar se nós não somos nada mais que o resultado de cego acaso e felizes acidentes?

ponto de vista ateu para a origem e existência humana do seguinte modo:

“A selecção natural, o processo cego, inconsciente e automático que Darwin descobriu, e o qual nós agora reconhecemos que é a explicação dada para a existência e para toda a forma aparentemente intencional de vida, não tem objectivo em mente. Não tem pensamento nem imaginação. Não faz planos para o futuro. Não tem visão, nem previsão, nem alguma capacidade de ver. Caso se diga que faz o papel de relojoeiro na natureza, então esse é o de relojoeiro *cego*” (1986, p. 5, grifo no original).

Todavia, para evitar aceitar a evidência incômoda da existência de Deus, ele justifica: “Biologia é o estudo de coisas complicadas que dão a *aparência* de terem sido planeadas para um propósito” (p. 1, grifo adicionado).

O professor Dawkins, enquanto admite que as coisas vivas dão a aparência de serem planeadas, não considera o que é óbvio—que, se elas *parecem* ter sido planeadas, talvez pode ser que *de facto elas foram planeadas*!

Negando o óbvio?

O duvidoso assentimento de Dawkins de que os organismos vivos “nos

impressionam de forma irresistível com a aparência de terem sido planeados como que por um mestre relojoeiro” (p.21), não é assim tão levemente posto de parte por outros cientistas. Eles vêem a impressionante presença de intrincado desenho no universo, como um poderoso indicador, de um Desenhista Inteligente.

Uma tendência crescente entre investigadores em biologia, física, astronomia, botânica, química e outras disciplinas importantes é o estudo e debate sobre a complexidade e ordem que eles encontram em todos os níveis através do universo. Escritores e cientistas usam a expressão *princípio antrópico* para descrever o que, por todas as observações e aparências, são um universo e um planeta *bem afinado para a vida*—em particular para a vida humana.

Paul Davies, professor de física matemática da Universidade de Adelaide, na Austrália, resume as crescentes descobertas de cientistas de muitos campos: “Uma longa lista de ‘*felizes acidentes*’ e ‘*coincidências*’ adicionais foi compilada . . . Em conjunto, estes ‘*acidentes*’ e ‘*coincidências*’ fornecem evidência impressionante de que a vida, tal como a conhecemos, depende com muita sensibilidade sobre a forma das leis da física e dos valores reais que a natureza aparentemente escolheu, por acaso fortuito, como as massas de várias partículas, constantes de certas forças, e assim por a diante . . .

“Basta dizer que, se pudéssemos brincar de Deus, e seleccionar valores para estas quantidades por capricho girando um conjunto de botões, veríamos que quase *todas as configurações de botões tornariam o universo inabitável*. Em alguns casos parece que os diferentes botões têm de ser *ajustados com enorme precisão para que o universo seja tal que a vida floresça*” (*A Mente de Deus: A Base Científica para um Mundo Racional* [The Mind of God: The Scientific Basis for a Rational World], 1992, pp. 199-200, grifo adicionado).

Um mundo planeado com propósito

O nosso complexo universo é realmente obra de um relojoeiro cego, como alguns comentam? É isso o que vemos à nossa volta todos os dias? A vida na Terra é um produto simplesmente resultante do acaso, sem propósito ou plano, sem controlo ou consequências?

Pelo contrário, um crescente grupo de evidência está conduzindo mais e mais cientistas a questionar suposições populares nos círculos científicos por muitos anos. Embora alguns dentre eles estejam dispostos a admitir a evidência convincente da existência de Deus; um número cada vez maior admite que para onde quer que olhem vêem prova de um mundo que dá a aparência de desenho intrincado até aos mínimos detalhes.

A Bíblia admite o óbvio quando nos apresenta uma explicação da vida muito diferente da sustentada pelo professor Dawkins e outros. Ela apresenta o universo como *a obra manual de um Criador*.

Sir Isaac Newton perguntou: “De onde vem toda a ordem e beleza que

vemos no mundo?” A pergunta é natural, e foi feita por um cientista crente que reconhecia a necessidade de uma causa para todo o efeito. As ações têm consequências. Um universo realizado com habilidade aponta para um Desenhista Inteligente.

Albert Einstein também ficou maravilhado com a ordem e harmonia que ele e os seus companheiros cientistas observaram através do universo. Ele observou que o sentimento religioso do cientista, “assume a forma de um assombro entusiástico face à harmonia da lei natural, a qual revela uma inteligência de tal superioridade que, comparada com ela, todo o pensamento sistemático e actuante dos seres humanos são uma reflexão totalmente insignificante” (citado em *O Einstein Citável* [The Quotable Einstein], por Alice Calaprice, editor, 1996, p. 151).



A vida na Terra é resultado do acaso? Os evolucionistas querem fazer-nos crer que a beleza e ordem que vemos à nossa volta não são planejadas, mas acidentais.

O professor de astronomia da Universidade de Cambridge Marteen Rees e o escritor de ciências John Gribbin, debatendo o quão finamente sintonizado os cientistas observaram o universo a ser, observaram que “as condições no nosso Universo realmente parecem ser exclusivamente adequadas para as formas de vida como a nossa própria, e talvez até mesmo para qualquer tipo de complexidade orgânica . . . O Universo foi feito sob medida para o homem?” (*Coincidências Cósmicas: Matéria Negra, Humanidade, e Cosmologia Antrópica* [Cosmic Coincidences: Dark Matter, Mankind, and Anthropic Cosmology], 1989, p. 269, grifo no original).

O professor Davies expressou-se deste modo: “Por intermédio do meu trabalho científico acabei por crer mais e mais fortemente que o universo físico está formado com uma ingenuidade tão surpreendente que não o posso aceitar como meramente fato bruto. Tem de haver, parece-me, um nível mais profundo de explicação. Quer se queira chamar a esse nível mais profundo ‘Deus’ é uma questão de gosto e definição . . . creio que nós seres humanos somos incorporados num esquema das coisas de uma forma muito básica” (*A Mente de Deus* [The Mind of God], p. 16).

Não admira que o falecido famoso astrofísico e matemático Britânico Sir Fred Hoyle, depois de examinar os diferentes cenários que regulam o nosso

planeta e o resto do universo, se maravilhasse dizendo: “Um senso comum de interpretação dos fatos sugere que uma inteligência superior brincou com a física, bem como com a química e a biologia [do universo], e não existem forças cegas na natureza . . . Os números que se calculam a partir dos fatos parecem-me tão impressionantes que põem esta conclusão quase para além de dúvida” (*O Universo: Reflexões Passadas e Presentes* [The Universe: Past and Present Reflections], revista *Engenharia e Ciência*, Novembro 1981, grifo adicionado).

A persistência da falta de fé

No entanto, a crença persiste teimosamente que Deus não é necessário. O falecido paleontólogo, da Universidade de Harvard, Stephen Jay Gould resumiu seu ponto de vista ateu dizendo: “Nenhum espírito interventivo guarda com amor os assuntos [da humanidade]. Nenhuma força vitais impulsionam a mudança evolutiva. E seja o que for que pensemos de Deus, a sua existência não é manifesta nos produtos da natureza” (citado em *Legado de Darwin* [Darwin's Legacy], por Charles Hamrum, editor, 1983, pp. 6-7).

Alguns cientistas admitem que deliberadamente recusam deixar entrar em seus pensamentos a possibilidade da existência de Deus como uma divindade Criadora. Eles argumentam que a disciplina da ciência é limitada às explicações materiais ou naturalistas—isto é, negam mesmo a possibilidade do sobrenatural. “Mesmo se todos os dados apontam para um Desenhista Inteligente,” o imunologista Dr. Scott Todd admitiu uma vez: “tal hipótese é excluída da ciência porque não é naturalista” (Revista *Natureza* [Nature], 30 de Setembro, 1999, p. 423, grifo adicionado).

O biólogo Richard Lewontin foi igualmente sincero: “Nós apoiamos a ciência, não obstante o absurdo de algumas das suas idéias, não obstante a tolerância da comunidade científica para com histórias incomprovadas, porque temos uma obrigação prévia, uma obrigação para com o materialismo . . . nós não podemos permitir um Pé Divino na porta” (*Biliões e Biliões de Demônios* [Billions and Billions of Demons], New York Review of Books, 9 de Janeiro de 1997, p. 31, grifo adicionado).

Os apoiantes da evolução gostam de assinalar que a aceitação da idéia de um Criador divino requer fé em alguém ou alguma coisa que não podemos ver. Contudo, eles estão longe de admitir abertamente de que todos os que crêem que a vida evoluiu de matéria inerte também têm fé numa teoria que não pode ser provada—e que é fundada em evidência muitíssimo mais frágil do que a que sustenta a fé dos crentes num Criador.

A fé dos evolucionistas assume que o nosso universo inimaginavelmente complexo criou-se por si próprio, ou que, de alguma forma, surgiu do nada. Como ocasionalmente admitido em depoimentos tais como os acima citados, eles crêem firmemente numa cadeia de circunstâncias que não só desafia a lógica, mas também as leis fundamentais da física e da biologia. (Para uma abordagem mais profunda da controvérsia criação/evolução,

queira descarregar ou pedir a nossa publicação gratuita *Criação ou Evolução: Será que realmente importa em que você acredita?*)

Num sentido real, a evolução transformou-se *numa outra religião*. A fé dos seus seguidores está enraizada numa fé incomprovada de que o fantástico universo, incluindo o mundo à nossa volta transbordando com uma intrincada variedade de vida, é o resultado cego, aleatório do acaso. A evolução não pode oferecer explicação racional para a proveniência da matéria que tornou possível o universo e da suposta evolução da vida.

Para evitar convenientemente o assunto de onde a matéria e o universo originaram, os proponentes da evolução apresentam um universo existente operando de acordo com leis precisas e previsíveis. Eles reconhecem que essas leis existem e funcionam impecavelmente. Contudo, não têm a mais leve idéia da origem delas. Eles preferem ignorar a impressionante evidência de que uma grande inteligência está por trás destas leis ordenadas e harmoniosas.

O nosso universo funciona como um relógio gigante, vasto em escala e complexidade, contudo preciso na sua mecânica. A precisão do universo tem sido mostrada com a exploração do espaço ao longo de várias décadas. É por causa desta previsibilidade que a NASA pode confiar numa cronometragem de fracção de segundo quando lança homens para o espaço e envia veículos espaciais para explorar planetas tão distantes que por vezes leva anos chegar até eles, mesmo à velocidade de milhares de quilómetros à hora.

Evidência das leis naturais

Os cientistas entendem que leis físicas com uma precisão espantosa governam o universo. Assim, Einstein disse: “A minha religião consiste de uma humilde admiração pelo ilimitado espírito superior que se revela nos pequenos detalhes que somos capazes de entender com as nossas mentes frágeis e débeis. Essa convicção profundamente emocional da presença de um poder de raciocínio superior, o qual é revelado no incompreensível universo, forma a minha idéia de Deus” (citado de *O Einstein Citável [The Quotable Einstein]*, p. 161).

Os astrónomos podem prever com exactidão surpreendente quando um cometa regressará ao nosso céu. Cientistas podem enviar sondas para pou-sarem em outros planetas ou orbitarem corpos a milhões de quilómetros de distância. Os corpos celestes movem-se de forma perfeitamente previsível.

Na Terra, nós podemos traçar com incrível precisão a posição dos planetas num determinado dia, mês e ano, futuro ou passado. Os nossos calendários só são úteis por causa da imutabilidade das leis do universo. Nós podemos confiar no tempo e na posição dos corpos celestes por causa das leis que governam as suas relações. De certo modo a história da humanidade é uma história da nossa *descoberta* de mais e mais leis que governam o cosmos.

Por exemplo, nós sentimos os efeitos da lei da gravidade, contudo a gravidade é coisa que não podemos ver, mas sabemos que ela existe, que ela

funciona consistentemente. Ela é uma das leis fundamentais do universo. Há outras leis semelhantes que governam todos os aspetos do universo—leis da energia, do movimento, da massa, da matéria e da própria vida.

Que dizer da evolução? A teoria evolucionista afirma que a vida começou



Quer se observe os céus com um telescópio, o mundo invisível com um microscópio, ou a natureza à nossa volta, em todo o lado vemos beleza e desenho.

tal como a sua vida foi concebida por *pais com vida*. Os naturalistas evolucionistas argumentam contra a universalidade da biogênese, mas não apresentam nem uma única evidência concreta de abiogênese natural.

Evidência de um Grande Desenhista

Mas vamos ao âmago da questão: Porque encontramos tantas leis confiáveis, previsíveis, finamente sintonizadas governando a nossa existência? Qual é a sua origem? A vida surgiu por acaso, ou existe algo maior em acção? Tem de haver uma explicação para a existência de tudo. A quantidade, precisão e perfeição das leis naturais não pode ser explicado como um acidente. Tal conclusão é irracional.

O senso comum diz-nos que a existência de um universo inimaginavelmente magnífico, estruturado e mantido por inúmeras leis da físicas, requer a existência de um *Criador* dessas leis, um *Desenhista* dessas estruturas.

Um das mais claras evidências da existência de Deus está na impressionante presença de ‘*desenho*’ no universo. O cientista Australiano Paul Davies descreve isso bem no seu livro *A Mente de Deus: a Base Científica para um Mundo Racional*:

“Os seres humanos sempre foram impressionados com a sutileza, majestade e organização complexa do mundo físico. A marcha dos corpos celestes no céu, os ritmos das estações do ano, o padrão de um floco de neve, as

com uma simples célula e durante uma quantidade incontável de séculos de mudança reprodutiva deu origem à impressionante variedade de vida na Terra. Mas de onde veio a primeira célula? O materialismo argumenta ser por *abiogênese naturalista* (geração espontânea)—que a vida surgiu a partir de matéria inerte, através de processos químicos indiretos.

Mas esse conceito contraria uma das leis naturais mais básicas—a lei da biogênese. Esta lei é abundantemente evidente na natureza: *A vida só pode surgir a partir da*

miríades de criaturas que vivem tão bem adaptados ao seu ambiente, todas essas coisas parecem muito bem organizadas para ser um acidente estúpido. Há uma tendência natural de atribuir a ordem elaborada do universo ao trabalho intencional de uma Divindade” (p. 194).

Um outro escritor que viu prova clara de criação à sua volta foi o rei David, da antiga Israel. Olhando para o céu, há 3.000 anos, ele apercebeu-se de que estava a observar o trabalho manual de um Criador e nós podemos discernir muito acerca dEle observando esse trabalho manual: “O céu anuncia a glória de Deus e nos mostra aquilo que as suas mãos fizeram. Cada dia fala dessa glória ao dia seguinte, e cada noite repete isso à outra noite. Não há discurso nem palavras, e não se ouve nenhum som. No entanto, a voz do céu se espalha pelo mundo inteiro, e as suas palavras alcançam a terra toda” (Salmos 19:1-4, BLH).

O esplendor do céu durante a noite ainda nos leva à curiosidade e admiração. O que *são* aqueles pequenos pontos de luz brilhantes na escuridão do espaço? Como apareceram eles lá? *Porque* estão lá? O que há para além deles na inimaginável extensão do universo? A grandeza dos céus cintilantes levanta questões não só sobre o universo mas sobre *o nosso papel nele*.

O mesmo se aplica aos intrincados padrões em todas as coisas na Terra, não somente no mundo visível à nossa volta mas também no invisível que só podemos explorar com microscópios.

Mil anos depois do rei David expressar a sua admiração por estas maravilhas, o apóstolo Paulo disse aos Coríntios, em Roma, que “desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas . . .” (Romanos 1:20).

Os escritores da Bíblia reconheceram na criação muita evidência de um grande, sumamente sábio Criador. Eles compreenderam que as maravilhas que nos rodeiam gritam a mesma mensagem: Tão maravilhoso desenho *exige* um Supremo Desenhista! Quer pelo poder do mar, pela grandiosidade de uma cadeia de montanhas, pela delicada beleza das primeiras flores da Primavera, ou pelo nascimento de uma criança, consoante olhamos à nossa volta concluímos naturalmente: *Isto é mão-de-obra de um grande Desenhista*.

A Criação revela o Criador

O físico teórico John Polkinghorne, reitor do Queens College, Cambridge, e um membro da Britain’s Royal Society (Sociedade Real Britânica), escreveu: “A beleza intelectual da ordem descoberta pela ciência é consistente com o mundo físico tendo por trás de si a mente do Criador divino . . . A sintonização perfeitamente balanceada nas leis determina que o verdadeiro tecido físico do universo é coerente com a sua fértil história de expressão do propósito divino” (*Falando a Sério: A Ciência e a Religião em Diálogo* [Serious Talk: Science and Religion in Dialogue], 1995, p. viii).

Michael Behe, professor adjunto de bioquímica da Universidade Lehigh, na



Os padrões e desenhos intrincados que vemos no mundo criado à nossa volta, seja na espiral de uma concha marítima ou na estrutura da galáxia Whirlpool, são poderosas evidências de um Criador.

eles foram *planejados*. O desenhista sabia como é que os sistemas viriam a ser quando estivessem concluídos, depois tomou os passos para os trazer à existência” (*A Caixa Preta de Darwin: O Desafio da Bioquímica à Evolução* [Darwin’s Black Box: The Biochemical Challenge to Evolution], 1996, p. 193, grifo no original).

Michael Behe conclui: “A vida na Terra no seu nível mais fundamental, nos seus componentes mais críticos, é o resultado de um desenho inteligente” (Ibidem).

A precisão do nosso universo não é o resultado de um acidente. É o produto de um meticuloso Criador e Legislador, o Relojoeiro Mestre do universo.

Como Deus é Único? Será que Deus é uma Trindade?

Com este guia de estudo você vai aprender diretamente da Bíblia acerca da natureza de Deus e Jesus Cristo assim como acerca do nosso destino futuro.

Para saber mais sobre este assunto, solicite a sua cópia gratuita do nosso guia de estudo ou baixe da internet:

Quem é Deus?



portugues.ucg.org/estudos

Pensilvânia, concluiu após o seu intensivo estudo da célula, o bloco construtor básico da vida, que tão tremenda complexidade só pode ser explicada pela existência de um Desenhista Inteligente:

“Para uma pessoa que não se sente obrigada a limitar a sua pesquisa a causas ininteligentes, a conclusão imediata é que muitos sistemas bioquímicos foram planejados. Eles não foram desenhados pelas leis da natureza, nem pelo acaso ou necessidade; pelo contrário,

O Princípio do Universo

Será que o universo sempre existiu? Ou teve um princípio num momento definido no tempo passado? Grande parte da discussão sobre a existência de um Deus Criador repousa sobre essa questão. Afinal, se o universo sempre existiu, não parece ter havido necessidade de um ser ou inteligência exterior para o desenhar e criar (embora ainda se fique como o mistério de porque é que existe). Por outro lado, se o universo teve um princípio num dado momento específico e preciso, alguma coisa deve ter *causado* que viesse a existir.

Os cientistas não estão completamente de acordo sobre se o universo teve um princípio. Há ainda alguns que crêem que é possível que ele tenha existido sempre. Mas este conceito não é o ponto de vista científico predominante. Agora, a maior parte dos cientistas aceita que o universo começou subitamente e num ponto específico no tempo.

Determinação de um princípio

Nos inícios de 1900 os astrónomos descobriram um fenómeno conhecido por *desvio para o vermelho*—isto é, a luz das galáxias distantes é deslocada para a extremidade vermelha do espectro. O astrónomo Edwin Hubble viu isto como evidência de que o universo se está a expandir. Ele determinou que as galáxias e grupos de galáxias se estão a separar umas das outras *em todas as direcções*.

Para entender esta idéia revolucionária, imagine salpicos de tinta na superfície de um balão que você esteja a encher. Consoante você enche de ar o balão, as manchas afastam-se umas das outras em todas as direcções. Da mesma forma, astrónomos como o Hubble e outros, concluíram que as galáxias através do universo estão-se a afastar, a grande velocidade, umas das outras. Eles também determinaram que quanto mais distante está uma galáxia ou grupo de galáxias de nós, mais rápido é o seu afastamento.

Agora, conforme o astrónomo Hubble observou, o universo expandia-se para onde quer que olhasse. O conceito era revolucionário, pois que até então a maior parte dos astrónomos assumia que qualquer movimento por galáxias era simplesmente movimento aleatório. Subsequentemente, outros astrónomos e físicos concordaram com as observações e conclusões de Hubble. Que poderia isto significar?

John Barrow, professor de astronomia da Universidade de Sussex, Inglaterra, no seu livro *A Origem do Universo* (*The Origin of the Universe*), explorou a questão fascinante de como o espaço, a matéria e o próprio tempo começaram. Sobre a expansão do universo, Barrow escreveu: “Esta foi a maior descoberta da ciência do século XX, e confirma o que a teoria da relatividade de Einstein tinha previsto sobre o universo: que não podia estar estático. A atracção gravitacional entre galáxias juntá-las-ia se elas não se

afastassem depressa umas das outras. O universo não pode estar parado.

“Se o universo se está a expandir, então, quando invertimos o sentido da história e olhamos para o passado devemos encontrar evidência de que ele emergiu de um estado mais pequeno e denso—um estado que mostre que outrora teve o tamanho zero. Foi este começo aparente que se tornou conhecido por ‘Big Bang’” (1994, pp. 3-5).

Por outras palavras, o que os astrónomos concluíram que viam era o resultado de um poderoso acontecimento impossível de imaginar que arremessou, em todas as direcções, matéria e energia que constitui o universo conhecido—e daí o nome de “Big Bang” [Grande Explosão]. Isto significaria que o Universo *teve de ter um princípio*.

Um universo de idade finita

Esta decisão assertiva abalou o sistema científico. O falecido Robert Jastrow, fundador do Instituto Goddard para Estudos do Espaço da NASA e ex-professor de astronomia e geologia da Universidade Columbia, em Nova York escreveu: “Poucos astrónomos podiam prever que este acontecimento —o súbito nascimento do universo—se tornaria num comprovado fato científico, mas pelas observações dos céus com telescópios foram forçados a essa conclusão” (*A Encantada Aparição: Inteligência no Universo* [*The Enchanted Loom: Mind in the Universe*], 1981, p. 15, grifo adicionado).

Ele também exclamou: “A semente de tudo quanto aconteceu desde que o Universo foi estabelecido foi plantada no primeiro instante . . . *literalmente, foi o momento da criação*” (*Viagem às Estrelas: Exploração Espacial—Amanhã e Além* [*Journey to the Stars: Space Exploration—Tomorrow and Beyond*], 1989, p. 47, grifo adicionado).

Os cientistas tinham chegado a uma conclusão alinhada com o que já estava registrado na Bíblia há uns 3.500 anos atrás: O universo não era eterno; ele teve um princípio.

Na verdade, eles já deveriam ter reconhecido isso. Mesmo sem o modelo do Big Bang, as leis científicas da termodinâmica impõem que o universo tenha um início. A primeira lei diz que a quantidade da energia e massa no universo é constante. A segunda lei expressa que a quantidade de energia disponível para criação está-se esgotando. Tomadas em conjunto, elas requerem que o universo tenha um começo com muita energia disponível, a qual agora escasseia. De qualquer modo, a vasta maioria dos cientistas aceitaram, finalmente, um universo de idade finita.

Enquanto cientistas e filósofos assumiam que o universo tinha existido eternamente—que não teve princípio e por conseguinte sem necessidade de um Criador para o criar—eles podiam facilmente deixar Deus fora da discussão. Hoje apenas alguns cientistas persistem em crer numa Terra e num universo que tenha existido eternamente. Simplesmente existe muita evidência contra essa teoria. A grande maioria reconhece que vivemos num universo que teve um início.

Essa admissão levanta questões desconfortáveis para muitos cientistas. Que força, poder ou leis existiram antes do início do universo para lhe dar existência? Qual foi a causa da sua existência? As nossas mentes racionais dizem-nos que o universo não podia ter surgido do nada. Isso desafia não só a lógica mas também as leis da física. O que é que—ou quem—causou o universo? *Por que* foi trazido à existência?

Onde a ciência para

Aqui a ciência para nos seus caminhos. Como Jastrow explica: “Pode existir uma explicação boa para o nascimento explosivo no nosso Universo; mas se isso acontece, a ciência não pode encontrar qual é a explicação. A busca do cientista sobre o passado termina no momento da criação . . . Nós gostaríamos de continuar essa investigação mais para trás no tempo, mas a barreira para mais progresso parece insuperável. Não é uma questão de mais um ano, de mais uma década de trabalho, de uma outra medida, ou outra teoria; neste momento parece que a ciência não será capaz de levantar a cortina do mistério da criação” (*Deus e os Astrónomos* [God and the Astronomers], 1992, pp. 106-107, grifo adicionado).

O professor Jastrow reconhece que tudo o que os cientistas sabem cessa no momento da criação. As conhecidas leis do universo não podem ser de forma alguma aplicadas para além do ponto em que o universo aparece para a existência vindo do nada. A ciência não pode oferecer nenhuma explicação racional, nenhum meio para registrar, medir ou reconstruir um acontecimento que desafia todo o conhecimento científico.

A partir destes fatos, alguns cientistas inferem conclusões erradas, assumindo que, uma vez que a ciência não pode *descobrir* o que é que aconteceu antes do universo ser formado, *nada* podia ter acontecido antes dele ter sido formado. Isto não nos diz nada sobre a existência ou inexistência de Deus, mas diz-nos muito sobre as limitações da abordagem científica tradicional. Nós temos de procurar uma fonte para além da ciência para compreendermos quem ou que existia antes da origem do universo. E somente uma fonte oferece uma explicação verdadeiramente crível e racional—a Bíblia.

Só há uma alternativa à afirmação bíblica da criação sobrenatural por uma Inteligência suprema. Os ateístas têm de argumentar que o universo inteiro *veio do nada* sem uma causa. Eles têm de insistir nesta infundada,



Ilustração fotográfica por Shaun Venish/PhotoDisc

Os cientistas descobrem continuamente novas maravilhas através do universo. Cada uma, contudo, é governada pelas leis precisas da natureza.

insuportável asserção porque não há um outro meio de evitar a existência de uma Causa Primária.

Contudo, a afirmação mais básica dos ateístas é fundamentalmente defeituosa. Provou-se que o princípio do universo foi um acontecimento específico. Todos nós sabemos de anos e anos de experiência que uma das verdades fundamentais é que *os eventos têm causas*. Esta verdade fundamental sustenta as leis que governam energia e matéria. Nada acontece sem uma causa. O princípio do universo é um acontecimento que *teve uma causa específica*.

As reivindicações da Bíblia

“No princípio, criou Deus os céus e a terra”, diz a Bíblia (Gênesis 1:1). Esta é uma afirmação simples, mas responde à questão mais básica e científica de todas: De onde viemos nós?

Este versículo descreve o princípio do universo. O universo teve um começo causado por uma força intemporal *externa* ao universo físico. Quando a matéria apareceu, isso foi o princípio do tempo como o conhecemos. Para a origem do universo, este versículo responde às questões quem, o quê e quando. O *por quê* vem um pouco mais tarde.

O versículo em Hebreus 11:3 adiciona um outro detalhe: “Pela fé (acreditando no que Deus tem revelado) entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente.”

Duas coisas devem ser apontadas nesta explicação. Primeira, o universo *teve* uma causa; ele veio de alguma coisa. Aquilo de que veio não era visível; isto é, não era matéria preexistente. As Escrituras dizem-nos que o nosso universo teve uma causa—um depoimento verdadeiramente científico.

A segunda diz-nos que pela fé nós entendemos que os mundos foram preparados pela Palavra de Deus. Mas isto não é fé cega. Não nos é pedido que acreditemos que o cosmos despontou sem uma causa e sem um propósito—o credo da fé do ateu. Pelo contrário, é-nos pedido que acreditemos que ele começou pelo ato de um Ser que é eterno e suficientemente poderoso para trazer o universo à existência.

Entendendo Gênesis 1:1-2

Durante os últimos 150 anos, nenhuma outra parte da Bíblia esteve sob mais ataque que o registro da criação, em Gênesis 1. Os Darwinistas têm aproveitado muito de certas indicações de que a Terra pode ter de 4 a 5 mil milhões de anos de idade e o universo cerca de 15 mil milhões. Isto contradiz a crença de muitos crentes da Bíblia que dizem que a Terra existe só há uns 6.000 anos, baseados num estudo genealógico cuidadoso dos registros bíblicos combinados com a história. Os dois primeiros versículos da Bíblia são da maior importância para este debate.

Esta controvérsia leva-nos a uma pergunta importante. Se a Terra tem

milhares de milhões de anos de idade, e se as afirmações diretas da Bíblia sobre a criação são erradas, então, como se pode acreditar nas outras declarações da Bíblia? Esta questão é válida, e a controvérsia à volta dela montou o palco para a abordagem *ciência-versus-religião* prevalecente nos nossos sistemas educacionais. As afirmações da ciência são impressionantes. Mas de que modo se empilham os registros bíblicos, e o que é que a Bíblia diz realmente?

Várias versões da Bíblia e Bíblias de estudo notam que a expressão “a terra era sem forma e vazia” (versículo 2) pode ser traduzida corretamente por “a terra *tornou-se* sem forma e vazia”. A palavra Hebraica *hayah* tipicamente traduzida aqui por “era” quer dizer “tornar-se, ocorrer, acontecer, ser” (*Dicionário Expositivo Completo das Palavras do Antigo e do Novo Testamento de Vine [Vine’s Complete Expository Dictionary of Old and New Testament Words]*, 1985, “Ser”).

Por outras palavras, Deus criou a Terra, mas o Hebraico original pode mesmo indicar facilmente que mais tarde ela se *tornou* “sem forma e vazia”. Isso pode significar que alguma coisa estragou a criação original descrita em Gênesis 1:1 e fez com que Deus restaurasse a ordem dum estado de *caos* —o qual teria acontecido durante seis dias de restauração seguidos de um dia de Sábado para descanso. (Para um registro detalhado de fontes racionais e referências que apoiam esta opinião de Gênesis 1:1-2, por favor, baixe ou peça as nossas publicações gratuitas *Criação ou Evolução: Será que Realmente Importa em que você acredita?* e *A Bíblia Merece Confiança?*)

Temos de compreender que Deus não é o autor da confusão e do caos (ver 1 Coríntios 14:33). Deus é um ser de perfeição, ordem e beleza. O caos e a desordem resultam da rejeição ou rebelião contra Ele. Em Ezequiel 28:15, Deus disse ao poderoso ser angélico algures chamado ‘*estrela da manhã*’ [Lúcifer] “Perfeito *eras* nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade [transgressão da lei] em ti”.

Outras escrituras indicam que uma criação original, anterior (Gênesis 1:1) precedeu a Terra tornar-se, no versículo 2, “sem forma, e vazia” (o Hebraico *tohu* e *bohu* quer dizer uma condição de desordem e confusão caóticas). Isaías 45:18 diz-nos especificamente que Deus “não a criou [a Terra] vazia [*tohu*—para ser um caos (ARA)], mas a formou para que fosse habitada”. A condição caótica, descrita em Gênesis 1:2, apareceu mais tarde.

Aparentemente, este caos resultou da rebelião contra Deus por Lúcifer, agora chamado Satanás (significando “Adversário”) e um terço dos anjos, agora ditos demónios (ver Isaías 14:12-15; Ezequiel 28:12-17; Apocalipse 12:4). Mais tarde, depois de um intervalo de tempo não especificado na Bíblia, Deus restaurou a Terra durante seis dias seguidos pelo Sábado do sétimo dia para uma bela habitação para Sua nova criação, a humanidade (Gênesis 1; Êxodo 20:11).

Por outras palavras, uma disparidade de tempo parece estar indicada entre a criação original descrita em Gênesis 1:1 e a restauração da Terra



Temos dado passos notáveis para descobrir as leis que governam o funcionamento do universo. Porém, os cientistas não podem explicar como quaisquer dessas leis ou o universo apareceram.

Um universo governado por leis

O que é que os cientistas determinaram sobre as leis fundamentais que existiram na origem do nosso universo? Ao contrário de uma estrutura caótica e aleatória—como seria de esperar se não houvesse inteligência envolvida no processo—a conclusão científica geral agora é que o universo se tem expandido dum modo ordeiro desde o seu início. Contudo, ninguém deve ser induzido em erro quanto à simplicidade ou aleatoriedade desta expansão.

Keith Ward, professor de história e professor de filosofia da religião no King’s College, da Universidade de Londres, escreveu: “O universo começou a expandir-se *de um modo muito precisamente ordenado, de acordo com um conjunto de constantes matemáticas e leis básicas* que governam o seu subsequente desenvolvimento num universo com a forma que hoje vemos. *Já existia uma ordem muito complexa de leis quânticas* descrevendo possíveis inter-acções de partículas elementares, e o universo, de acordo com uma teoria principal, originou-se pela operação de flutuações num campo quântico *segundo essas leis*” (*Deus, Acaso e Necessidade [God, Chance & Necessity]*, 1996, p. 17, *itálico adicionado*).

Tais conclusões trazem-nos, outra vez, às questões fundamentais: Quem criou as leis originais que governam a matéria e a energia? Elas apareceram por acaso ou por acidente? Ou foram postas em movimento por um Criador divino?

começando no versículo 3. Este período não especificado pode ter abrangido milhares de milhões de anos, explicando “o tempo enorme” que geólogos e outros cientistas parecem ter descoberto nos últimos dois séculos.

Por conseguinte, a própria Bíblia, quando corretamente entendida, oferece uma solução lógica para este suposto enigma da criação, não tendo nenhum conflito inerente com a possibilidade de que o universo possa ter 15 mil milhões de anos. A Bíblia meramente não diz a idade do universo, ou a da Terra. Mas diz claramente que “no princípio Deus criou os céus e a terra”.

Leis sem um Legislador?

Os cientistas reconhecem que o nosso universo espantoso é regido por leis exatas, precisas. O professor Davies resumiu as conclusões sobre estas leis desta forma: “Cada avanço [científico] traz novas e inesperadas descobertas, e desafia nossas mentes com conceitos incomuns e às vezes difíceis. Mas apesar de tudo isso corre o fio familiar da racionalidade e da ordem . . . Esta ordem cósmica é apoiada por leis matemáticas definitivas que se entrelaçam entre si para formar uma unidade sutil e harmoniosa. As leis são dotadas de uma simplicidade elegante, e, muitas vezes têm-se elogiado a si mesmas perante os cientistas simplesmente na base de beleza intrínseca” (*A Mente de Deus [The Mind of God]*, p. 21).

Como disse Einstein: “Todo mundo que está seriamente envolvido na busca da ciência torna-se convencido que um espírito se manifesta nas leis do Universo—um espírito muito superior ao do homem” (citado de *O Einstein Citável [The Quotable Einstein]*, p. 152)

Será que a preexistência do sistema elaborado e intrincado da lei natural do universo significa que tem de haver um legislador? Ou a ciência pode demonstrar que a origem do universo é apenas o resultado de causas naturais?

O bioquímico Michael Behe escreve: “É comum, quase banal, dizer-se que a ciência tem dado grandes progressos na compreensão da natureza. As leis da física são agora tão bem conhecidas que sondas espaciais voam infalivelmente para fotografar mundos a bilhões de quilômetros da Terra. Computadores, telefones, luzes elétricas e outros exemplos incontáveis testemunham o domínio da ciência e da tecnologia sobre as forças da natureza . . .

“No entanto, a compreensão de *como algo funciona* não é o mesmo que a compreensão de *como ele veio a ser*. Por exemplo, os movimentos dos planetas no sistema solar pode ser previsto com precisão tremenda, no entanto, a origem do sistema solar (a questão de como o sol, os planetas e as suas luas se formaram no primeiro lugar) ainda é controversa. A ciência pode, eventualmente, resolver o enigma. Ainda assim, o ponto é que a compreensão da origem de algo é diferente da compreensão do seu funcionamento no dia-a-dia “ (*A Caixa Preta de Darwin [Darwin’s Black Box]*, p. IX, grifo adicionado).

Muitas pessoas inteligentes e cultas crêem—e têm uma fé como que religiosa—que as leis complexas que governam o universo surgiram puramente por acidente ou acaso. Mas é crível esse ponto de vista? Sabemos de certeza que esse ponto de vista não é apoiado com evidência demonstrável. Eis, pois, a verdadeira questão: Faz sentido acreditar que o universo governado por um sistema preciso de leis bem ordenadas aparecesse por si mesmo?

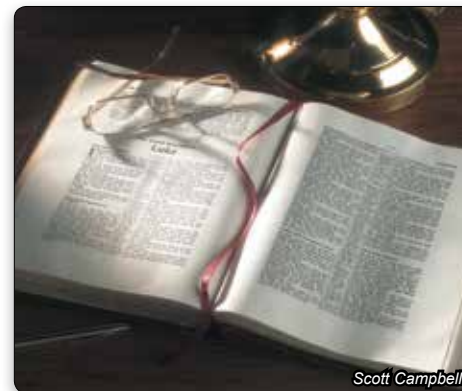
O ponto de vista bíblico

Aqui, uma vez mais, precisamos de prestar toda a atenção ao que as Sagradas Escrituras nos dizem. Elas apresentam-nos um ponto de vista

completamente diferente: “Pois [o SENHOR] *mandou*, e logo foram criados [os céus]. E os confirmou para sempre e *lhes deu uma lei que não ultrapassarão*” (Salmos 148:5-6).

As Escrituras dão a conhecer que Deus criou leis nos “céus” para os governar perpetuamente. “Com as minhas mãos, coloquei a terra no seu lugar e estendi o céu. Dei uma ordem, e eles começaram a existir” (Isaías 48:13 BLH).

Algumas verdades impressionantes estão expressas nesses versículos.



Scott Campbell

Quando compreendemos corretamente o registro da criação bíblica, não vemos conflito entre ela e as descobertas científicas.

Este ponto de vista faz sentido, quando comparado com todas as outras alternativas. É o único ponto de vista que reconcilia todas as dificuldades.

Repare-se a reacção que o astrónomo Hugh Ross teve na primeira leitura do registro bíblico da criação: “Os distintivos [do registro em Gênesis] impressionaram-me imediatamente. O registro é simples, direto e específico. Fiquei admirado com a quantidade de referências históricas e científicas e com os detalhes delas.

“Levou-me uma noite inteira só para investigar o primeiro capítulo. Em vez de mais um outro bizarro mito da criação, aqui estava um registro, como que de um jornal, das condições iniciais da Terra—corretamente descritas sob o ponto de vista da Astrofísica e da Geofísica—seguido de um sumário de sequência de mudanças através das quais a Terra veio a ser habitada por coisas vivas e finalmente por humanos.

“A descrição era simples, elegante e cientificamente correta. Do que eu entendi ser o ponto de vista declarado de um observador da superfície da Terra, ambas a ordem e a descrição dos acontecimentos ajustavam-se perfeitamente ao registro da natureza estabelecida. Fiquei maravilhado” (*O Criador e o Cosmos [The Creator and the Cosmos]*, 1993, p. 15).

A evidência de que o universo teve um princípio claro, com leis pré-determinadas governando todos os seus aspetos, é prova poderosa de que um Deus Criador o fez e o sustém. Este preciso ponto é muitas vezes apontado na Escrituras.

Muitos livros modernos escritos por cientistas estão cheios de pontos de vista de evolução naturalista. A maior parte da instrução moderna é baseada nela. Mas este não é o único ponto de vista mesmo entre os académicos. Considere-se esta franca confissão da *História do Mundo* pela Universi-

dade *Columbia* [The Columbia History of the World]: “Na verdade, o nosso melhor conhecimento corrente, sem a magia poética das escrituras, parece de certo modo menos crível que o registro da Bíblia . . .” (John Garraty and Peter Gay, editores, 1972, p. 3, grifo adicionado).

O jornalista de ciências Fred Heeren aponta que “a tendência atual da cosmologia [o estudo da origem do universo] do século XX . . . tem-se mudado de um ponto de vista que era inconsistente com o registro da criação de Gênesis para um que segue muito bem o antigo cenário [bíblico]. De facto . . . a revelação Hebraica é a única fonte religiosa vinda até nós de tempos antigos que se ajusta ao cenário da cosmologia moderna. E, em muitos casos, a arqueologia do século XX e peritos de história lendária também têm sido forçados a desviar-se de pontos de vista antigos que tratavam a Bíblia como um mito para pontos de vista que tratam a Bíblia como história” (*Mostre-me Deus: O que a Mensagem do Espaço Está a Dizer-nos Acerca de Deus* [Show Me God: What the Message From Space Is Telling Us About God], 1997, prefácio).

Já é tempo de se dar ao livro de Gênesis o devido respeito.

O Nosso Impressionante Universo: Que Tamanho Tem?

Só o tamanho do nosso sistema solar—sem incluir a Via Láctea—é tão grande que desafia a imaginação. Tentemos visualizá-lo numa escala que possamos compreender.

Primeiro imaginemos o Sol com o tamanho de uma laranja. Nessa escala, a Terra é como um grão de areia orbitando o Sol a uma distância aproximada de 9 metros. O gigantesco planeta Júpiter, muitas vezes maior que a Terra, é como um caroço de cereja circulando o Sol a aproximadamente 60 metros. O Saturno, com um tamanho ligeiramente menor que um caroço de cereja, orbita *dois* *quarteirões de distância* do sol. E o Plutão é um outro grão de areia quase a *800 metros* do nosso sol (do tamanho duma laranja).

Como isso se compara com distâncias dentro da nossa galáxia? Nessa escala o vizinho mais próximo do Sol, a estrela Alpha-Centauru, está a 2.000 quilômetros de distância. A nossa galáxia, nessa escala, poderia ser comparada a um grupo de 200 bilhões de laranjas, cada uma à distância média uma da outra de 3.200 quilômetros, com todo o grupo formando uma aglomeração de 32.200.000 quilômetros de diâmetro (mais do que 4½ vezes a distância da Terra ao Sol).

Com base em pesquisas usando seus telescópios mais avançados e de outros instrumentos, os astrônomos estimam que 100 mil milhões ou mais galáxias existem no universo. Eles ainda não encontraram um fim ou a borda do universo; isto é simplesmente



tudo o que podemos detectar com nossos instrumentos mais avançados para perscrutar o espaço até à distância de 10 bilhões de anos-luz. Tais distâncias fazem a viagem espacial humana além do nosso sistema solar impossível. (Adaptado de *Gigantes Vermelhos e Anãs Brancas* [Red Giants and White Dwarfs], 1990, p. 15 por Robert Jastrow).

A quantidade de matéria e energia no universo é insondável

O universo é inimaginavelmente grande. Mesmo quando tentamos colocá-lo em termos que possamos entender, tais tentativas rapidamente falham. Como é que um universo tão incompreensível veio a existir?

para a mente humana. Nós descrevemos distâncias e espaço em termos de anos-luz—a distância que a luz percorre num ano (quase 10 trilhões de quilômetros)—como se pudéssemos compreender isso. Simplesmente, não podemos começar a entender esses tipos de números. Mesmo assim, temos de enfrentar a questão: Como é que tudo isto surgiu?

Ciência e Descobertas Embaraçosas

Robert Jastrow (1925-2008) foi um cientista de credenciais impecáveis. Ele foi o fundador e ex-diretor do Instituto Goddard da NASA para Estudos Espaciais, professor de astronomia e geologia na Universidade Columbia (em Nova York), professor de ciências da Terra do Colégio Dartmouth e diretor do Instituto Mount Wilson, que dirige o mundialmente famoso Observatório Mount Wilson na Califórnia. Ele recebeu o prêmio Arthur Flemming de Altos Serviços prestados no governo dos EUA, a Medalha da Universidade Columbia para a Excelência e a Medalha NASA por Empreendimento Científico Excepcional.



Robert Jastrow

Professor Jastrow também foi um escritor científico prolífico, em

particular na astronomia, cosmologia e exploração espacial. Ele não hesitava em dizer o que pensava, especialmente quando se tratava de descobertas que embaraçavam seus colegas cientistas e suas reações não muito objetivas para tais achados.

Seus comentários dizem muito sobre as atitudes—e às vezes claros preconceitos—que alguns cientistas conservavam contra a possibilidade de um Criador. Embora, pessoalmente, um agnóstico, ele observou que as descobertas científicas e do livro de Gênesis têm muito mais em comum do que muitos de seus colegas estavam dispostos a admitir (grifo nosso ao longo das seguintes aspas).

“A prova astronômica do Princípio coloca cientistas em uma posi-



Ilustração fotográfica por Shaun Venish/Corbis Digital Stock

ção desconfortável, pois eles acreditam que todo efeito tem uma causa natural, e todos os eventos no Universo podem ser explicados por forças naturais, operando em conformidade com a lei física. No entanto, a ciência não encontra nenhuma força na natureza que possa explicar o princípio do Universo; e nem se pode encontrar qualquer evidência de que o Universo já existia antes mesmo desse primeiro momento. O astrônomo britânico E.A. Milne escreveu: ‘Nós

Como começou o nosso universo? O que é que exige mais fé: acreditar que o universo se fez a si próprio do nada ou que um Criador se envolveu nisso?

não podemos fazer qualquer proposição sobre o estado de coisas [no princípio]; no ato divino da criação, Deus não é observado [pelos cientistas] e fica sem testemunhas” (A *Encantada Aparição: Inteligência no Universo* [The Enchanted Loom: Mind in the Universe], 1981, p. 17).

“Os cientistas não têm prova que a vida não fosse o resultado de um ato de criação, mas são compelidos pela natureza da sua profissão a procurar explicações para a origem da vida situadas dentro dos limites da lei natural. Eles perguntam-se, ‘Como apareceu a vida a partir da matéria inerte? E qual é a probabilidade desse acontecimento?’ E para seu desgosto *eles não têm uma resposta definida*, porque os químicos nunca conseguiram reproduzir experiências da natureza sobre a criação da vida a partir de matéria inerte.

“Os cientistas não sabem como isso aconteceu, e, mais ainda, eles não sabem a probabilidade desse acontecimento. É possível

que seja pequeníssima, e que o aparecimento de vida num planeta seja *um acontecimento de probabilidade miraculosamente baixa*. Talvez a vida na Terra seja única neste Universo. Nenhuma evidência científica impede essa possibilidade” (Ibid., p. 19).

“A idéia de que o Universo explodiu e assim começou a sua existência . . . é chamada muitas vezes a teoria do Big Bang . . . Esse foi, *literalmente, o momento da criação. Esta é uma visão da origem do mundo que é curiosamente bíblica*. Os detalhes da história dos astrônomos diferem grandemente dos da Bíblia; em particular, a idade do Universo parece ser muito maior que os 6.000 anos da descrição bíblica [como normalmente é interpretada—na verdade a Bíblia permite uma criação muito antes]; mas os registros astronômicos e bíblicos do Gênesis são parecidos num ponto essencial: *Houve um princípio, e todas as coisas no Universo podem ser traçadas desse princípio*” (Viagem às Estrelas: Exploração Espacial—Amanhã e Além [Journey to the Stars: Space Exploration—Tomorrow and Beyond], 1989, p. 47).

“Agora nós vemos como a evidência astronômica se dirige para uma visão da origem do mundo que é bíblica. Os detalhes diferem, mas *os elementos essenciais das conclusões astronômicas e dos registros bíblicos de Gênesis são os mesmos*: a cadeia dos acontecimentos que levaram ao homem começou repentina e claramente num momento preciso no tempo, numa aparição instantânea de luz e energia. Alguns cientistas não se sentem bem com a idéia de que o mundo começou assim” (Deus e os Astrônomos [God and the Astronomers], 1978, p. 14).

“Geralmente, os teólogos ficam encantados com provas de que o Universo teve um princípio, mas, curiosamente, os astrônomos estão aborrecidos. As suas reações apresentam uma interessante demonstração da reação da mente científica (que é supostamente uma mente objectivíssima), quando as evidências descobertas pela própria ciência leva a um conflito com os artigos de fé da nossa profissão científica. Acontece que o cientista reage, como o resto de nós reage, quando as nossas crenças estão em conflito com a evidência: Tornamos-nos irritados, pretendemos que não é assim, ou cobrimos a realidade com frases sem sentido” (Ibid., p. 16).

“Há uma mistura estranhosa de sentimentos e emoções nestas reações [dos cientistas perante a evidência que o universo teve um começo súbito]. As reações vêm do coração, quando seria de esperar que as reações de cientistas viessem do raciocínio. Por quê?

“Eu acho que parte da resposta é que os cientistas não podem suportar a idéia de um fenómeno natural que não pode ser explicado, mesmo com tempo e dinheiro ilimitados. Há uma espécie de religião na ciência; é a religião de uma pessoa que crê que há ordem e harmonia no Universo. Cada evento pode ser explicado de um modo racional como o produto de algum evento anterior; cada efeito

tem de ter a sua causa; [mas no caso que o mundo teve um princípio] não há *Causa Primária* . . .

“Esta fé religiosa do cientista é violada pela descoberta de que o mundo teve um princípio sob condições nas quais as leis conhecidas da física não são válidas, e que foi um resultado de forças ou circunstâncias que nós não podemos descobrir. Quando isso acontece, o cientista perdeu o controle . . .

“Consideremos a enormidade do problema. A ciência provou que o Universo explodiu [*isto é, repentinamente apareceu*] e assim começou a sua existência num determinado momento. Pergunta-se: Qual foi a causa que produziu este efeito? Quem ou o que é que foi que pôs a matéria e a energia no Universo? O Universo foi criado do nada, ou foi colhido de materiais pré-existentes? E a ciência não pode responder a estas perguntas . . .” (Ibid., pp. 113-114).

“Pode existir uma explicação legítima para o nascimento explosivo [*aparição repentina*] do nosso Universo; mas, se existe, a *ciência não pode encontrar qual é a explicação*. A busca do passado pelo cientista termina no momento da criação. Este desenvolvimento é extremamente estranho, inesperado por todos, exceto pelos teólogos, que aceitaram sempre a palavra da Bíblia: ‘*No princípio Deus criou o céu e a terra*’ . . .

“Agora, nós gostaríamos de continuar essa investigação ainda mais para trás no tempo, mas a barreira para mais progresso parece insuperável. Não é uma questão de mais um ano, de mais uma década de trabalho, de uma outra medida, ou outra teoria; neste momento parece que a *ciência nunca será capaz de levantar a cortina do mistério da criação*. Para o cientista que tenha vivido na sua fé do poder da razão, o assunto acaba como um pesadelo. Ele escalou as montanhas da ignorância; está prestes a conquistar o pico mais alto; e quando sobe a última rocha, *é saudado por um bando de teólogos que nela já têm estado há séculos*” (Ibid., pp. 115-116).

A Bíblia é frequentemente citada, mas pouco entendida ou acreditada. **A Bíblia não se contradiz!** Você acredita nisso?

Para saber mais sobre este assunto, solicite a sua cópia gratuita do nosso guia de estudo ou baixe da internet: **A Bíblia Merece Confiança.**



portugues.ucg.org/estudos

A Nossa Espantosa 'Nave Espacial Terra'

Os cientistas de muitos setores têm descoberto que o nosso planeta não está só pleno de vida como parece ter sido expressamente projetado para a vida. Parece que uma inteligência espantosa deve estar por trás das condições perfeitas da Terra. O que é que essa inteligência nos diz?

Alguma vez imaginou viajar através do espaço? A possibilidade soa excitante para a maioria das pessoas.

Por incrível que pareça, nós *já* estamos a viajar através do espaço—mas sem darmos por isso! O nosso planeta pode ser perfeitamente comparado a uma nave espacial gigante transportando mais de 7 bilhões de pessoas juntamente com bilhões de animais e plantas. O cientista Americano Buckminster Fuller cunhou o termo adequado para descrever o nosso planeta: “Nave Espacial Terra”.

Nós estamos a ser verdadeiramente projectados através do espaço nesta gigante nave espacial chamada Terra—à fantástica velocidade média de 107.182 Kms/hora (em relação ao Sol). Isto é muito mais rápido do que as mais rápidas aeronaves humanas. Ao mesmo tempo, este veículo espacial está girando a 1.600 Kms por hora a nível do equador. Nós damos, todos os anos, uma volta completa ao sol—uma viagem de quase um bilhão de quilómetros!

Contudo, talvez o aspecto mais espantoso da nossa viagem é que *nós não sentimos o nosso passeio de modo algum*. Obviamente, quando viajamos num carro à velocidade de 80Km/hora, podemos sentir a velocidade e ver a paisagem a passar-nos ao lado. Porém, o paradoxo é que uma vez que saímos do carro tudo na Terra nos parece estar em repouso—mas ainda estamos viajando a uma velocidade fantástica.

Se nós terminarmos a jornada da nossa vida com uma longevidade média, teremos viajado à volta do sol umas 76 vezes, e percorrido mais de 70 bilhões de quilómetros—o equivalente a ir e vir várias vezes a Plutão! E tudo isto acontecendo sem sentirmos a velocidade ou estarmos conscientes da mesma viagem. Esta é uma das incríveis características da nossa notável nave espacial.

O nosso planeta privilegiado

As descobertas científicas dos últimos 30 anos têm destruído a idéia que era popular entre alguns cientistas e académicos de que vivemos num planeta corriqueiro, simples, sem destaque. Esta idéia era resumida na opinião

do astrónomo Carl Sagan, que falava da “*ilusão* que temos uma posição *privilegiada* no Universo” (*Ponto Azul Pálido* [*Pale Blue Dot*], 1994, p. 7, ênfase adicionada).

Nós avançámos muito da noção semelhante, que foi proposta pelo filósofo Bertrand Russell, e que afirmava que a humanidade é meramente, como ele a descreveu, “um acidente curioso em águas estagnadas” (*Religião e Ciência* [*Religion and Science*], 1961, p. 222). Consoante as descobertas científicas se têm acumulado, o planeta Terra tem demonstrado que não é uma região de águas estagnadas mas, ao contrário, é um planeta *muito privilegiado*.

O astrónomo Guillermo Gonzalez e o filósofo Jay Richards escreveram recentemente um livro sobre as mais recentes descobertas científicas que refutam a afirmação de Sagan de que vivemos num planeta insignificante. Eles intitularam o livro apropriadamente: *O Planeta Privilegiado* (*The Privileged Planet*).

Em vez de um universo que se pensava estar possivelmente a transbordar de vida, mais e mais cientistas se apercebem agora das raras qualidades do nosso globo terrestre. Os cosmólogos Peter Ward e Donald Brownlee escreveram em 2003 o livro *Terra Rara: Por que a Vida Complexa é Incomum no Universo* (*Rare Earth: Why Complex Life Is Uncommon in the Universe*) para explicar algumas das características únicas do nosso planeta e como seria difícil duplicar estas condições noutro planeta.

De igual modo, o influente compêndio de ciências *Earth* (*Terra*) começa a sua introdução com uma secção intitulada “a exclusividade do planeta Terra” (Frank Press e Raymond Siever, 1986, p. 3). Têm de haver tantos factores absolutamente certos para se duplicar os feitos da nossa Nave Espacial Terra que a esperança está enfraquecendo lentamente, de alguma vez encontrar vida inteligente em outros planetas.

Explicam os Drs. Gonzalez e Richards: “Desde o século dezassete ao século vinte, muitos esperaram encontrar vida inteligente, mesmo superior, na Lua, Marte e outros planetas no Sistema Solar . . . Agora, no princípio do século vinte e um, apesar da grande publicidade dos entusiastas de vida em Marte, a busca mudou-se dos planetas para algumas afastadas luas obscuras. Ao mesmo tempo, as aspirações têm diminuído substancialmente” (*O Planeta Privilegiado* [*The Privileged Planet*], 2004, p.253).

Quais são algumas das notáveis características da nossa Nave Espacial Terra? Exploreemos algumas delas para podermos apreciar como é cuidadosamente criada em pormenores ínfimos. Então, podemos perguntar: *Todas estas condições exatas podiam ser unicamente um acidente da sorte?* E, de mãos dadas, uma outra questão crucial: *Qual é o propósito final da caminhada da nossa vida através do espaço?*

Uma maravilhosa ‘janela’ para ver através do universo

Tal como toda a nave espacial tem uma escotilha para ver o exterior, assim, de igual modo, actua a nossa atmosfera.

Com efeito nós temos uma janela muito melhor do que uma nave espacial comum. A nossa “janela” nesta Nave Espacial Terra não está limitada a uma determinada área de visualização, mas, na verdade, abrange todo o planeta. É como se tivéssemos um cristal poroso com a espessura de 700 Kms que permite todos a bordo ter uma visão completa de tudo fora do nosso planeta e contudo ainda bloqueia o espaço intergaláctico sem ar.

Alguns planetas estão cobertos por nuvens espessas que tornam impossível ver-se deles para fora. Mas a nossa atmosfera permite-nos *ver e descobrir* o universo à nossa volta. Assim, a nossa Terra é um navio de exploração.

A cobertura transparente que cobre o planeta abriga também uma fonte renovável de oxigénio para os seres humanos e animais, e dióxido de carbono e nitrogénio para as plantas. Também proporciona a pressão de ar adequada para os seres vivos. A borda externa desta concha translúcida é composta de uma camada de ozónio que protege a vida dos raios ultravioletas prejudiciais.

Por mais estranho que possa parecer, esta cobertura até vem equipada com um campo de força magnética protetora! Soa como algo da série de TV *Guerra das Estrelas* (*Star Trek*), mas é verdade. Temos um campo magnético gerado pelo núcleo de ferro girando no centro do nosso planeta que desvia os raios cósmicos prejudiciais e ventos solares mortais. Sem esses recursos, a vida aqui não seria possível.

Por fim, mas não menos importante, esta maravilhosa cobertura contém uma “cortina” que se ajusta automaticamente para sombrear a superfície terrestre de demasiada exposição à luz. Este manto delicado é formado pelas nuvens, as quais lançam sombras que cobrem cerca de 60% da superfície da Terra em qualquer momento dado.

O que está na cabine do piloto?

Que acontece se entrarmos na cabine do piloto? O que encontramos?

Inacreditavelmente, não há piloto a bordo, mas em vez disso encontramos



Ao contrário de todos os outros planetas até agora descobertos, a Terra é uma cintilante bola azul delicadamente adaptada para que a vida exista com sucesso. Esta adaptação delicada é acidental?

um sistema de “auto-piloto” dirigido por leis físicas cuidadosamente ajustadas. Conquanto não se veja ninguém fisicamente a bordo da nossa nave espacial para dirigir o sistema, o nosso planeta obedece fielmente às ordens pre-programadas e primorosamente afinadas e completa a sua viagem de um ano à volta do sol, regressando obedientemente ao seu ponto de partida para novamente começar um outro circuito.

O que é que mantém a Terra na sua órbita? É principalmente a força gravitacional do sol que mantém o planeta na sua rota circular. Verdadeiramente, como diz a Bíblia acerca do nosso Deus onnipotente e invisível, “estendeu o céu sobre o vazio e *suspendeu a terra por cima do nada*,” (Job 26:7 BLH). Esse “nada” é o espaço exterior onde a Terra se “suspende” em nada através da invisível força da gravidade.

Nesta cabine, ainda que invisível, está o equivalente a centenas de elaborados mostradores, cada um regulando um aspecto das características do nosso planeta. Cada um destes mostradores foi cuidadosamente calibrado para permitir que a vida floresça no planeta. Não se pode ver o grande Engenheiro que montou o sistema, mas pode-se medir a precisão de cada configuração—e cada uma delas está absolutamente no alvo!

O professor Robin Collins traça esta comparação relativamente às configurações precisas da Terra: “Eu gosto de usar a analogia dos astronautas a aterrar em Marte e encontrar uma biosfera fechada, como a da cúpula que foi construída no Arizona há alguns anos. No painel de controlo vê-se que todos os botões de controle para o seu ambiente estão perfeitamente ajustados para a vida. A proporção do oxigénio é perfeita; a temperatura é de 21°C; a humidade é de 50%; há um sistema para renovar o ar; há sistemas para produzir comida, gerar energia e dispor dos resíduos.

“Cada botão de controle tem uma enorme gama de possíveis configurações, e pode-se ver que se ajustarmos um ou mais deles apenas um pouco, o ambiente desequilibrar-se-ia e a vida tornar-se-ia impossível” (citado por Lee Strobel, *O Processo para um Criador* [*The Case for a Creator*], 2004, p. 130).

Tudo—tudo, até *no mais ínfimo dos detalhes*—está “ajustado” perfeitamente para vivermos confortavelmente neste planeta. Nós temos um vislumbre do maravilhoso Desenhista que montou todo o sistema quando a Bíblia diz: “o Deus que *formou* a terra . . . *não a criou vazia*, mas a formou para que *fosse habitada*” (Isaías 45:18).

Verdadeiramente, o nosso planeta não é um acidente do acaso visto que a evidência mostra que foi cuidadosamente desenhado para ser *habitado* pela humanidade e por todas as outras formas de vida.

Os motores da nave espacial

O que é que move e projecta esta nave através do espaço? Existem “dois motores” a bordo, um empurra o planeta para a frente e o outro mantém-no girando e abastecendo o seu calor interior.

A força centrípeta causada pela gravidade mantém o globo na sua órbita.

Quando um objecto atinge uma certa velocidade e é girado por forças centrípetas, ele mantém-se num circuito estável à volta do centro. É isto o que a Terra faz quando orbita em torno do sol. E a distância do nosso planeta ao sol, embora ligeiramente variável, é perfeita para a vida—nem muito próximo do sol para que nos queimemos, nem muito distante para que nos congelemos.

A Terra, ao orbitar o sol, viaja através do espaço à velocidade de aproximadamente 108.000Km/hora. Essa velocidade contrabalança perfeitamente a atracção gravitacional do sol e mantém a órbita da Terra à distância adequada dele. Se a velocidade da Terra fosse menor, ela seria gradualmente arrastada para o sol, eventualmente abrasada e a vida seria extinta. Mercúrio, o planeta mais próximo do sol, tem uma temperatura diurna de cerca de 316°C.

Porém, se a velocidade da Terra fosse maior, com o tempo, ela afastar-se-ia do sol tornando-se uma desolação gelada como Plutão, eliminando também toda a vida, com uma temperatura negativa de à volta de -184°C.

O segundo motor está no interior profundo da própria Terra. Aí, o combustível é feito de elementos radioactivos em decadência que aquecem o planeta e movem as placas tectónicas. Os geologistas Frank Press e Raymond Siever chamam a isto “um gigantesco mas delicadamente equilibrado motor de aquecimento abastecido por radioactividade” (*Terra* [*Earth*], p. 4).

“Não só as placas tectónicas assistem com o desenvolvimento de continentes e montanhas, que evitam uma inundação mundial,” acrescenta o astrónomo Guillermo Gonzalez, “mas também impulsiona os ciclos de dióxido de carbono e rochas da Terra. Isso é importante para regular o meio ambiente através do equilíbrio de gases de efeito estufa e manter a temperatura do planeta em um nível habitável . . .

“Esta decadência radioactiva também ajuda a impulsionar a convecção do ferro líquido que envolve o núcleo da Terra, o qual resulta num fenómeno surpreendente: a criação de um dínamo que realmente gera o campo magnético do planeta” (citado por Strobel, pp.182-183).

Certamente, como Provérbios 3:19 diz: “O SENHOR, com sabedoria, fundou a terra; preparou os céus com inteligência.”



A atmosfera da Terra está primorosamente ajustada com uma mistura de gases em perfeitas proporções para a vida.

A cabine de passageiros

E que dizer sobre a cabine de passageiros da Nave Espacial Terra? Quão bem desenhada é? Vemos que o nosso planeta fornece todo o conforto que um passageiro espacial possa desejar—comida abundante e deliciosa, água com fartura, cenário vistoso e divertido, um clima confortável, trabalho desafiador e muito espaço para ter uma família.

O nosso planeta é uma verdadeira arca de Noé com animais e plantas viajando na sua jornada sem fim através do espaço. É uma unidade auto-suficiente com recursos renováveis que podem durar potencialmente ainda milhares de anos, se devidamente cuidados.

A atmosfera na cabine de passageiros está perfeitamente sintonizada para a vida. Nenhum outro planeta em nosso sistema solar tem algo remotamente parecido. Alto na atmosfera, o ozônio bloqueia as irradiações causadoras de cancro emanadas pelo sol. A atmosfera também nos protege de meteoros, queimando-se na maioria das vezes, muito antes de chegarem à Terra. Caso contrário eles iriam causar grandes danos e perdas de vida.

A nossa atmosfera contém uma mistura de gases em perfeitas proporções para manter a vida. O oxigênio constitui 21% do ar. Sem oxigênio toda a vida animada—incluindo toda a vida humana—morreria dentro de minutos. Mas oxigênio em demasia é tóxico e torna os materiais combustíveis mais inflamáveis. Se a proporção do oxigênio no ar aumentar somente para 24%, incêndios destruidores aconteceriam frequentemente e seriam muito mais difíceis de controlar. Objetos ao nosso redor poderiam, literalmente, explodir em chamas.

O nitrogênio, constituindo 78% da atmosfera da Terra, dilui o oxigênio e serve uma função vital como fertilizante para as plantas. Todos os dias, no nosso planeta, milhões de relâmpagos gerados por trovoadas misturam algum nitrogênio com oxigênio, criando compostos que depois são descarregados pela chuva para a Terra onde podem ser utilizados pelas plantas.

O dióxido de carbono completa a maior parte do resto da nossa atmosfera. Sem ele a vida das plantas seria impossível. As plantas necessitam de dióxido de carbono, o qual absorvem enquanto expelem oxigênio. Os animais e os seres humanos actuam ao contrário, inspiram oxigênio e expiram dióxido de carbono. A vida da flora sustenta a vida humana e da fauna e vice-versa num ciclo auto-sustentável, magnífico e minucioso.

Uma outra condição que torna a Nave Espacial Terra hospitaleira para a vida é o seu tamanho, o qual determina a sua gravidade que por sua vez afeta a atmosfera. Se a Terra fosse um pouco maior, tornando a sua gravidade ligeiramente mais forte, o hidrogênio, um gás leve, seria incapaz de se libertar da gravidade da Terra e acumular-se-ia na nossa atmosfera, tornando-a inospitável para a vida. Contudo, se a Terra fosse ligeiramente mais pequena, o oxigênio—necessário para a vida—escaparia e a água evaporar-se-ia. Assim, se o nosso planeta fosse um pouco maior ou mais pequeno, a vida humana não poderia existir aqui.

Mas isto não é tudo. Até a espessura da crosta terrestre desempenha um papel regulador da nossa atmosfera. Se a crosta terrestre fosse muito mais grossa ela açambarcaria oxigênio, debaixo da superfície, como óxidos. Mas uma crosta mais fina deixar-nos-ia susceptíveis a frequentes tremores de terra e devastadores vulcões que permeariam a nossa atmosfera com cinzas vulcânicas.

Quão importante é o equilíbrio exacto da nossa atmosfera? Vénus, o nosso vizinho planeta, sofre do que se supõe ser o efeito descontrolado de estufa no qual o calor é retido e não pode libertar-se. O cientista planetário da NASA John O'Keefe nota que a Lua, estéril e sem vida “é um lugar amigável comparado com Vénus, aonde, do céu, cai da altura de quarenta quilómetros uma chuva de ácido sulfúrico concentrado para uma superfície tão quente como chumbo em ebulição” (*Deus e os Astrónomos* [*God and the Astronomers*], 1992, p. 117).

Para conservar a temperatura confortável para os passageiros, o nosso planeta permanece em órbita à distância precisa do sol e está desenhado com uma inclinação ótima de 23,5 graus. Como indica Fred Meldau em *Porque Acreditamos na Criação não na Evolução* (*Why We Believe in Creation Not in Evolution*): “Se a Terra tivesse uma inclinação de 45 graus em vez da que tem, as zonas temperadas teriam calor tórrido no verão e frígido no inverno. Por outro lado, se o eixo da Terra fosse vertical ao plano da órbita, Janeiro e Julho teriam o mesmo clima e o gelo acumular-se-ia durante seis meses cobrindo muito dos continentes e durante outros seis seriam inundados” (1972, pp. 27-28).

O astrónomo Hugh Ross aponta alguns de outros meios pelos quais o nosso planeta está perfeitamente equilibrado para a vida: “Agora os bio-químicos concordam que para a vida molecular operar de maneira que os organismos possam viverem requer-se um ambiente onde a água líquida seja estável. Isto quer dizer que um planeta não pode estar muito próximo da sua estrela nem muito distante. No caso da Terra uma mudança da distância ao sol de apeans 2% removeria toda a vida do planeta . . .

O período de rotação de um planeta, que suporte vida, não pode ser mudado por mais que por uns tantos por cento. Se a rotação do planeta for demorada a diferença da temperatura entre o dia e a noite será muito grande. Por outro lado, se a rotação for muito rápida, a velocidade do vento subirá a níveis catastróficos. Por exemplo, um dia calmo em Júpiter, cujo período de rotação é de dez horas, tem ventos com velocidade de milhares de quilómetros/hora . . . ” (*O Criador e o Cosmos* [*The Creator and the Cosmos*], 2001, pp. 135-136).

Por contraste à rotação de dez horas de Júpiter a do nosso vizinho planeta Vénus é de 243 dias. Se a rotação da Terra fosse tão demorada a vida das plantas seria impossível por causa da extensa escuridão e extremos de calor e frio devido aos longos dias e às longas noites.

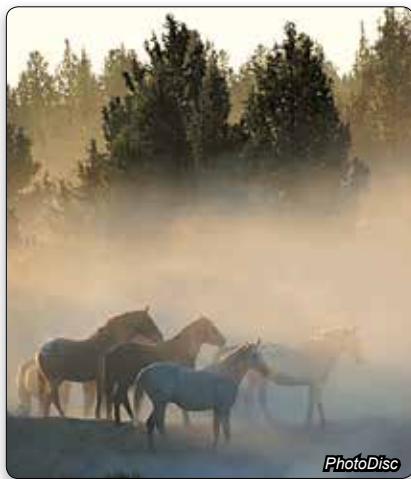
Lê-se em Salmos 104:24: “Ó SENHOR, quão variadas são as tuas obras!

Todas as coisas fizeste com *sabedoria*; *cheia* está a terra das tuas riquezas.”

Uma esquadra protectora de naves espaciais

A nossa nave terrestre não só tem um campo de força magnética e fontes renováveis, como também tem um número de naves espaciais que a acompanham para a estabilizar e proteger.

A primeira delas é a Lua. É um verdadeiro cavalo de trabalho. Não só protege o nosso planeta de quedas de meteoros (é só ver a sua superfície por um telescópio!) como estabiliza a inclinação vital da Terra.



A fauna e a flora do nosso planeta não existem simplesmente; elas são uma fonte de grande beleza e prazer para nós.

ou rejuvenescer adequadamente (com oxigénio) as águas dos oceanos” (Porque Acreditamos na Criação Não na Evolução [Why We Believe in Creation Not in Evolution], p. 31).

É também notável o tamanho relativo e a localização da lua em relação ao sol. O diâmetro do sol é 400 vezes o da lua, mas também está 400 vezes mais distante—uma disposição que produz eclipses solares perfeitos quando observados da Terra.

Este fenómeno extraordinário tem revelado factos científicos cruciais sobre a composição do sol e outras estrelas, bem como fornecido evidência concreta da teoria da relatividade de Einstein (uma vez mais ilustrando como a Terra está de tal modo colocada para nos permitir fazer

Tal como um relógio tem pesos contra-balançantes, assim pois a lua actua como contra-balanço da Terra, mantendo a inclinação do planeta cuidadosamente ajustada para permitir as quatro estações do ano. Esta inclinação permite os raios solares aquecer uniformemente o globo, do mesmo modo que um grelhador rolante assa lentamente uma galinha.

A Lua, juntamente com o sol, também regula as nossas marés marítimas. Elas ajudam a água a circular nos oceanos e a retirar os resíduos das costas marítimas. “Se a lua estivesse a metade da distância, ou o seu diâmetro fosse o dobro,” diz Fred Meldau, “as marés-altas destruiriam os nossos portos . . . Se a lua fosse mais pequena e estivesse a maior distância não teria influência suficiente nas marés para limpar os portos

descobertas científicas do universo).

Mas a Lua é simplesmente a primeira da frota protectora da Nave Espacial Terra. Os dois gigantes gasosos, Júpiter e Saturno com as suas fortes atracções gravitacionais, também ajudam a proteger o planeta funcionando como gigantes aspiradores de pó, varrendo o sistema solar de cometas e asteroídes perigosos. Os astrónomos testemunharam um exemplo resoluto de tal protecção em 1994, quando Júpiter recebeu um golpe do cometa Shoemaker-Levy 9 que se quebrou devido à atracção gravitacional de Júpiter e se esmagou na sua atmosfera.

O Dr. Hugh Ross descreve como estes planetas executam um papel vital na preservação da vida na Terra: “No fim de 1993, o cientista planetário George Wetherell, da Instituição Carnegie, de Washington, D.C., fez uma descoberta excitante sobre o sistema solar. Ao observar no computador simulações do nosso sistema solar, ele viu que sem um planeta com o tamanho de Júpiter posicionado onde ele está, a Terra seria atingida cerca de mil vezes mais do que o que já é por cometas e fragmentos de cometas. Por outras palavras, sem Júpiter, impactos como o que se pensa que destruiu os dinossauros, seriam vulgares.

“Eis como funciona o sistema de protecção. Júpiter é duas vezes e meia mais pesado que todos os outros planetas juntos. Por causa da sua enorme massa tem uma enorme força de gravidade, e a sua posição entre a Terra e a nuvem de cometas que envolvem o sistema solar, Júpiter ou atrai (pela gravidade) cometas a colidirem com ele mesmo, como aconteceu em Julho de 1994, ou, mais vulgarmente, desvia os cometas (também pela gravidade) para fora do sistema solar. No dizer de Wetherell, se não fosse por Júpiter ‘nós não estaríamos aqui a estudar as origens do sistema solar’.

“Nem estaríamos aqui se não fossem as altas regularidades das órbitas de Júpiter e de Saturno. Também em Julho de 1994, o astrofísico Francês Jacques Laskar concluiu que se os planetas periféricos fossem orbitalmente menos regulares, os movimentos dos planetas internos seriam caóticos, e a Terra sofreria alterações orbitais tamanhas que alterariam a sua estabilidade climática. Por outras palavras, o clima da Terra seria inadequado para a vida . . . Por isso até mesmo as características das órbitas de Júpiter e de Saturno têm de se ajustar a certos limites estreitamente definidos para que a vida na Terra seja possível . . .” (O Criador e o Cosmo [The Creator and the Cosmos], pp. 137-138).

Como anota o livro *O Planeta Privilegiado* (The Privileged Planet): “A existência dum bom posicionamento da Lua, das órbitas planetárias circulares . . . de remotos planetas gigantes de gases que varrem o Sistema Solar dos cometas que podiam destruir a vida . . . tudo isto e mais é profundamente importante para a existência de formas complexas de vida no nosso planeta” (p. 256).

Viajar na zona certa

A Nave Espacial Terra não só está à distância certa do sol para ter um

clima temperado, como o seu sistema solar está numa excelente vizinhança de estrelas. Está entre dois braços espirais da Via Láctea, muito distante do perigoso centro galáctico ou dos ramos espirais, e está no que os astrónomos chamam uma “zona segura”.

Guillermo Gonzalez explica: “obviamente, o tipo da galáxia otimiza a habitabilidade, porque fornece zonas seguras. E acontece que a Terra está localizada numa zona segura, razão pela qual a vida pode florescer aqui . . .

“Lugares em que existe uma formação activa de estrelas são muito perigosos, porque é onde há supernovas a explodir com considerável frequência. Na nossa galáxia, esses lugares perigosos estão principalmente nos ramos espirais, aonde também há nuvens moleculares gigantes e perigosas. Felizmente, de qualquer forma, acontece que nós estamos situados seguramente entre as espirais Sagitário e Perseu da Via Láctea” (citado por Strobel, p.169).

Esta zona limpa é uma boa vantagem para se ver a nossa galáxia e o resto do universo—demonstrando, uma vez mais, o modo como a nossa nave espacial exploradora está situada para descobertas cósmicas.

Algumas perguntas difíceis

Podemos aprender muito examinando o universo com telescópios, ou observando a vida através de um microscópio, mas, mesmo com os melhores instrumentos científicos, nunca encontraremos o propósito final de *por que* viajamos através do espaço ou qual é o significado da nossa existência.

Tudo quanto podemos inferir das minuciosas leis naturais e das características finamente ajustadas do nosso planeta é que a Terra foi optimamente desenhada para a vida e para o entendimento científico. Até um astrofísico cético como Stephen Hawking admite isso mesmo sobre o assunto da vida. Escreve John Boslough: “Wheeler concorda com Hawking e Carter, que o nosso próprio universo está *precisamente afinado de modo único para produzir vida*, mesmo se num pequeno canto perdido” (*O Universo de Stephen Hawking* [Stephen Hawking's Universe], 1985, p. 125).

O bioquímico Michael Denton depois de avaliar a evidência astronómica e biológica chega a esta conclusão: “Quatro séculos depois da revolução científica a ciência não fornece nenhuma evidência significativa de que qualquer forma de vida alternativa seja possível . . . A exploração científica não encontrou sinal algum de outras formas de vida, nenhum fragmento de evidência de qualquer outra coisa aparte de nós mesmos, ou do nosso tipo de vida tal como existe na Terra.

“Ao contrário, a ciência tem revelado um universo estampado em todo o canto, delineado em todo o mais pequeno detalhe, com um *desenho* onipresente e predominantemente bio-cêntrico [desenhado para a vida] e antropocêntrico [desenhado para a humanidade]” (*O Destino da Natureza: Como as Leis da Biologia Revelam Propósito no Universo* [Nature's Destiny: How the Laws of Biology Reveal Purpose in the Universe], 1998, p. 380).

Assim, aqui estamos nós, viajando nesta nave espacial chamada Terra, e tudo o que vemos à nossa volta está cuidadosamente desenhado e calibrado para sustentar a nossa existência. Não admira que o registro da criação, no Gênesis, termine com este sumário da obra de Deus: “E Deus viu que tudo o que havia feito *era muito bom*” (Gênesis 1:31 BLH).

A Importância de Água Sustentadora de Vida

Tantas das formas de vida do nosso planeta estão dependentes de um ambiente no qual a água líquida seja estável. Isto significa que a Terra não deve estar nem muito próxima nem muito longe do sol. Os astrónomos calculam que se a distância da Terra ao sol mudasse em apenas 2%, a vida toda poder-se-ia extinguir porque a água ou se congelaria ou se evaporaria.

Outro factor que torna a vida possível na Terra é uma característica invulgar da água quando ela congela. A água é uma substância tão comum que a maior parte de nós nem pensa que o balanço da vida depende das suas simples propriedades físicas.

A água é uma das poucas substâncias que se expande quando congela. A maior parte das subs-



As características únicas da água são cruciais para a vida na Terra. Se o nosso planeta estivesse simplesmente um pouco mais próximo, ou um pouco mais distante do sol, a água da Terra evaporar-se-ia ou congelar-se-ia.

tâncias quando congelam tornam-se mais densas e afundam-se se forem postas numa vasilha com a mesma substância em estado líquido. Mas isto não se dá com o gelo na água. Visto que a água expande o seu volume um décimo, quando congela, o gelo tem a invulgar característica de flutuar à flor da água.

Quando os rios e os lagos se congelam no Inverno, congelam-se à superfície, com o gelo formando uma barreira que impede que a água mais densa, por baixo, se congele e por conseguinte conserva

a vida aquática durante tempo muito frio. Se o gelo agisse como a maior parte de outros compostos, ele afundar-se-ia, e os rios e os lagos congelariam a partir do leito para cima. Eventualmente, todos os corpos de água se solidificariam, eliminando a maioria da vida tal como a conhecemos.

Criação ou Evolução?

A Bíblia era aceita como uma história verdadeira e confiável de nossas origens. Mas, recentemente a teoria da evolução proposta por Darwin tomou o mundo pela tempestade, com consequências previsíveis e trágicas.

Por que a teoria da evolução se tornou tão amplamente aceita, e por que a Bíblia passou a ser vista com tanta hostilidade? O que mudou?

Muitas pessoas educadas aceitam a teoria da evolução. Mas será que é verdade?

Você pode saber se a evolução é verdadeira. Temos esperança que você examinará cuidadosamente as evidências.

Para saber mais sobre este assunto, solicite a sua cópia gratuita do nosso guia de estudo ou baixe da internet:

Criação ou Evolução: Será que realmente importa em que você acredita?



portugues.ucg.org/estudos

O Doador de Vida

Como começou a vida? Como surgiu a assombrosa variedade de animais e plantas no nosso planeta? A evolução é apresentada como a resposta, mas é destruída perante a evidência científica. As próprias criaturas viventes revelam uma história muito diferente.

Como começou a vida? A vasta gama da vida da Terra evoluiu do nada? Como é que matéria inerte, sem vida, se torna tecido vivo? Que processo químico transforma substâncias inertes em organismos vivos? Podem esses processos começar espontaneamente, ou requerem intervenção miraculosa? A vida pode ser convincentemente atribuída a uma causa sobrenatural—a um Doador de vida?

Estas são questões fundamentais para as quais precisamos de respostas críveis.

Esta área é particularmente embaraçosa para os que abraçam com entusiasmo a explicação evolucionista da vida. Mesmo Richard Dawkins, o ateu evolucionista duro de torcer, admite que “a essência da vida é estatisticamente improvável numa escala gigantesca. Por conseguinte, qualquer que seja a explicação da vida, ela não pode ser o acaso. A verdadeira explicação da existência da vida tem de incluir a própria antítese do acaso” (*O relojoeiro Cego [The Blind Watchmaker]*, p. 317, ênfase adicionada).

A ciência não consegue provar convincentemente a teoria da evolução de que a vida surge de matéria inerte. Simplesmente, não existe evidência sólida de geração espontânea, a despeito de anos de tentativas concertadas.

Permanece o facto de que nenhuma evidência científica prova que a vida veio de matéria inerte. As tentativas para mostrar que a vida pode espontaneamente gerar do que não é vivo têm, ao contrário, demonstrado o oposto. Quando os cientistas tentaram criar as condições mais favoráveis em controlados laboratórios experimentais, de forma alguma eles se aproximaram, apesar de muitas parangonas sensacionalistas publicadas. Eles conseguiram somente confirmar as probabilidades astronómicas *contra* o aparecimento espontâneo da vida. Não aconteceu, nem nunca acontecerá. A vida tem de vir de vida preexistente. Isto é uma lei comprovada da ciência.

Depois da questão da origem do universo e do ajuste delicado do nosso planeta para a vida, a grande questão que temos de enfrentar é: Como foi que a vida veio para cá? Uma vez estabelecido que o universo teve um princípio e que não surgiu de si próprio a partir do nada, deveria ser óbvio que também a vida não surgiu da não existência.

Contudo, os evolucionistas ateus insistem na idéia de que a vida surgiu por um mero acidente e evoluiu puramente através de processos físicos de

mutações aleatórias e de selecção natural sem a ajuda de um criador inteligente. A sua assumida progressão de formas de vida simples evoluindo para vida complexa ao longo de milhares de milhões de anos parece ignorar a pergunta primordial: Como apareceu a vida a partir da ausência da vida?

A teoria do caldo pré-biótico

Muitos têm tentado mostrar como a vida começou descrevendo um passado distante hipotético. A cena é uma descrição da terra recentemente formada gradualmente arrefecendo, com uma atmosfera de gases simples como hidrogénio, nitrogénio, amónia e dióxido de carbono, com pouco ou nenhum oxigénio.

Diz-se que este tipo de atmosfera estava sujeita a formas de energia, tais como descargas eléctricas de raios, provocando reacções que formaram aminoácidos elementares, a base da formação da proteína. Teoriza-se que os compostos se acumularam até que os oceanos primitivos atingiram a consistência de um caldo quente diluído. Afirmam que com o tempo, os compostos se desenvolveram em cadeias de DNA e por fim em células. De algum jeito, a vida surgiu a partir deste caldo pré-biótico.

Há investigadores que produziram uma variedade de aminoácidos e outros compostos complexos emitindo uma descarga eléctrica numa mistura de gases. Contudo, por mais que tentem, não têm sido capazes de criar vida. O que demonstraram é que os componentes químicos existiam na Terra. Eles nem remotamente mostraram que a vida pode surgir de produtos químicos, até mesmo dos produtos químicos certos, misturando-os durante um período indeterminado sob pré-determinadas condições.

O homem inteligente, com tecnologia avançada, produziu apenas um pequeno punhado de componentes os quais os organismos precisam deles para viver. Mas nunca foi capaz de criar um organismo, muito menos um vivo. A própria clonagem, um notável feito científico que regularmente cria manchetes, utiliza vida já existente. Nenhuma forma de vida jamais foi criada por experiência humana—nem mesmo uma célula viva, quanto mais algo tão vastamente complicado como uma bactéria.

A metodologia científica tem estado às avessas. Os cientistas sabem que existe vida, mas assumem que não houve envolvimento de nenhum criador,



É verdadeiro o retrato evolucionário tradicional? O que é que revela o registro fóssil? Apoia ou contradiz o Darwinismo?

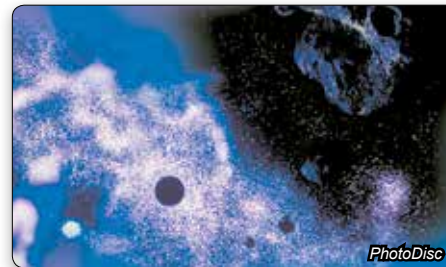
desenhista ou inteligência externa. Eles têm tentado recriar o mais provável cenário sob o qual a vida, no parecer deles, podia ter surgido espontaneamente. Até agora, só conseguiram rearranjar matéria inerte e inanimada *noutra* matéria inerte e inanimada.

Isso não tem impedido que muitos na comunidade científica continuem a concluir que a vida apareceu espontaneamente de um caldo pré-biótico. Eles ainda não geraram—*e nem podem gerar*—matéria viva de matéria inanimada.

A vida vinda do espaço exterior?

Nem todos os cientistas se sentem confortáveis baseando a origem da vida em meras assumpções. Muitos sentem-se profundamente perturbados com a teoria do caldo pré-biótico como origem da vida. Alguns admitem que isso não é mais que uma positiva fantasia.

O falecido biofísico Francis Crick, um eminente cientista que ganhou o Prémio Nobel por assistir a determinar a estrutura molecular do DNA, rejeitou este cenário. Ele escreveu: “Um homem honesto, armado com todo o conhecimento agora disponível para nós, só pode declarar que em algum sentido, no momento, a origem da vida



Alguns cientistas reconhecem que as possibilidades da vida surgir espontaneamente na Terra são tão infinitamente pequenas que se resumem a uma impossibilidade. Eles viram-se para outras teorias tal como a crença de que a vida foi enviada ou veio à deriva para cá, vinda de uma fonte desconhecida algures no universo.

parece ser quase um milagre, tantas são as condições que tinham de ser satisfeitas para a causar” (*A Vida: Suas Origens e Natureza [Life Itself: Its Origin and Nature]*, 1981, p. 88).

Admitindo que as probabilidades contra a vida surgir na Terra por acaso fazem com que isso seja uma pura impossibilidade, ele adoptou, como fizeram outros cientistas notáveis, a crença da *panspermia*—a ideia de que a vida não pôde surgir espontaneamente na Terra, mas se desenvolveu só quando microrganismos ou esporos vieram à deriva de outros planetas algures no universo. Crick sugeriu que as sementes da vida podem ter sido deliberadamente espalhadas por uma civilização extraterrestre.

O falecido Sir Fred Hoyle foi um dos mais famosos astrofísicos Britânicos.

Ele e o seu colega Chandra Wickramasinghe, professor de matemáticas aplicadas e astronomia na universidade de Cardiff, País de Gales, computaram as possibilidades de proteínas necessárias para a vida se formar por acaso num local, como cientistas assumem aconteceu na Terra. As possibilidades que eles determinaram foram a de 1 em $10^{40.000}$ —isto é, o número 1 seguido por 40.000 zeros (tantos zeros que quase podem cobrir 15 páginas desta publicação).

Para pôr esse número em perspectiva, em todo o universo visível só há cerca de 10^{80} partículas sub-atômicas. A probabilidade de menos de 1 em 10^{50} é considerada ser pelos matemáticos como uma completa impossibilidade. A possibilidade da vida surgir de acordo com o cenário científico tradicional, eles concluem, é: “uma probabilidade escandalosamente pequena que não pode ser enfrentada, mesmo se todo o universo fosse caldo orgânico” (*Evolução Vinda do Espaço [Evolution From Space]*, 1981, p. 24).

O professor Hoyle foi forçado a concluir que “a vida não pôde ter origem na Terra. Nem parece que evolução biológica de qualquer forma possa ser explicada a partir da teoria material da vida . . . Isso tudo pode ser consolidado por meios estritamente científicos, por experiência, observação e cálculo” (*O Universo Inteligente [The Intelligent Universe]*, 1983, p. 242).

Hoyle e Wickramasinghe admitem a impossibilidade da explicação científica tradicional da origem da vida, escrevendo mesmo: “Não houve caldo primitivo, nem neste nem noutro planeta, e se o início da vida não foi ao acaso, tem de ter sido produto de inteligência intencional” (*Evolução Vinda do Espaço [Evolution From Space]*, p. 148).

Não obstante, recusando aceitar a idéia de um Deus Criador, eles acreditaram em super-inteligências menores e também se viraram para a teoria da panspermia como a explicação mais aceitável da origem da vida na Terra. É óbvio, em primeiro lugar, que a noção de panspermia não explica como foi que a vida apareceu; ela simplesmente retira a questão da origem da vida para algum canto distante no universo. Hoyle e Wickramasinghe atribuem a vida a super-inteligências menores, mas que poder inteligente menor que Deus, pode desenvolver vida com todas as suas complexidades e inter-relações, e dar forma ao universo para se ajustar ao desenvolvimento da vida?

Que tais respeitados e honrados cientistas—incluindo um laureado Nobel e um nomeado Cavaleiro pelas suas realizações científicas—tenham abraçado essas quase inimagináveis especulações, salienta a impossibilidade dos milhares de intrincados blocos de elementos fundamentais da vida emergirem por processos sem supervisão, ao acaso, de acordo com o ponto de vista tradicional evolucionista.

Explicação de Darwin para novas espécies

Se a ciência não pode explicar como a vida começou, pode ela explicar como as novas *formas* de vida apareceram? Charles Darwin, simplesmente,

evitou o assunto da origem da vida adotando a atitude de que “é mera futilidade pensar, presentemente, sobre a origem da vida; vale mais pensar sobre a origem da matéria” (citado pela *Enciclopédia Britânica*, 15ª. edição, Macropédia, Vol. 10, p. 900, “Life”).

A teoria da evolução é amplamente falada de como um fato—“fato” baseado em duas suposições prévias: de que o universo apareceu do nada e de que a vida se criou espontaneamente a partir de matéria química sem vida. Supondo que esses dois são verdadeiros, a evolução afirma então o caso de que formas de vida complexas e variadas desenvolveram-se a partir da célula que ganhou a vida numa presumida sopa prebiótica.

É aqui onde Charles Darwin entra em cena. Darwin gerou a idéia da evolução propondo que as espécies se transformam continuamente com pequenas alterações através de mecanismo de selecção natural dos organismos individuais. Ele diz que estas pequenas variações se deram ao acaso e que se propagaram ao acaso. Por fim, que elas influenciaram o sucesso reprodutivo, e, então, a selecção natural foi capaz de transmitir, aos descendentes, as novas vantagens alcançadas.

Obviamente, este cenário apresenta diversos problemas sérios. De acordo com a idéia da “sobrevivência do mais apto”, que é o alicerce da evolução, tem que haver pressão para que estas vantagens sejam desenvolvidas. Se uma mudança em particular (por exemplo, pernas para ajudar uma criatura a mover-se melhor na Terra, ou asas para a evitar de quebrar o pescoço numa queda) fosse necessária para a sobrevivência, então ela tinha de se realizar rapidamente, de outro modo ela não poderia beneficiar a criatura em questão.

Em quase toda a circunstância concebível, meia perna num anfíbio, ou meia asa num dinossauro põe o animal em distinta *desvantagem* na luta pela sobrevivência. Assim, essa criatura com a vantagem parcialmente desenvolvida seria eliminada pelo princípio da selecção natural e a sobrevivência do mais apto de Darwin é incapaz de passar essa característica às gerações futuras.

O maior desafio de Darwin

O registro de fósseis que encontramos descrito nos compêndios escolares descreve diversas formas de vida, muitas das quais estão extintas, que existiram ao longo da história da Terra.

A concepção comum sobre o registro fóssil é principalmente uma *interpretação humana* usada para apoiar a teoria de Darwin de que a vida se desenvolveu a partir de formas simples para complexas sem assistência de uma causa sobrenatural. Pode ver-se gráficos e desenhos em quase todos os livros de biologia descrevendo uma transição gradual de uma espécie para outra—de peixes para anfíbios, de anfíbios para répteis, de répteis para aves e mamíferos, e assim por diante.

Estes desenhos e gráficos descrevem um padrão consistente do fóssil de

forma simples para o de forma complexa, nos estratos da Terra. Mas na vida real da geologia esse padrão não é tão consistente. A inconsistência entre os gráficos e os desenhos e o que é realmente encontrado no estrato é raramente admitido nos livros escolares ou em artigos populares sobre evolução. Os evolucionistas estão tão convencidos que a vida se desenvolveu a partir de formas simples para complexas criaturas vivas que tendem a *excluir* evidência que contradiga as suas conclusões.

Se a evolução fosse a explicação para a variedade transbordante de vida na Terra, de certeza que encontraríamos abundante evidência de incalculável número de variedades intermediárias que teriam de ter existido. O próprio Charles Darwin lutou com este fato que o registro fóssil fracassa em apoiar as suas conclusões. Ele interroga-se: “Porque motivo é que, se as espécies descendem umas das outras por gradações finas, não vemos por toda a parte inumeráveis formas transicionais? . . . Porque não as encontramos encrostadas em números incontáveis na crosta da terra?” (*A Origem das Espécies* [*The Origin of Species*], 1859, edição Obras-primas da Ciência, 1958, pp. 136-137).

Ele escreveu: “O número de variedades intermediárias, que anteriormente existiram, tem de ser verdadeiramente enorme. Porque é que então não se vê toda a formação geológica e todo o estrato da Terra cheios de tais elos intermediários? *A geologia não revela nenhuma cadeia orgânica disposta*



Se a teoria de Darwin é verdadeira, porque é que o registro fóssil é tão deslumbrantemente deficiente nas formas intermediárias transicionais entre as espécies?

com tal fina gradação; e isto, talvez, seja a mais óbvia e séria objecção que pode ser feita contra a teoria. A explicação reside, creio eu, na extrema imperfeição do registro geológico” (Ibid., pp. 260-261, ênfase adicionada).

Darwin sabia que a sua teoria tinha um problema enorme. Mas ele estava convencido que posteriores descobertas preencheriam as falhas abundantes aonde as espécies transicionais estavam perdidas, nas quais a sua teoria era baseada. Agora, porém, mais de século e meio passado, com poucos cantos inexplorados do globo, o que é que mostra o registro fóssil?

O que o registro fóssil revela

Niles Eldredge, curador no departamento de invertebrados, no Museu Americano de História Natural, e professor auxiliar na City University de Nova York, é um vigoroso defensor da evolução. Porém, ele admite que o

registro fóssil falha em apoiar o ponto de vista tradicional evolutivo.

Ele escreve: “Não é de admirar que os paleontólogos se têm afastado da evolução por tanto tempo. *Parece que nunca aconteceu.* Diligente recolha ao longo de falésias produz variações pequenas, ziguezagues, e muito ocasionalmente uma ligeira acumulação de mudanças—ao longo de milhões de anos, a uma taxa lenta demais para realmente explicar toda a prodigiosa mudança que tem ocorrido na história evolucionária.

“Quando vemos a apresentação de novidades evolucionárias, geralmente aparecem com estrondo, e frequentemente sem qualquer evidência firme que os organismos não evoluíram em qualquer outro lugar! *A evolução não pode sempre estar sempre insistido em procurar noutro lugar diferente.* Todavia, isso é como o registro fóssil tem parecido a muitos paleontólogos que se sentem desesperados quando procuram aprender alguma coisa acerca da evolução” (*Reinventando Darwin: O Grande Debate na Mesa Alta da Teoria Evolutiva* [*Reinventing Darwin: The Great Debate at the High Table of Evolutionary Theory*], 1995, p. 95, ênfase adicionado).

O falecido paleontólogo Stephen Jay Gould, da Universidade de Harvard, talvez seja o mais conhecido escritor popular de hoje sobre a evolução. Um evolucionista fervoroso, ele colaborou com o Professor Eldredge, propondo alternativas para a visão tradicional do darwinismo. Como Eldredge, ele reconheceu que o registro fóssil está fundamentalmente em conflito com a idéia do gradualismo de Darwin.

Ele escreveu: “A história da maioria das espécies de fósseis inclui duas características particularmente incoerentes com o gradualismo:

“[1] *A estase* [estagnação]—A maioria das espécies não apresentam nenhuma mudança direccional durante o seu período de vida na Terra. Elas aparecem no registro fóssil parecendo-se praticamente a mesma quando aparecem como quando desaparecem; a mudança morfológica é geralmente muito limitada e sem direcção.

“[2] *Aparecimento súbito*—Em qualquer área local, uma espécie não aparece gradualmente pela contínua transformação dos seus antepassados: ela aparece de repente e ‘completamente formada’” (“*O Passo Irregular da Evolução* [*Evolution's Erratic Pace*]”, *História Natural*, Maio 1977, pp. 13-14).

Falta de fósseis em lugares cruciais

Francis Hitching, membro da Sociedade Pré-histórica e da Sociedade para Investigação Física, também vê problemas em usar o registro fóssil para suportar Darwinismo.

Ele escreveu: “Há cerca de 250.000 espécies diferentes de fósseis de plantas e de animais nos museus do mundo. Em comparação, há à volta de 1,5 mil milhões de espécies conhecidas vivendo na Terra hoje em dia. Dada a taxa conhecida da rotação evolucionária, tem sido estimado que, pelo menos, viveram 100 vezes mais espécies fósseis do que as que têm sido descobertas . . . Mas o curioso é que há uma consistência sobre as lacunas

de fósseis: *os fósseis sempre faltam em todos os lugares importantes.*

“Quando se procuram ligações entre os maiores grupos de animais, *elas simplesmente não se encontram*; pelo menos em número suficiente que ponha o seu estado além de qualquer dúvida. *Elas ou não existem de forma alguma*, ou são tão escassas que originam infundáveis argumentos sobre se são de determinados fósseis ou não, ou se é, ou possa ser transicional entre este e aquele grupo . . .

“Deveria haver armários cheios de intermediários—na verdade, devia-se esperar que o fóssil se combinasse tão gentilmente um com o outro ao ponto de se tornar difícil determinar onde terminava o invertebrado e onde começava o vertebrado. *Mas não é o caso.* Pelo contrário, grupos bem definidos, facilmente classificados como peixes saltam para o registro fóssil *aparecendo aparentemente do nada*: misteriosamente, subitamente, completamente formados, e *de um modo muitíssimo anti-darwiniano.* E antes deles há irritantes falhas ilógicas onde os seus ancestrais deveriam estar” (*O Pescoço da Girafa: Darwin, Evolução e a Nova Biologia* [*The Neck of the Giraffe: Darwin, Evolution and the New Biology*], 1982, pp.9-10, ênfase adicionado).



A teoria da evolução de Darwin não é capaz de explicar a variedade espantosa e a intrincada relação entre as abundantes espécies de vida da Terra.

O segredo bem guardado da Paleontologia

O que é que isto tudo quer dizer? Em linguagem simples, se evolução significa mudança gradual de uma espécie de organismo para outra espécie, a característica notória do registro do fóssil é a *ausência* de evidência de evolução—e, *abundante evidência para o contrário.* O único local lógico para se encontrar prova para a teoria evolucionária está no registro do fóssil. Mas, em vez de mostrar prova de mudança lenta, gradual, ao longo da vida, os fósseis mostram o *contrário.*

O professor Eldredge tocou na magnitude do problema quando admitiu que Darwin “inventou essencialmente um novo campo de investigação científica—agora chamada ‘tafonomia’—para explicar porque é que o registro fóssil é tão *deficiente*, tão *cheio de falhas*, que os padrões previstos da mudança gradual *simplesmente não surgem*” (pp.95-96, ênfase adicionada).

O professor Gould admitiu de igual modo que a ‘extrema raridade’ de evidência para a evolução no registro fóssil é “o *segredo comercial da*

paleontologia.” Ele prosseguiu reconhecendo que “a árvore evolucionária que adorna os nossos livros didáticos têm dados apenas nas pontas e nós de seus ramos; o resto é *inferência*, conquanto razoável, *não a evidência de fósseis*” (p.14, ênfase adicionada).

Mas os paleontólogos compartilham este ‘*segredo comercial*’ com os outros? Dificilmente! “Ao ler prólogos de livros populares e compêndios de ensino sobre evolução, . . . dificilmente se pode supor que elas [as lacunas fósseis] existam, tão fluentemente e confiantemente a maior parte dos autores deslizam através delas. Na ausência de evidências fósseis, eles escrevem o que tem sido chamado de histórias ‘de fadas.’ Uma mutação adequada acontece no momento crucial, e violá, magicamente, alcançou-se um novo estágio de evolução!” (Hitching, pp.12-13).

O professor de leis Phillip Johnson, da Universidade da Califórnia, abordou a evidência a favor e contra a evolução como se o fizesse num processo judicial. No que respeita à deturpação da evidência pelos evolucionistas ele escreve:

“Quase todo mundo que tenha estudado um curso de biologia durante, mais ou menos os últimos sessenta anos, tem sido levado a acreditar que o registro fóssil era um baluarte de apoio para a tese darwinista clássica, não uma deficiência que tinha de ser explicada satisfatoriamente . . . O registro fóssil mostra um padrão consistente de aparecimento súbito seguido de uma estase; mostra que a história da vida é mais uma história de variação à volta de um conjunto de desenho básico, do que o de a acumulação de aperfeiçoamento; que a extinção tem sido predominantemente por catástrofe em vez de obsolescência gradual; e que a interpretação ortodoxa do registro fóssil muitas vezes deve-se mais ao preconceito darwinista do que com a própria prova. Parece que os paleontólogos pensaram que era seu dever proteger-nos das conclusões erradas que pudéssemos captar se soubéssemos o verdadeiro estado da evidência” (*Darwin no Banco dos Réus* [*Darwin on Trial*], 1993, pp. 58-59).

O segredo que os evolucionistas não querem revelado é que, mesmo pelas suas próprias interpretações, o registro fóssil exhibe espécies completamente formadas aparecendo por um tempo e desaparecendo depois sem, entretanto, terem mudado. Outras espécies aparecidas noutras épocas anteriores a elas, também desapareceram com pouca ou nenhuma mudança. Claramente, o registro fóssil não apoia a tese central darwinista, que as espécies mudaram lenta e gradualmente de uma forma para outra.

Fato ou observações interessantes?

O professor Johnson notou que “os darwinistas consideram que a evolução é um fato, não apenas uma teoria, porque fornece uma explicação satisfatória para o padrão de relacionamento que liga todas as criaturas vivas—um padrão assim identificado nas suas mentes com o que eles consideram ser a *causa* necessária do padrão—descendência com modi-

ficação—que, para eles, relação biológica *significa* relação evolucionária” (p. 63, ênfase no original).

A linguagem de fumaça e espelho enganoso da evolução gira principalmente em torno da classificação de espécies vivas. Darwinistas tentam explicar as relações naturais que observam no mundo animal e vegetal categorizando a vida animal e vegetal de acordo com as semelhanças físicas. Pode-se dizer que a teoria de Darwin não é nada mais do que a observância educada do óbvio—ou seja, a conclusão de que a maioria dos animais parecem estar relacionados entre si, porque a maioria dos animais têm uma ou mais características em comum.

Por exemplo, pode-se fazer uma classificação superficial de baleias, pinguins e tubarões juntos num grupo como animais aquáticos. Também se podem agrupar aves, morcegos e abelhas como criaturas voadoras. Estas não são classificações finais porque há muitas outras diferenças óbvias. Contudo, a aproximação darwinista é a de usar as semelhanças gerais óbvias para mostrar, não que os animais eram meramente semelhantes em muitos aspectos, mas que eram *relacionados uns com os outros* por antepassados comuns.

O professor Johnson expressou isto assim: “Darwin propôs uma explicação naturalista para as características essencialistas do mundo vivo que era tão impressionante no seu apelo lógico que conquistou o mundo científico, ainda que permanecessem dúvidas sobre algumas partes importantes da sua teoria. Ele teorizou que os grupos descontínuos do mundo vivo eram os descendentes dos ancestrais comuns, há muito extintos. Grupos relativamente relacionados (como répteis, aves e mamíferos) partilhavam de um antepassado comum relativamente recente; todos os vertebrados partilhavam de um antepassado comum mais antigo; e todos os animais descenderam de um ancestral comum ainda mais antigo. Então, ele propôs que os ancestrais tiveram de estar ligados aos seus descendentes por longas cadeias de intermediários transicionais, também extintos” (p. 64).

Os evolucionistas preferem enfatizar as semelhanças em vez das diferenças. Por procederem assim, desviam as pessoas da verdade do assunto—essas semelhanças são a evidência de um *único Desenhista* por trás da estrutura e função das formas de vida. Cada espécie de animal foi criada e desenhada para existir e prosperar de um modo particular. Darwin e os subsequentes proponentes do ponto de vista evolucionista da vida concentraram-se em semelhanças dentro das principais classificações de animais e assumiram que essas semelhanças provam que todos os animais estão relacionados uns com os outros através de antepassados comuns.

Contudo, nós vemos claras e grandes diferenças nas formas de vida na Terra. Se, como a evolução supõe, todas as formas de vida tivessem antepassados comuns e cadeias de intermediários ligando esses antepassados, o registro fóssil devia abundar com muitas dessas formas intermediárias entre espécies. Mas, como já vimos, os próprios paleontólogos admitem

que o registro fóssil não mostra tal coisa.

O épico da criação bíblica

Como anteriormente referido, a vida exige um doador de vida. Os cientistas chamam a isto a lei da biogénese, o fato verificado cientificamente de que a vida só pode proceder de vida. A evolução afirma que nós e o nosso mundo somos resultado do acaso, acontecimento acidental, culminação de uma série de acidentes felizes. A Bíblia apresenta um cenário diferente: Um Doador de vida criou vida na Terra para um propósito e de um modo que é vastamente diferente do cenário sustentado pelos evolucionistas. Quem é o Doador de vida? Qual é o Seu propósito?

Nesta publicação nós damos particular atenção ao lado bíblico da história nestes assuntos cruciais. O problema não está em que os cientistas não podem descobrir a resposta. Está em que a maioria tem simplesmente recusado considerar seriamente que a Bíblia possa ser uma fundação fidedigna para conhecimento humano básico e uma fonte segura de respostas para as questões enormemente importantes da vida.

Começemos no princípio do livro de Gênesis. Primeiro, o capítulo 1 descreve resumidamente a criação dos céus e da Terra, bem como o aparecimento de luz e terra firme.

Depois a Bíblia registra a criação da vida biológica do nosso planeta. A partir do princípio, as coisas com vida foram divididas em amplas classificações, cada uma reproduzindo-se de acordo com a sua própria *espécie*, com potencial reprodutivo somente dentro da sua espécie.

Aqui observamos um fato científico que os cientistas reconhecem: Os animais reproduzem-se somente dentro das suas próprias espécies, ou gêneros. Na realidade, as espécies são definidas pelos animais que se puderem procriar com êxito uns com outros. De acordo com a Bíblia, as espécies principais foram todas criadas segundo a sua própria espécie. Elas não evoluíram uma da outra. (Porém, de acordo com a classificação moderna, pode ser que um “gênero” particular hoje seja representado por mais que uma espécie—de forma que todas as espécies de um gênero particular ou do mesmo agrupamento familiar possam constituir a mesma “espécie” bíblica.)

Evidentemente, Deus permitiu um amplo potencial genético entre os gêneros ou espécies bíblicamente definidos, como se pode observar olhando para os tamanhos, formas, cores e outras características de cães, gatos, gado, galinhas e mesmo os nossos irmãos humanos. As pessoas têm usado, durante séculos, diversidade de espécie genética para criar animais que produzam mais carne, leite ou lã e sementes de trigo, milho e arroz que produzam mais alimento. Mas o potencial genético para essas variações foi criado na espécie original do Gênesis:

“E disse Deus: Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto *segundo a sua espécie*, cuja semente esteja nela sobre a terra. E assim foi.” (Gênesis 1:11). Claramente, o ponto de vista bíblico é

que Deus é o Criador da vida. Ele pôs em movimento um processo pelo qual a vida produz mais vida.

O versículo 21 diz-nos claramente que “Deus criou os grandes monstros do mar e todas as espécies de seres vivos”, nas águas do mar (Gênesis 1:21 BLH). No versículo 24 o Criador diz: “Que a terra produza todo tipo de animais: . . . cada um *de acordo com a sua espécie!*” (Gênesis 1:24 BLH). Então os versículos 26-27 falam-nos da origem da vida humana.

Deveríamos pagar especial atenção à criação do primeiro homem. Gênesis 2:7 diz: “E formou o SENHOR Deus o homem do pó da terra [de matéria inerte] e soprou em seus narizes o fôlego da vida; e o homem foi feito alma vivente.” Portanto, a explicação bíblica é que a vida humana veio directamente de Deus. Na verdade, Gênesis explica que Deus é a fonte de toda a vida.

A vida de Deus

A Bíblia revela muito mais acerca do Doador da vida. Ela atesta que “tem, Ele só, a imortalidade e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver” (1 Timóteo 6:16). Jesus Cristo diz-nos: “Porque, como o Pai tem a vida em si mesmo, assim deu também ao Filho ter a vida em si mesmo” (João 5:26).

Aqui e no livro de Gênesis encontramos verificação da mais básica lei de biogénese: Vida só pode vir de vida pré-existente. Vida vem somente de alguma coisa que já vive, não de matéria inerte ou morta. Deus tendo vida eterna em Si Próprio é o Doador original de vida.

A Bíblia também revela que Deus existiu sempre. Ele “habita a eternidade” (Isaías 57:15). Humanamente, é-nos difícil entender esse conceito. Para nós, parece-nos natural tudo ter um princípio e um fim. Mas, simplesmente, algumas coisas estão para além do nosso entendimento. Aqui está onde Deus quer que nós confiemos na Sua Palavra, para aceitarmos o que Ele revela e reflectir em quão incrivelmente limitados nós somos em comparação com Ele (Isaías 40:25-26, 28; 46:9-10; 55:8-9).

As Escrituras dizem-nos: “Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hebreus 11:3). Os materiais à mão, que são aceitos como certos na teoria da evolução, nem tão pouco existiam para começar. Deus não explica *como* criou os céus e a Terra, somente diz que Ele os *fez*. Noutras áreas, Ele dá-nos ampla evidência de que a Sua Palavra, a Bíblia, é verdadeira. Ele quer que nós O aceitemos segundo a Sua palavra.

Dar vida espiritual a outros

De novo, somente Deus, que possui vida eterna, pode criar novas formas de vida, sejam elas físicas ou algo muito mais notável. Ele é a fonte da vida.

Do ponto de vista de Deus, muito mais importante que a Sua criação de vida biológica é que Ele está em processo de criação de nova vida espiritual—entre os Seus chamados e escolhidos servos humanos. João escreveu: “Quem tem o Filho tem a vida [eterna]; quem não tem o Filho de

Deus não tem a vida [eterna]” (1 João 5:12).

O apóstolo Paulo fez lembrar a um jovem evangelista que Jesus Cristo “aboliu a morte e trouxe à luz a vida [eterna] e a incorrupção, pelo evangelho” (2 Timóteo 1:10). Os seres humanos, que têm uma longevidade média de 70 anos (Salmos 90:10), têm a oportunidade de *viver eternamente*. Paulo escreveu sobre a “esperança da vida eterna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos dos séculos” (Tito 1:2). Ele ensinou que os alunos fiéis de Cristo foram “feitos herdeiros, segundo a esperança da vida eterna” (Tito 3:7).

O Doador de vida deu primeiro ao homem vida física, como lemos nos primeiros dois capítulos de Gênesis. Tal como os animais, o homem pode e tem de morrer (Hebreus 9:27). Mas, diferentemente dos animais, o homem foi criado com o potencial de alcançar vida eterna. Quando compreendemos que Deus é o Doador de vida, que criou o homem para o Seu Próprio propósito, com o potencial de imortalidade, a vida ganha significado muito maior que a vazia falta de propósito inerente numa fé na evolução.

O Pequeno Milagre Que Faz tombar a Evolução

Em 1953, James Watson e Francis Crick alcançaram o que parecia impossível ao descobrirem a estrutura genética no interior profundo do núcleo das nossas células. Nós chamamos a este material genético DNA (ADN), uma abreviação para ácido desoxirribonucleico.

A descoberta da estrutura helicoidal dupla do DNA abriu as comportas aos cientistas para examinarem o código nele inserido. Agora, mais de meio século passado depois da descoberta inicial, o código do DNA foi decifrado—embora muitos dos seus elementos ainda não sejam bem compreendidos.

O que tem sido encontrado tem profundas implicações relativamente ao darwinismo, a teoria de que todos os seres vivos evoluíram por processos naturais através de mutação e selecção natural.

Consoante os cientistas começaram a decifrar o DNA da molécula humana, eles encontraram algo totalmente inesperado—uma “linguagem” esquisita composta de uns *3 mil milhões de letras genéticas*.

É difícil compreendermos, mas a quantidade de informação no DNA humano é, a grosso modo, equivalente a 12 edições conjuntas da Enciclopédia Britânica—um valor incrível de 384 volumes de informação detalhada que encheria quase 15m de estantes de biblioteca!

Mesmo assim, no seu tamanho actual—o qual é somente dois milionésimos de um milímetro de espessura—uma colher de chá

de DNA, de acordo com o biologista Michael Denton, pode conter *toda* a informação necessária para criar as proteínas para todas as espécies dos organismos que jamais viveram na terra, ainda com “espaço suficiente para toda a informação de todo o livro jamais escrito”



As descobertas da complexidade da intrincada língua do DNA levanta muitas questões incômodas à teoria evolucionista.

(*Evolução: A Teoria em Crise [Evolution: A Theory in Crisis]*, 1996, p. 334).

Quem ou que poderá reduzir tal informação e pôr este número enorme de “letras” na sua sequência apropriada como um manual de instrução genética? Teria a evolução, gradualmente, inventado um sistema como este?

O DNA contém uma língua genética

Primeiro consideremos algumas das características desta “língua” genética. Para ela ser correctamente chamada uma língua, ela tem de conter um alfabeto ou sistema em código, soletração correcta, gramática (uma ordem apropriada das palavras), significado (semântica) e um propósito programado.

Os cientistas têm achado que o código genético tem todos estes elementos-chave. O Dr. Stephen Meyer explica: “As regiões de código do DNA têm *exactamente* as mesmas propriedades relevantes como um código ou língua de computador” (citado por Lee Strobel, *O Caso para um Criador [The Case for a Creator]*, 2004, p. 237, grifo no original).

Os únicos tipos de comunicação considerados de alto nível são as línguas humanas, as línguas artificiais como as de computador, o código de Morse, e o código genético. Nenhum outro sistema de comunicação foi encontrado que contenha as características básicas de uma língua.

Bill Gates, fundador da Microsoft, comentou: “o DNA é como um programa de computador, mas muito mais complexo que qualquer outro que por nós jamais tenha sido desenvolvido.”

Pode-se lá imaginar que alguma coisa mais intrincada que o mais complexo programa actuando num super-computador seja desenvolvido *por acidente* através da evolução—não importa ao longo de quanto tempo, quantas mutações e quantas selecções

naturais se tomem em consideração?

A linguagem do DNA não é o mesmo que a molécula do DNA

Estudos recentes na teoria da informação surgiram com algumas conclusões espantosas—nomeadamente, que informação não pode ser considerada na mesma categoria que matéria e energia. É certo que matéria ou energia podem conter informação, mas elas não são o mesmo que a *própria* informação.

Por exemplo, um livro como a *Ilíada* de Homero contém informação, mas o livro físico em si é informação? Não, os materiais do livro—o papel, a tinta e a cola contém os assuntos, mas só são um *meio* para os transportar.

Encontra-se o mesmo princípio no código genético. A molécula do DNA *transmite* a língua genética, mas a língua em si é *independente* do seu transmissor. A mesma informação genética pode ser escrita num livro, guardada num disco rígido ou enviada pela Internet, e contudo a qualidade ou assunto da mensagem não são mudados por se substituir o meio de transporte.

George Williams explica, como biologista evolucionista: “O gene é uma embalagem de informação, não um objecto. O padrão dos pares de base numa molécula DNA especifica o gene. Mas a molécula DNA é o meio, não a mensagem” (citado por Phillip Johnson, *Derrotando o Darwinismo pela Abertura das Mentes [Defeating Darwinsim by Opening Minds]*, 1997, p. 70).

Tem-se observado que este tipo de *informação de alto nível nasce somente de uma fonte de inteligência*. Lee Strobel explica: “Os dados no âmago da vida não estão desorganizados, não estão simplesmente ordenados como cristais de sal, mas é uma informação complexa e específica que pode realizar uma desconcertante tarefa: a construção de *máquinas biológicas* que ultrapassam *em muito* as capacidades tecnológicas humanas” (p.244)

A precisão desta língua genética é tal que a média de erro não apanhado admite-se ser de *1 em cada 10 mil milhões de letras*. Se ocorre um erro numa das partes mais importantes do código, que está nos genes, ele pode causar uma doença tal como a anemia da célula. Contudo, nem mesmo o melhor dactilógrafo do mundo poderia aproximar-se de fazer um só erro em cada 10 milhares de milhões de letras—longe disso.

Por isso, acreditar que o código genético evoluiu gradualmente em estilo darwiniano é quebrar todas as regras conhecidas de como a matéria, a energia e as leis da natureza funcionam. Na realidade, não foi encontrado na natureza qualquer exemplo de sistema de informação funcional no interior da célula evoluindo gradualmente para outro sistema de informação funcional.

Por conseguinte, nós temos no código genético um manual de instrução imensamente complexo que foi majestosamente desenhado

por uma fonte *multíssimo mais inteligente* do que os seres humanos.

Mesmo um dos descobridores do código genético, o agnóstico e recentemente falecido Francis Crick, depois de décadas de trabalho em decifrá-lo, admitiu que “um homem honesto, armado com todo o conhecimento disponível para nós agora, só poderia afirmar que, de alguma maneira, *a origem da vida parece ser quase um milagre*, tantas são as condições que tinham de ser satisfeitas para a causar” (*A Vida: Suas Origens e Natureza*, 1981 [*Life Itself: Its Origin and Nature*], p.88, ênfase adicionada).

A Evolução falha em fornecer respostas

É bom lembrar que os evolucionistas não têm sido capazes de produzir nem sequer um único fio de cabelo humano, apesar de, ao longo de décadas, todos os esforços dos laboratórios em todo o mundo. Quanto mais difícil criar um corpo inteiro constituído por 100 trilhões de células!

O Dr. Meyer considera as recentes descobertas sobre o DNA serem o calcanhar de Aquiles da teoria da evolução. Ele diz: “Os evolucionistas ainda estão a tentar aplicar o pensamento de Darwin do século dezanove à realidade do século vinte e um, e não funciona . . . Eu penso que a revolução de informação que está a acontecer na biologia está a soar o dobre de finados do Darwinismo e teorias químicas evolucionistas” (citado por Strobel, p. 243).

Recentemente, um dos ateístas mais famosos do mundo, o Professor Antony Flew, admitiu não saber explicar como o DNA foi criado e desenvolvido através da evolução. Agora, ele aceita a *necessidade de uma fonte de inteligência* estar envolvida na criação do código do DNA.

Ele disse: “O que eu penso é que o conhecimento sobre o DNA fez, foi provar que *inteligência* teve de estar envolvida afim de se conseguir juntar esta extraordinária diversidade de elementos” (citado por Richard Ostling, “*Líder Ateísta Crê Agora em Deus*” [*Leading Atheist Now Believes in God*], reportagem da Associated Press, 9 de dezembro, 2004).

Um Olhar Mais Profundo à Evidência

Nesta publicação só temos espaço para tratar resumidamente alguns dos montes de evidência em favor de um Desenhista Inteligente, Legislador e Criador do universo. Nos anos recentes, têm sido publicados muitos livros e vídeos excelentes detalhando achados e conclusões científicas que apontam para um Criador.

Se pretende aprofundar mais o conhecimento sobre o assunto recomendamos as seguintes publicações:

- *Expulso: Não é Permitida Inteligência* [*Expelled: No Intelligence Allowed*], 2008 *Premise Media Corporation*. Este DVD exhibe entrevistas com académicos que perderam os seus empregos ou foram punidos por questionar o dogma evolucionista. Os seus comentários são defensores de desenho inteligente e de ardentes evolucionistas são particularmente reveladores e por vezes chocantes.

- *Existe um Deus: Como o Ateu Mais Famoso do Mundo Mudou de Idéia* [*There Is a God: How the World's Most Notorious Atheist Changed His Mind*], publicado em português com o título *Um Ateu Garante: Deus Existe, As provas incontestáveis de um filósofo que não acreditava em nada*, Antony Flew, 2007. O título resume o conteúdo: O Professor Flew, há muito visto como um dos grandes evangelistas do ateísmo do mundo, e que se viu constrangido a admitir que a evolução ateísta não explicou descobertas científicas que inescapavelmente apontam para um desenhador inteligente por trás de tudo isto.

- *O Planeta Privilegiado: Como o Nosso Lugar no Cosmos Está Desenhado para Descobrimto* [*The Privileged Planet: How Our Place in the Cosmos Is Designed for Discovery*], Guillermo Gonzalez e Jay Richards, 2004. Também em DVD. Os autores, um com doutoramento em astronomia e outro em filosofia e teologia, examinam como é que o nosso planeta não só está perfeitamente ajustado para suportar a vida, mas também posicionado para nos dar a melhor vista do universo e por isso permitir à humanidade explorar a estrutura e natureza do universo à nossa volta.

- *O Processo para um Criador: Um Jornalista Investiga Evidência Científica Que Aponta para Deus* [*The Case for a Creator: A Journalist Investigates Scientific Evidence That Points Toward God*], Lee Strobel, 2004. Também em DVD. O autor, um ex-jornalista de investigação e ex-ateu, entrevista especialistas de áreas como biologia molecular, astronomia, física e bioquímica ao examinar a crescente evidência que questiona crenças evolucionistas e apoia um Desenhador Inteligente e Criador como fonte do nosso universo e das leis que o governam.

- *Desbloqueando o Mistério da Vida* [*Unlocking the Mystery of Life*], Illustra Media, 2002. Este DVD examina o caso científico para desenho inteligente e, através de animação digital, leva os observadores ao interior das células para explorar sistemas e processos que sustentam a clara marca de desenho.

- *Simplesmente Criação: Ciência, Fé e Desenho Inteligente* [*Mere Creation: Science, Faith & Intelligent Design*], editado por William Dembski, 1998. Este livro fornece uma coleção de escritos académicos de física, astrofísica, biologia, antropologia, engenharia mecânica e matemática que desafiam o Darwinismo e oferecem

evidência suportando desenho inteligente no universo.

- *Mostre-me Deus: O Que a Mensagem do Espaço Está a Dizer-nos Acerca de Deus* [Show Me God: What the Message From Space Is Telling Us About God], Fred Heeren, 1997. O autor examina como as mais recentes descobertas do espaço são consistentes com a Bíblia e apontam para um Criador inteligente; ele inclui comentários e entrevistas com cientistas.

- *A Caixa Preta de Darwin: O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução*, Michael Behe, professor adjunto de bioquímica, na Universidade de Lehigh, Pensilvânia, [Jorge Zahar Editor, 1997]. O Dr. Behe demonstra que os blocos da fundação da vida—as células e as suas miríades de componentes—são demasiado complexos para que as suas partes e processos dependentes tivessem evoluído sem um Inteligente Desenhador exterior envolvido na obra.

- *O Criador e o Cosmos* [The Creator and the Cosmos], Hugh Ross, doutorado em astronomia, Universidade de Toronto, 1993. O livro examina evidência científica que suporta desenho no universo e a existência do Deus da Bíblia.

- *Criação e Evolução: Repensando a Evidência da Ciência e da Bíblia* [Creation and Evolution: Rethinking the Evidence From Science and the Bible], Alan Hayward, 1985. Escrito por um eminente físico Britânico. É um livro criterioso sobre os prós e os contras da controvérsia evolução-vs-ciência.

Conquanto os editores deste guia de estudo bíblico não concordem com todas as conclusões apresentadas nestas publicações, pensamos que elas apresentam um julgamento persuasivo e convincente de que o universo e a vida na Terra oferecem abundante evidência para um Criador.

O Trovejante Silêncio dos Cientistas

Quanto mais profundamente os cientistas investigam os mistérios do universo, mais as suas descobertas suportam a existência de Deus. Mas, muitas vezes estão notavelmente silenciosos sobre este aspecto dos seus achados.

Os recentes progressos no conhecimento da célula, o bloco básico da fundação da vida, são um caso apropriado. Michael Behe, professor adjunto de bioquímica, na Universidade de Lehigh, na Pensilvânia, depois de analisar extensiva investigação ao nível molecular, decidiu tornar públicas as implicações com longo alcance. O seu livro *A Caixa Preta de Darwin: O Desafio da Bioquímica à Teoria da Evolução* (1996) [Jorge Zahar Editor, 1997]

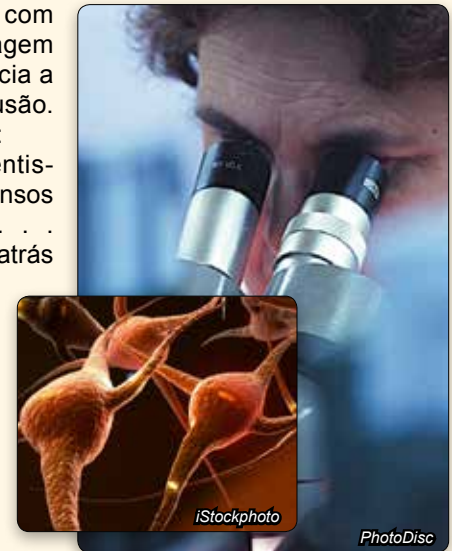
está cheio de pormenores com suporte científico, em linguagem clara e simples, que evidencia a sua impressionante conclusão. Aqui estão alguns excertos:

“De certo modo, cientistas adultos são . . . propensos a pensamentos ilusórios . . . Por exemplo, há séculos atrás pensava-se que os insectos e outros animais pequenos apareciam directamente da comida estragada. Isto era fácil de se acreditar, porque os animais pequenos se supunham ser muito simples (antes da invenção do microscópio os naturalistas pensavam que os insectos não tinham órgãos internos).

“Mas, à medida que a biologia progrediu e cuidadosas experiências mostraram que a comida protegida [para que não se estrague] não criava vida, a teoria da geração espontânea retrocedeu para limites tão distantes que a ciência não podia detectar o que realmente acontecia.

“No século dezanove esse limite era o que acontecia dentro da célula. Quando a cerveja, o leite, ou a urina eram mantidos inativos em vasilhas, mesmo fechadas, por vários dias, ficavam sempre turbos porque qualquer coisa crescia neles. Os microscópios dos séculos dezoito e dezanove mostravam que o crescimento era pequeníssimo, aparentemente de células vivas. Por isso, pareceu razoável que organismos simples vivos pudessem surgir espontaneamente de líquidos.

“A chave para persuadir o povo era a representação de células com sendo ‘simples’. Um dos principais advogados da teoria da geração espontânea, durante os meados do século dezanove, foi Ernst Haeckel, um grande admirador de Darwin e um ávido divulgador da teoria de Darwin.



A ciência tem feito notáveis progressos em compreender não só o espaço exterior, como também o interior. A investigação das células, tal como da célula nervosa, à esquerda, tem revelado grande complexidade e inquestionável evidência de desenho e de um Desenhador Inteligente.

“Haeckel, a partir da observação limitada das células que os microscópios forneciam supôs que a célula era uma ‘simples, pequena quantidade de combinação albuminosa de carbono’, não muito diferente de um fragmento microscópico de gelatina. Por isso, pareceu a Haeckel que tal simples vida, sem órgãos internos, podia ser produzida por material inanimado. Com certeza, agora, sabemos melhor” [tradução da edição inglesa, pp.23-24].

Quão complexa é a célula? Richard Dawkins professor de zoologia e adepto do evolucionismo admite que o núcleo da célula “contém uma base de dados em código digital [DNA], maior, em conteúdo informativo, que o conjunto de todos os 30 volumes da *Enciclopédia Britânica*. E este número é para *cada uma* das células . . . O número total de células num corpo humano é de cerca de 10 trilhões “ (*O Relojoeiro Cego [The Blind Watchmaker]*, 1986, pp. 17-18, *ênfase no original*).

Mais adiante no seu livro, o Dr. Behe trata da importância da complexidade e dos detalhes complicados que os cientistas descobriram, explicando: “Ao longo das últimas quatro décadas a bioquímica moderna descobriu os segredos da célula. O progresso foi ganho a grande custo. Ele exigiu dezenas de milhares de pessoas a dedicarem a melhor parte das suas vidas ao enfadonho trabalho do laboratório . . .

“Os resultados destes esforços cumulativos para investigar a célula—para investigar a vida ao nível molecular—é um estrondoso, claro, penetrante grito de ‘*desenho!*’ O resultado é tão inequívoco e tão importante que tem de ser categorizado como um dos grandes feitos na história da ciência. A descoberta rivaliza com as de Newton e Einstein, Lavoisier e Schrodinger, Pasteur e Darwin. A observação do *desenho inteligente* da vida é tão momentoso como a observação de que a Terra gira à volta do sol; ou de que a doença é causada por bactéria; ou de que a radiação é emitida em quanta.

“A magnitude da vitória, ganha a tão grande custo através de esforço sustentado durante o decurso de décadas, seria de esperar que fizesse voar rolhas de champanhe nos laboratórios à volta do mundo. Este triunfo da ciência devia evocar gritos de ‘Eureka!’ por dez mil gargantas e devia ocasionar muito bater de palmas e celebrações de regozijo e talvez mesmo ser motivo para dia de folga.

“Mas as garrafas não foram abertas, nem se bateram palmas. Em vez disso, um silêncio embaraçoso e curioso cerca completamente a complexidade da célula. Quando o assunto surge a público, os pés começam-se a arrastar e a respiração tornar-se um pouco forçada. Em privado as pessoas sentem-se um pouco mais calmas; muitas admitem explicitamente o óbvio, mas então não tiram os olhos do chão, abanam a cabeça, e ficam-se nisso.

“Porque é que a comunidade científica não abraça avidamente a sua descoberta surpreendente? Porque é que a observação de

desenho é tratada com luvas intelectuais? O dilema é que, enquanto um lado do elefante é etiquetado como *desenho inteligente*, o outro lado pode ser etiquetado como *Deus*” (pp. 232-233).

Realmente, a mais simples célula viva é tão intrincada, complexa e maravilhosa no seu desenho que mesmo a possibilidade da sua vinda à existência acidentalmente é impensável. A evidência de um Desenhador inteligente é impressionante para quem queira ver!

O nosso mundo está passando por uma crise de fé.

Poucas pessoas têm fé no futuro. Muitos não têm fé que seus casamentos sobreviverão, que os líderes políticos servirão o seu país honrosamente, ou que a educação os vá preparar adequadamente para os desafios futuros. *Perante as dificuldades do dia a dia, muitas pessoas simplesmente não têm confiança de que haverá um amanhã melhor.*

Jesus fez uma pergunta com profundas implicações para cada um de nós: “Quando o Filho do Homem vier, porventura achará fé na terra?” *A fé está cada vez mais rara em nossa sociedade secularizada.* Como é que você pode ter uma fé viva?

A fé é rara hoje em dia, mas você pode desenvolver fé, se entender as chaves da fé.

Para saber mais visite o nosso site e baixe ou encomende a sua cópia do guia de estudo bíblico gratuito:

Você pode ter uma Fé Viva



portugues.ucg.org/estudos

O Propósito da Vida e as Consequências de Ideias

A sua vida tem significado e propósito? A evolução sustenta que nós estamos cá simplesmente por acaso, como resultado de uma série de felizes acidentes. Se isto for verdade, como afecta o modo como vivemos? A história revela as consequências de tal pensar.

A vida tem sentido sem Deus no cenário? Há um propósito para a Terra e para quem habita nela? Se há, qual é e quais as ramificações disso? Ou, se não há propósito, onde é que isso me deixa?

Como foi referido no início desta publicação, quando Stephen Hawking escreveu o seu livro *Uma Breve História do Tempo*, depois de explicar o seu ponto de vista sobre a natureza ele concluiu atendendo à questão de por que é que nós e o universo existimos; “Se encontrarmos a resposta para isso, será o triunfo supremo da razão humana—*porque então conheceremos a mente de Deus*” (p. 175).

Contudo, a resposta a essa questão não virá da inteligência ou da razão humana, mas unicamente d'Aquele que transcende o nosso universo material. Se retiramos Deus da equação, perdemos todo o sentido de propósito para o homem e o universo.

O significado da vida tem sido um ponto de interrogação desde o princípio da humanidade. Está na nossa natureza fazer perguntas como: “Porque estou aqui?” e “Qual é o propósito da vida?”

Na verdade, Deus tem um propósito para o homem, mas são poucos que entendem o que é. Conhecer esse transcendente propósito, e crer nele realmente, infunde significado às nossas vidas. Mas podemos entender o nosso propósito único, se procurarmos as respostas de Quem criou a vida.

Propósito sem Deus

Primeiro consideremos o significado da vida se a evolução fosse verdadeira e se não houvesse nenhum Deus Criador que não tenha tido nenhum envolvimento com a humanidade.

Se não houvesse Deus, não haveria possibilidade de vida para além da morte e nem certamente possibilidade de imortalidade. A vida terminaria na finalidade da morte. Não haveria nenhum propósito transcendente que dê significado à nossa vida. Ela não teria mais valor que a de qualquer animal ou insecto que se esforça pela sobrevivência até ao momento em que morre. Todas as realizações e sacrifícios, todas as coisas boas e maravilhosas que os homens e as mulheres fazem, em última análise seriam esforços fúteis

num universo que aguarda o seu próprio triste e negro fim.

O falecido astrónomo e autor Carl Sagan não acreditava em Deus. Depois da morte da sua esposa, após um matrimónio de 20 anos, ele acreditava que jamais a voltaria a ver. Consoante a sua própria morte se aproximava, ele expressou uma mistura de lembranças nostálgicas humanas com a futilidade inerente no ateísmo: “Eu gostaria de acreditar que quando morrer viverei outra vez; que algum pensamento de mim, sentimento ou parte que me recorde continuará. Mas, por mais que eu queira crer isso, não obstante as antigas e mundiais tradições culturais que declaram uma vida depois da morte, eu não conheço nada que sugira que isso não é mais que uma esperança vã (*“No Vale da Sombra” [In the Valley of the Shadow]*, *Parade*, 10 de Março de 1996).

Quando se retira a possibilidade da esperança de uma vida futura, a vida fica sem valor e sem finalidade. No fim de contas, que diferença fará se vivermos como uma Madre Teresa ou como um Adolfo Hitler? O destino de cada um será o mesmo. As boas contribuições das pessoas não farão diferença alguma ao seu destino ou ao do universo.

Esta é a perspectiva sombria do mundo daqueles que baseiam as suas crenças na evolução ateuística, assumindo que esta vida é tudo quanto há.

Mas se Deus existe, as nossas vidas têm uma importância eterna porque a nossa esperança não é a morte mas a vida eterna (ver “Por Que Você Nasceu?” começando na página 76). Se Deus existe, temos um padrão absoluto do que é certo e do que é errado que reside na natureza do Próprio Deus. Isto faz com que as nossas escolhas morais sejam profundamente significativas.

As questões principais da vida

De todas as criaturas que vemos à nossa volta, o homem é a única parte da criação que pode mesmo abordar o assunto do significado da vida, adorar a Deus e expressar uma fé na vida depois da morte. Ao contrário dos animais, os seres humanos podem imaginar a eternidade e imortalidade.

Porque é que somos diferentes? Poderá ser que a nossa faculdade de imaginar o futuro e de ter esperança na vida para além da nossa hora temporal, tenha sido pensadamente posta em nós por um Criador e que Ele mesmo tenha designado um propósito eterno para os seres humanos?

Há uns 3.000 anos, o sábio Salomão, rei de Israel, escreveu dizendo que Deus: “pôs a eternidade no coração do homem” (Eclesiastes 3:11 ARA). Deus deu-nos o desejo de fazer perguntas, mas não a capacidade de saber as respostas a menos que em sinceridade O busquemos e n'Ele confiemos.

Se preferimos não crer que Deus criou o universo, *então temos de acreditar que o desejo da explicação para além da nossa vida física é fútil*. Ironicamente, se os princípios pelos quais a evolução é assumida operar fossem verdade, o homem não teria necessidade de desenvolver este aspecto do seu intelecto.



Qual é o seu propósito na vida? É a vida somente um breve momento que passa, delimitado por uma eternidade do nada antes e depois?

por nossa própria iniciativa.

A maioria do nosso sistema de psicologia foi projetado para acomodar uma visão ímpia da existência. Esse sistema rejeita a ideia de que o nosso valor vem de um Criador que atribuiu um propósito para o homem antes de criar qualquer um de nós.

Os princípios morais de Deus estão expressos nas leis que Ele deu ao homem. Ao contrário dos pontos de vista predominantemente seculares da psicologia, o modo como devemos viver não deveria ser determinado pelo modo como as nossas acções nos fazem sentir. As leis de Deus foram destinadas para actuar para o próprio bem do homem. Quando as seguimos, elas levam-nos não só à felicidade e satisfação da vida, como também nos dão um quadro visual detalhado de como é o próprio Deus. Em certo sentido, a lei de Deus é *o que Ele é*. As Suas leis refletem o Seu carácter e a Sua natureza.

Banir Deus

Nada tem um impacto mais directo sobre nossas escolhas morais do que se acreditamos em Deus ou não. As escolhas morais que fazemos determinam o resultado das nossas vidas e, colectivamente, da sociedade. A nossa atitude para com a lei, o respeito e o reconhecimento da autoridade, o respeito pelo nascituro e mesmo para com as nossas práticas sexuais é largamente determinada pela nossa crença ou falta de crença em Deus. A nossa conduta para com outros, bem como o amor e dedicação nas nossas relações, geralmente resume-se a um ponto: Creemos Deus quando Ele fala?

Mas o facto é que nós *realmente pensamos* sobre isso.

Os seres humanos são criação de Deus. Ele teve as Suas razões para nos pôr aqui. O nosso valor não provém de nós, mas deriva do facto de que Deus nos criou à Sua imagem. É Deus quem dá valor à vida humana.

O problema é que, uma vez que nós removemos Deus da nossa consideração, estamos desesperadamente à procura de *outro lugar* para tentar encontrar a auto-estima. Nós desenvolvemos psicologias que sublinham a nossa auto importância. Um sacerdócio virtual de psicólogos diz-nos que podemos elevar-nos acima dos problemas que nós próprios criamos, desenvolvendo-nos

Ao longo dos últimos séculos, nós atravessámos uma era de suposta iluminação na qual os filósofos e outros pensadores emitiram a mensagem clara de que não precisamos de Deus para nos dizer o que é certo ou errado. Como resultado, por norma, ateísmo e materialismo são progressivamente aceites. Os que crêem em Deus e na veracidade da Bíblia, são vistos muitas vezes como incultos, ignorantes, supersticiosos e arcaicos — se não absolutamente perigosos.

O acérrimo defensor da evolução, Richard Dawkins, apresentado anteriormente, diz: “é absolutamente seguro dizer que, se encontrarmos alguém que declara que não acredita na evolução, essa pessoa é ignorante, estúpida ou insana (ou má, mas prefiro não considerar isso)” (Análise de *Esquemas: Resolvendo o Mistério da Evolução* [Blueprints: Solving the Mystery of Evolution], *The New York Times*, 9 de Abril de, 1989).

A maioria das instituições académicas e governamentais responsáveis pela determinação do pensamento e comportamento da sociedade têm banido Deus dos seus átrios. A maioria das aulas de filosofia, psicologia, ciências e história começam com uma premissa evolucionária de que não há Deus e que a vida começou espontaneamente e por acaso. Assim, não incluem propósito universal ou sentido final para a vida nos seus cursos de estudo.

O que é que está por trás deste movimento social, e quais são as repercussões?

Um motivo base

Quais são os frutos da negação da existência do Criador? Isso distorce o raciocínio de alguém? A Bíblia diz em dois versículos dos Salmos: “Disseram os *néscios* no seu coração: Não *há* Deus” (no Salmos 14:1 e no Salmos 53:1, ênfase adicionada). Em seguida os mesmos versículos descrevem as consequências de quem assim pensa, declarando: “têm-se corrompido, fazem-se abomináveis em suas obras, não *há* ninguém que faça o bem.” A resposta de Deus a esta questão é que a percepção inteira do mundo está contaminada.

Deus compreende as verdadeiras motivações das pessoas que negam a possibilidade de que Ele é real. Quando elas se convencem que Ele não existe, então para elas o que é certo ou errado já não lhes importa. Elas não têm padrão objectivo de comportamento. Elas não vêem razão para não fazerem o que desejam.

No início do século 20 o autor e ardente evolucionista Aldous Huxley, membro de uma das famílias intelectualmente distintas da Inglaterra, admitiu: “eu tinha motivos para querer que o mundo não tivesse sentido; conseqüentemente, eu assumi que não tinha nenhum, e fui capaz, sem qualquer dificuldade, de encontrar razões satisfatórias para essa suposição . . . Aqueles que decidem que não há nenhum sentido no mundo, geralmente o fazem porque, por uma razão ou outra, isso é conveniente aos seus [propósitos] de que o mundo não tenha sentido” (Fins e Meios [Ends and Means], 1946, p. 273).

Para onde leva tal pensar? Huxley explica: “Para mim, como, sem dúvida, para a maioria dos meus contemporâneos, a filosofia da falta de sentido *era essencialmente um instrumento de libertação*. A libertação que desejávamos era simultaneamente libertação de um certo sistema político e econômico e libertação *de um certo sistema de moralidade*. Nós protestamos contra a moralidade *porque ela interferia com a nossa liberdade sexual* . . . Havia um método admiravelmente simples para refutar as pessoas e ao mesmo tempo justificarmos a nossa revolta política e erótica: *nós podíamos negar que o mundo tinha qualquer sentido, fosse ele qual fosse*” (p 270, ênfase adicionada).

Huxley confessou que foi *o seu desejo de ser livre dos padrões morais* que impulsionou a ele e a outros, que compartilhavam do mesmo sentimento, inventar uma base racional para afastar a idéia de quaisquer obrigações morais inatas.

Quantos estudantes nas nossas instituições acadêmicas têm idéia que *tais motivos* desenvolveram as teorias e filosofias que lhes são ensinadas como fatos? Provavelmente, na verdade, poucos. Mas, por surpreendente que pareça, *a teoria de que a vida evoluiu espontaneamente foi gerada e alimentada pela hostilidade para com os padrões e valores de Deus*.

Regozijo por negar Deus

Julian, o irmão de Huxley, escrevendo mais tarde no século 20, foi ainda mais brusco: “O *sentimento de libertação* que vem da rejeição da idéia de Deus como ser sobrenatural é enorme” (*Ensaio de um Humanista [Essays of a Humanist]*, 1966, p. 223).

Aldous e Julian Huxley eram netos do biologista Thomas Huxley



PhotoDisc

As filosofias da vida arreigadas na evolução não oferecem nem esperança nem propósito na vida. Quando compreendemos a verdade do plano de Deus, revelado na Bíblia, a vida enche-se de sentido.

do século 19, um amigo íntimo de Charles Darwin e vigoroso promotor da evolução. No princípio do debate sobre a evolução, Thomas Huxley revelou o seu preconceito anti-religioso a um colega: “Sinto-me muito contente por tu veres a importância em se fazer guerra aos clericais . . . Eu desejo que a próxima geração seja menos algemada pelas grosseiras e estúpidas superstições de ortodoxia [religiosa] do que a minha tem sido. E sentir-me-ei bem

satisfeito se conseguir alcançar, embora em pequena extensão, esse resultado (citado em *A História do Mundo* [pela Universidade de] *Columbia [The Columbia History of the World]*, p. 957).

Mais recentemente, o paleontólogo Stephen Jay Gould afirmou: “Nós estamos aqui porque um estranho grupo de peixes tinha uma barbatana com uma anatomia peculiar que poderia transformar-se em pernas para criaturas terrestres; porque cometas atingiram a Terra e obliteraram os dinossauros, dando assim uma chance não possível aos mamíferos de outra forma (por isso, num sentido literal, graças às estrelas da sorte); porque a Terra nunca se congelou completamente durante a idade do gelo; porque uma pequena e frágil espécie, que surgiu em África há 250.000 anos, conseguiu sobreviver, a todo o custo, até agora. Podemos desejar uma resposta ‘mais digna’—mas não existe. Esta explicação, embora superficialmente preocupante, se não assustadora, *é em última análise libertadora e estimulante*” (citado por David Friend, *O Significado da Vida [The Meaning of Life]*, 1991, p. 33, ênfase adicionada).

Que franca e cândida confissão! Mas porque é que alguém se deve sentir regozijado e liberto por se convencer a si próprio de que Deus não existe?

O problema reside *no coração*. O profeta Jeremias explicou: “Enganoso é o coração, mais do que que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá?” (Jeremias 17:9)

Deus expõe as intenções secretas dos que deliberadamente se opõem a Ele: “porque, [os que desprezam a autoridade de Deus] falando *coisas* mui arrogantes de vaidades, engodam com as concupiscências da carne e com dissoluções aqueles que se estavam afastando dos que andam em erro, prometendo-lhes *liberdade*, sendo eles mesmos servos da corrupção. Porque de quem alguém é vencido, do tal faz-se também servo” (2 Pedro 2:18-19).

Temos de proteger a nossa mente contra tais pessoas que falam “*coisas* mui arrogantes de vaidades” que nos bombardeiam com pensamentos evolucionistas não comprovados. Tais pensamentos têm efeito gradual e insidioso em nós e na nossa sociedade—um efeito que a Bíblia iguala com escravidão.

Analizando o motivo

A Palavra de Deus não faz rodeios em identificar a motivação para as pessoas negarem Sua existência. O apóstolo Paulo diz que algumas pessoas rejeitam Deus para não terem escrúpulos quando satisfazem os seus desejos egoístas.

Repare-se no processo e trágicos resultados: “Deus castiga essas pessoas porque o que se pode conhecer a respeito de Deus está bem claro para elas, pois foi o próprio Deus que lhes mostrou isso. Desde que Deus criou o mundo, as suas qualidades invisíveis, isto é, o seu poder eterno e a sua natureza divina, têm sido vistas claramente. Os seres humanos podem ver tudo isso nas coisas que Deus tem feito e, portanto, eles não têm desculpa nenhuma. Eles sabem quem Deus é, mas não lhe dão a glória que ele merece e não lhe são

agradecidos. Pelo contrário, os seus pensamentos se tornaram tolos, e a sua mente vazia está coberta de escuridão” (Romanos 1:19-21 BLH).

Paulo diz que, quando olhamos para o firmamento e observamos o mundo à nossa volta, a mão criativa de Deus deve ser evidente. Uma pessoa razoável reconhecerá que Deus existe, pela evidência que pode ver com os seus olhos. Paulo diz que uma pessoa deve lógica e naturalmente concluir que há um Deus Criador e reconhecer muitos dos Seus atributos ao observar as maravilhas que Ele fez. Concluir de outro modo—que o sol, lua, terra e estrelas apareceram por si próprios do nada—é completamente absurdo.

No entanto, há quem sustente um preconceito tão apaixonado contra Deus que conclui o contrário—que o universo físico não requer Deus. Paulo continua a sua descrição do processo que toma lugar no pensar deles: “Eles dizem que são sábios, mas são tolos. Em vez de adorarem ao Deus imortal, adoram ídolos que se parecem com seres humanos, ou com pássaros, ou com animais de quatro patas, ou com animais que se arrastam pelo chão.” (versículos 22-23 BLH) Eles atribuem poderes divinos à criação física e rejeitam o Criador.

Você foi enganado por este raciocínio falso em assumir que os pensadores deste mundo são sábios simplesmente porque observaram semelhanças na vida de animais e plantas deste planeta e elaboradamente criaram uma teoria de que tais originaram de um antepassado comum? Este raciocínio é um dos fundamentos básicos do conceito evolutivo.

Paulo continua: “Por isso Deus os entregou aos desejos do coração deles para fazerem coisas sujas e para terem relações vergonhosas uns com os outros. Eles trocam a verdade sobre Deus pela mentira e adoram e servem as coisas que Deus criou, em vez de adorarem e servirem o próprio Criador, que deve ser louvado para sempre. Amém!” (versículos 24-25 BLH).

Aonde leva tal forma de pensar?

Paulo analisa os frutos do pensamento que deixa Deus fora de cena: “Por causa das coisas que essas pessoas fazem, Deus as entregou a paixões vergonhosas. Pois até as mulheres trocam as relações naturais pelas que são contra a natureza. E também os homens deixam as relações naturais com as mulheres e se queimam de paixão uns pelos outros. Homens têm relações vergonhosas uns com os outros e por isso recebem em si mesmos o castigo que merecem por causa dos seus erros” (versículos 26-27 BLH).

Paulo chega ao âmago do assunto; as pessoas não querem que Deus as impeça de satisfazerem a sua luxúria egocêntrica. “E, como não querem saber do verdadeiro conhecimento a respeito de Deus, ele os entregou aos seus maus pensamentos, de modo que eles fazem o que não devem. Estão cheios de todo tipo de perversidade, maldade, ganância, vícios, ciúmes, crimes de morte, brigas, mentiras e malícia. Caluniam e falam mal uns dos outros. Têm ódio de Deus e são atrevidos, orgulhosos e vaidosos. Inventam maneiras de fazer o mal, desobedecem aos pais, são imorais, não cumprem a palavra, não têm amor por ninguém e não têm pena dos

outros” (versículos 28-31 BLH).

Estes são os resultados previstos por se retirar Deus do nosso pensamento (versículo 28). Eles descrevem uma sociedade que não reconhece Deus e a lei moral, nem admite princípios absolutos de certo e errado.

O movimento Deus-está-morto

Um dos filósofos aclamados do mundo moderno, Friedrich Nietzsche, que escreveu na segunda metade do século 19, foi influente no ataque contra Deus como a fonte dos padrões morais. Suas idéias tiveram um impacto radical em alguns dos homens mais influentes do século 20, particularmente em Adolf Hitler.

Nietzsche procurou substituir a religião do Cristianismo, com a sua crença e fé em Deus, por um mundo novo construído numa fundação sem Deus. Ele procurou redefinir a vida humana sem Deus. Ele afirmou que as idéias Cristãs enfraqueciam os homens e as mulheres e impedia-os de alcançar a verdadeira grandeza que estava dentro deles. Para ele, os conceitos morais Cristãos, arrependimento e humildade eram idéias humilhantes que tinham de ser postas de lado para que a humanidade pudesse se libertar, subir a maiores alturas e escalar as montanhas de realização individual.

Nietzsche sustentava fortemente a idéia de que, como ele dizia, “Deus está morto”—referindo-se à concepção bíblica de Deus como uma fonte de sentido e moralidade. Ele escreveu a sua filosofia num estilo que agitou as emoções e imaginações. Ele argumentou que, posto que Deus está morto, nós seres humanos temos de ter valor para ocupar o Seu lugar. Contudo, ele escreveu que o homem não estava preparado para uma posição tão elevada, e até ser capaz de a poder tomar, tem de viver durante algum tempo em sublevação e revolução. O dia viria, contudo, quando este mundo sem Deus seria bem-vindo aos braços de um filósofo libertador.

Entra o super-homem

Em parte, as predições de Nietzsche aconteceram. Os seus ensinamentos niilistas estavam prontos para serem tomados seriamente por um mundo em rápida mudança já influenciado pelos filósofos dos séculos 18 e 19 que o precederam: o céptico David Hume; Immanuel Kant, que exaltou a autoridade da razão humana; e o existencialista Søren Kierkegaard. No século 20 surgiram homens poderosos, ateus e menosprezadores da religião, que procuraram tornar-se no que o mundo esperava deles—os novos super-homens. Homens como Hitler, José Estalin, Mao Tse-tung e Pol Pot foram o produto dessa filosofia experimental.

O historiador Paul Johnson escreveu: “Friedrich Nietzsche . . . viu Deus não como uma invenção mas como um acidente, e a sua morte, como um acontecimento histórico importante, que teria consequências dramáticas. Em 1886, ele escreveu: ‘O maior acontecimento dos tempos recentes—que “Deus está morto”, que a fé no Deus Cristão já não é mais sustentável—está

a começar a espalhar as suas primeiras sombras sobre a Europa.’

“Entre as raças avançadas, o declínio e por fim o colapso do impulso religioso deixariam um enorme vazio. A história dos tempos modernos é, em grande parte, a história de como esse vazio tem sido preenchido. Nietzsche observou corretamente que o mais provável candidato seria o que ele chamou o ‘Desejo do Poder’ . . .



O que acontece à percepção moral do homem quando retiramos Deus da cena? Há os que rejeitam Deus para poder ter liberdade de fazerem o que querem—independentemente das consequências?

lentos em aparecer” (*A História do Mundo Moderno de 1917 a 1980s* [*A History of the Modern World From 1917 to the 1980s*], 1983, p.48).

Olhando para trás no século 20, Johnson observou: “Nós temos vivido através de um século terrível de guerra e destruição precisamente porque homens poderosos usurparam as prerrogativas de Deus. Eu chamo ao século 20 o Século da Física, inaugurado pelas teorias especiais e gerais de Einstein. Durante este período, a física tornou-se a ciência dominante, produzindo a energia nuclear e a viagem no espaço.

“O século também causou engenharia social; a prática de empurrar grandes números de seres humanos de um lado para outro como se de terra ou betão se tratasse. A engenharia social foi uma chave mestra nos regimes totalitários do Nazismo e do Comunismo, onde se combinou com o relativismo moral—a crença de que o certo e o errado podem ser mudados para a conveniência das sociedades humanas—e da negação dos direitos de Deus.

“Para Hitler a lei mais alta do partido tomava lugar de preferência acima dos Dez Mandamentos. Lenin glorificou a consciência Revolucionária como um guia mais seguro para a humanidade do que a consciência implantada pela religião” (“A Mensagem Verdadeira do Milênio” [*The Real Message of the Millennium*], *Seleções da Reader’s*

“Em vez da fé religiosa, haveria ideologia laica. Os que uma vez ocuparam as fileiras do clero totalitário tornar-se-iam políticos totalitários. E acima de tudo, o Desejo do Poder produziria uma nova espécie de messias, sem inibição por quaisquer sanções religiosas, e com um apetite implacável para controlar a humanidade. O fim da velha ordem, com um mundo desgobernado, à deriva num universo relativista, foi a notificação para que tais estadistas gangster emergissem. Eles não foram

Digest, Dezembro 1999, p. 65).

Engenharia Social

Foi Charles Darwin quem deu aos filósofos o que eles queriam ouvir. Antes de Darwin as idéias eram abstratas, talvez reações a anteriores instituições e governos abusivos. Darwin deu vida aos filósofos niilistas e existencialistas. Com a sua teoria do mecanismo da seleção natural, agora era possível explicar cientificamente—pelo menos em teoria—que, depois de tudo, não era preciso nenhum Deus Criador. A vida poderia acontecer por si mesma e a partir daí evoluir sem Deus.

Agora, a ciência e a filosofia fizeram equipa, para romper a influência que a religião tinha no povo. Com a aceitação da teoria da evolução—e as ramificações desse pensamento—viria o mais sangrento século na história da humanidade.

O grande moralista Victor Frankl, sobrevivente de Auschwitz, escreveu: “Se apresentamos o homem com um conceito de homem que não é verdade, podemos bem corrompê-lo. Quando o apresentamos como . . . um pacote de instintos, como uma peça de energia e reações, como um mero produto de hereditariedade e meio-ambiente, alimentamos o niilismo ao qual o homem moderno é, em todo o caso, propenso.

“Eu fiquei conhecedor da última etapa da corrupção no meu segundo campo de concentração, Auschwitz. As câmaras de gás de Auschwitz foram a consequência final da teoria de que o homem nada é senão o produto da hereditariedade e meio-ambiente . . . Eu estou absolutamente convencido que as câmaras de gás de Auschwitz, Treblinka, e Maidanek, no final de contas, foram preparadas não num ou outro ministério, em Berlim, mas sim nas mesas e salões de palestras de cientistas e filósofos niilistas” [*O Doutor e a Alma: Introdução à Logoterapia* [*The Doctor and the Soul: Introduction to Logotherapy*], 1982, p. xxi).

As palavras de Hitler, afixadas em Auschwitz na esperança de que a raça humana jamais voltaria a descer a uma tal crueldade, são uma sóbria lembrança do que acontece quando rejeitamos a moral absoluta de Deus: “Eu libertei a Alemanha de estúpidas e degradantes falácias de consciência e moralidade . . . Nós treinaremos jovens perante quem o mundo tremerá. Eu quero jovens capazes de violência—dominadores, rígidos e cruéis” (citado por Ravi Zacharias, *Pode o Homem Viver Sem Deus?* [*Can Man Live Without God?*] 1994, p. 23).

Sobrevivência dos mais aptos

Recordando a história recente, podemos entender como as idéias de um universo sem Deus, da espécie humana emergir e persistir no desafio da sobrevivência do mais apto—evoluindo e elevando-se a níveis mais elevados do poder—levaram inevitavelmente ao fato vergonhoso que na primeira metade do século 20, mais pessoas foram mortas por outras

peças do que em toda a história até aquele período. A justificativa para uma grande parte desta carnificina foi a idéia da selecção natural inerente à teoria da evolução de Darwin.

A aplicação do princípio da *sobrevivência do mais apto* aos assuntos humanos é também conhecido como Darwinismo social. Ainda que, Darwin aparentemente não aceitou a extrapolação da sua teoria da selecção natural em relações sociais, contudo, ele argumentou que a evolução humana progredia através de guerra e luta.

Um observador reparou: “Há alguns evolucionistas que tenham sido embaraçados pelas implicações sociais da evolução e que tenham realçado a cooperação (em vez de luta) como um factor na evolução. Outros têm dito que a evolução é aplicada incorretamente quando é usada para defender militarismo e abusos sociais.

“É claro que a aplicação de sobrevivência darwiniana do mais apto aos assuntos humanos por pessoas sem escrúpulos não tem relação direta com a questão se os seres humanos e outras criaturas evoluíram a partir de formas de vida simples ou não. Mas esses abusos foram sancionados e instigados pela evolução como uma desculpa, e, se a evolução não é verdade, então neste caso ainda mais trágico tudo se torna” (Bolton Davidheiser, *A Evolução e a Fé Cristã [Evolution and Christian Faith]*, 1969, p. 354).

O futuro da evolução

O princípio evolucionista tendo produzido os seus mortíferos frutos ao longo de muito do século 20, sem dúvida continuará a crescer no século 21. Agora, a ênfase está em melhorar geneticamente a humanidade. Os investigadores falam em aumentar a longevidade e erradicar doenças com terapia genética e implantes genéticos. Há conversas de melhorar as capacidades físicas e mentais e conferir talentos individuais naturais através da manipulação genética. Por agora, luta-se com os assuntos éticos, emocionais e legais envolvidos com tais práticas.

Em suma, muitos pensam que o homem é capaz de dirigir a sua própria



O movimento contra Deus que criou raízes no século 19 produziu os seus frutos no século 20, com duas guerras mundiais, o aparecimento do comunismo ateu e horrível brutalidade contra outros seres humanos.

evolução. Esse pode não ser um pensamento tão estranho. É o resultado natural do homem tentar encontrar o seu próprio caminho para uma vida superior sem Deus—talvez mesmo incluindo a noção de que através da evolução artificial a humanidade possa vencer a morte e, por fim, alcançar a imortalidade.

Em primeiro lugar, seria muito mais simples e seguro acreditar em Deus. O homem pode alcançar tudo o que é bom para ele agora—uma vida alegre e plena—e, no futuro, a imortalidade na divina família de Deus. Mas o homem tenta alcançar isso por seus próprios meios, sem reconhecer ou obedecer o seu Criador. A sua natureza egocêntrica leva-o a satisfazer as suas paixões, trazendo-lhe assim penalizações físicas, mentais e emocionais resultantes de infringir as leis de Deus—mas ele responde e usa do intelecto que Deus lhe deu para tentar evadir-se ao pagamento do preço.

É irónico como o homem segura firmemente a crença que as leis físicas e naturais são absolutas, mas objecta vigorosamente à simples idéia de que as leis espirituais de Deus sejam do mesmo modo imutáveis e absolutas. Quando se trata ao comportamento humano, a humanidade encontra, de alguma forma, uma maneira de explicar que Deus não existe, pensando que isso removerá as consequências. Não haja dúvida: Quando a humanidade infringe qualquer lei de Deus, negar que Deus não existe de modo algum retira o preço que tem de ser pago.

Inestimável privilégio ou substituto barato?

De toda a Sua criação terrena, Deus deu só aos seres humanos a capacidade de escolher viver pelas Suas leis, ou por quaisquer valores que nós determinemos por nós próprios para nossa própria satisfação. As leis de Deus não são meras responsabilidades, mas Ele projectou-nos de forma a sermos mais felizes, satisfeitos e realizados por fazer o que Ele diz. Posto que Deus nos fez, Ele sabe o que é melhor para nós. Ele dá-nos instruções que nos beneficiarão.

O homem não é um mero boneco nas mãos de Deus. Nós temos a escolha de fazer ou não o que Deus diz (Deuteronômio 30:19). Nós podemos reconhecer que Ele é o Criador e Legislador do cosmos, ou podemos negar que Ele existe. Podemos escolher viver uma vida sem sentido, ou podemos escolher uma vida com propósito.

Se nos louvamos a nós mesmos imaginando que somos a classe mais alta de vida no processo evolucionário, então, na realidade nós estamos a roubar-nos a nós próprios do valor incalculável que Deus coloca em nós. A nossa existência e futuro são desvalorizados de sermos filhos e filhas de Deus para sermos somente uma de muitas espécies de animais. É trágico que os homens tenham substituído o sentimento barato da auto-importância pelo incalculável privilégio de se tornarem próprios filhos de Deus, partilhando com Ele do impressionante universo em glória e imortalidade.

Tateando em busca de Sentido e Moralidade

Falando de uma maneira geral, o homem desenvolveu três filosofias que tentam explicar o significado da vida sem Deus. Estas têm tido um enorme impacto no mundo e no modo como as pessoas vivem.

O conceito niilista

A primeira conclusão que salta dum desígnio ateuista é o de que a existência da humanidade, leis e instituições são sem sentido. Esta abordagem à vida é conhecida por *niilismo*—a convicção de que, posto que Deus não existe, o universo e qualquer coisa nele não tem objectivo ou propósito. Nós somos meramente o produto da matéria, do tempo e do acaso. Não há vida para além da nossa existência temporária. Dentro dos limites que as forças naturais permitem, nós somos os únicos senhores da nossa vida terrena.

Este ponto de vista sobre o mundo nega a existência de valores. Ele nega a existência de qualquer base objectiva para o estabelecimento de ética, de moral ou da verdade. Ele declara que somos livres para adoptar qualquer conjunto de gostos ou ódios visto não haver moral absoluta. Os padrões e escolhas são determinados pelo que parecer melhor a cada um, pelo que nos dá satisfação ou prazer pessoal.

A visão niilista não provê justificação racional para vivermos uma vida moral. Pode ser que seja vantajoso a alguém conformar-se aos valores morais da sociedade se isso for do seu melhor interesse, mas não existe obrigação para ser uma pessoa moral se isso for contra o nosso interesse pessoal. Neste sentido um ateu pode ter morais e ser uma pessoa moral, mas devemos compreender que um ateu apela para nenhuma autoridade para essas regras morais.

O niilismo levou ao pronunciamento, na década de 1960, de que “Deus está morto.” Essa divisa indicava que o Deus da Bíblia e as Suas leis eram irrelevantes e não deveriam ser usados para influenciar o homem para um padrão moral mais alto. Ela implicava que cada um pode fazer segundo o que desejar.

Esta filosofia conduziu a uma geração que fez o que quer que lhe apeteceu. Ela inaugurou um tempo de rebelião contra valores de longa data. Abuso de droga, violência e promiscuidade subiram vertiginosamente. Os padrões morais e o número de matrimónios e famílias estáveis caíram a prumo.

Conquanto raramente vejamos tais exhibições de rebelião e anarquia nas nossas ruas e universidades como vimos então, os estragos foram feitos. Sociedades inteiras foram—e permanecem—permanentemente corruptas por esta rejeição de padrões e valores bíblicamente baseados. Ela cobrou um preço terrível. As ideias têm

consequências. As pessoas que divulgaram esta filosofia não se aperceberam do alcance dessas consequências.

A abordagem humanista ou existencial

A seguinte filosofia é semelhante. O humanismo também assenta na ideia de que o universo existe sem propósito. Esta também mantém que nós somos o resultado de processos cegos que não necessitam de nenhum tipo de sentido.

Contudo, o humanismo difere do niilismo em sustentar que a vida *pode* ter um sentido se nós lhe *designarmos* um sentido. Esta ideia também é chamada *existencialismo*. Os seus aderentes crêem que a vida pode ter tanto sentido quanto lhe pusermos. Os humanistas argumentam que vale a pena viver a vida, porque nós próprios lhe damos valor e a gozamos. Contudo, como com o niilismo, não são reconhecidos nenhuns valores objectivos. Este ponto de vista sustenta que uma pessoa pode ser moral porque lhe dá satisfação pessoal criar valores e viver de acordo com esses valores.

Não há muita diferença entre o ponto de vista humanista e o niilista. O humanismo reconhece que existem valores, porém não objectivos, nem universais, nem permanentes—e ninguém, por este conceito, é obrigado a ser moral, porque não existem valores absolutos.

O humanismo falha em prover objecções morais para comportamento imoral. Por outras palavras, se não existe moral absoluta, não se pode demonstrar que qualquer coisa é falsa ou má. Por conseguinte ninguém está em posição de julgar ou condenar as escolhas ou acções dos outros.

A tolerância da imanência

Uma terceira filosofia, a da imanência, é a de que existem valores objectivos, mas eles existem independentemente de um Deus Criador; eles não necessitam d’Ele para existirem porque eles são intrínsecos ao universo. Esta perspectiva de vida é comum ao panteísmo, que vê toda a natureza como Deus ou força divina. Não requer um Criador, posto que uma força divina permeante pode ser considerada como se tendo evoluído com o domínio natural (sendo estes vistos como um e o mesmo). A imanência difere das duas primeiras filosofias na medida em que reconhece a existência de valores objectivos.

Porém, segundo esta filosofia, o homem tem suficiente discernimento moral para tornar-se consciente dos valores morais que existem e influenciar a ordem moral. Aqui, de novo, o homem é o descobridor da ordem moral e tem em si mesmo a capacidade de viver pela ordem moral se ele quiser. Ele não precisa de Deus para lhe falar de absolutos, ou o que é a moral absoluta. Por conseguinte, não há necessidade de Deus. O significado da vida não depende da existência de Deus ou de algo exterior à vida humana.

Alternativas viáveis a Deus?

Todas estas três filosofias têm elementos em comum: elas põem de parte um Deus Soberano; não oferecem vida para além da morte (embora algumas filosofias imanentes dêem uma aparência disso, vendo-nos reabsorvidos numa consciência universal). Todas estas três filosofias proclamam, em essência, que o homem veio do nada, que nós evoluímos para nos acharmos na ordem mais alta da vida, que estamos numa posição para dirigirmos os nossos próprios valores, definir a nós próprios, e determinar o nosso significado na vida, conforme vivemos. Evidentemente, não podemos garantir o nosso propósito escolhido, posto que estamos sujeitos às escolhas de outros e aos caprichos das circunstâncias.

A questão final é: Podemos ter um propósito real da vida e valores absolutos sem Deus? As pessoas podem alcançar algum *sentido na vida* com estas filosofias—se definirmos *sentido na vida* como uma sensação de felicidade temporária e curtindo a vida no momento. É muito triste que demasiadas pessoas definem sentido na vida desta maneira. Mas estas filosofias falham em responder às verdadeiras questões do propósito da vida. Só quando se põe Deus no cenário é que se pode encontrar uma resposta completa que não só dá sentido a esta vida agora, mas também satisfaz a nossa aspiração ao propósito da nossa existência para além desta vida.

Por Que Você Nasceu?

A teoria ateística da evolução argumenta que a vida evoluiu por acaso, sem qualquer propósito final ou plano. Contudo, a Bíblia diz-nos que Deus criou a Terra e o homem com um propósito específico e inspirador em mente.

Qual é esse propósito? O Rei David de Israel, perguntou há muito tempo, quando observava a expansão do firmamento à noite: “que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?” (Salmos 8:4). Ao contrário de todas as outras criaturas, Deus criou o homem à Sua própria imagem e semelhança (Gênesis 1:26). Ele deu ao homem a faculdade de ter uma relação com Ele. O homem tinha a capacidade de entender e viver pelas mesmas leis espirituais pelas quais Deus Próprio vive, sendo estas mesmas parte do Seu carácter. O homem podia crescer para se tornar mais como Deus através de um relacionamento íntimo com Ele.

O nosso primeiro pai humano, Adão, fez uma escolha fatal para o resto da humanidade, quando tentou encontrar um modo de viver por si próprio à margem da relação íntima que Deus lhe oferecia. A partir de então, temos estado tentando por um sentido.

A verdade inspiradora é que Deus está a criar uma família—a

família de Deus. Como foi que Jesus Cristo revelou Deus aos Seus discípulos? Como “*Pai nosso que estais no Céu*” (Mateus 6:9). Jesus diz-nos para seguirmos os caminhos de Deus para “para que sejais filhos do Pai que *está* nos céus” (Mateus 5:45). O apóstolo Paulo referiu-se a Deus, o Pai, como: “o Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, do qual toda a família nos céus e na terra toma o nome” (Efésios 3:14-15).

Deus convida-nos a uma relação de pai/filho com Ele e dá-nos o Seu Espírito, para que possamos ser Seus filhos: “o espírito torna vocês filhos de Deus” (Romanos 8:15 BLH). Por este Espírito “clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos, logo, herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo” (versículos 15-17). O Próprio Jesus é chamado “o primogénito entre muitos irmãos” (versículo 29).

Depois desta vida aqueles a quem Deus der o Seu Espírito recebem vida eterna através de uma ressurreição dos mortos. “Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade” (1 Coríntios 15:51-53).

Através da ressurreição à vida eterna, Deus transforma-nos em seres glorificados e imortais, assim como é o Próprio Deus. Como nos diz 1 João 3:2: “seremos *semelhantes* a ele; porque assim como é o veremos.” Da mesma forma que as crianças humanas são a mesma ‘espécie ou género’ de seres que os seus pais humanos e irmãos e irmãs mais velhos, assim, por fim, nós seremos da mesma ‘espécie ou género’ de seres como o Pai e Cristo, *partilhando o Seu mesmo nível de existência*. Isto é uma verdade assombrosa que poucos entendem.

Deus está no processo da criação da Sua própria família literalmente—com filhos na Sua absoluta *semelhança*. Ele dará aos



De acordo com a evolução, o homem é apenas uma espécie numa grande família de animais. De acordo com a Bíblia, o nosso destino encontra-se numa outra família, a família de Deus.

seres humanos vida imortal divina, a qual compartilharemos com Ele eternamente. Ele deseja compartilhar com outros a Sua existência eterna no estilo de vida de amor efluente. Em verdade, é por causa do Seu amor que Deus, em primeiro lugar, criou o universo. É por causa do Seu amor que Ele nos deu uma parte no universo. Assim, a vida é o resultado do amor de Deus e do Seu desejo em compartilhar o Seu amor com a Sua família imortal pela eternidade.

A revelação da Bíblia do nosso destino está longe de ser o ponto de vista negro, sem sentido oferecido pelo ateísmo e pela evolução. A vida com Deus no cenário não é algo que devamos opor racionalmente. Ao contrário, devemos considerá-la como uma causa de regozijo!

A vida *sem* Deus—e sem a Sua promessa de vida eterna—é vazia e sem esperança. A vida *com* Deus é excitante, gratificante e em última análise recompensadora para além da nossa mais desenfreada imaginação. (Para um mais profundo entendimento, tal como está revelado na Bíblia, queira baixar ou encomendar do nosso site portugues.ucg.org/estudos os nossos guias de estudo bíblico gratuitos: *Qual É o Seu Destino?* e *O Evangelho do Reino de Deus*.)

A Hostilidade Natural do Homem para com Deus

Por que o homem rejeita o Deus da Bíblia e as leis divinas que definem os Seus padrões? As leis de Deus convidam-nos a conhecer um exigente padrão pessoal que poucos estão dispostos a considerar. O homem rejeita a Deus principalmente porque as leis de Deus expressam uma moralidade que está focalizada exteriormente e mostra preocupação com os outros ao invés de si mesmo. Nós, no entanto, somos principalmente motivados pelas nossas preocupações egoístas—pelo o que é melhor para nós, o que podemos obter, como podemos ser vistos como melhores que outros.

Por que temos uma natureza tão egoísta? Como foi que apareceu? A Bíblia nos diz a origem da natureza hostil e desconfiada inerente aos seres humanos. Gênesis 3 explica que o diabo, disfarçado de serpente, no Jardim do Éden, primeiro inculcou esta suspeita e rebelião para com Deus na mente do primeiro homem e da primeira mulher, Adão e Eva. Então, ele disse-lhes que Deus não estava a agir da melhor forma para eles e convenceu-os que podiam fazer tão bem, se não melhor, sem Deus.

Quando Eva foi enganada pelo argumento sedutor de Satanás e, então, Adão se rebelou com ela, Deus não Se impôs sobre eles. Ele consentiu-lhes viver sem o benefício do Seu conhecimento

revelado. Adão rapidamente culpou a sua esposa, e a sua esposa culpou a serpente. Desde então, o homem tem culpado tudo e todos pelos seus problemas.

As coisas pioraram rapidamente. Num impulso de inveja, o primeiro filho de Adão e Eva matou o seu irmão mais novo (Gênesis 4). Inveja, ciúme e ambição entranharam-se nas motivações humanas, do mesmo modo que a violência se tornou um meio comum de lidar com o conflito.

Os descendentes de Adão raramente regressaram livremente a Deus e voluntariamente confiaram nEle. Reparemos na descrição da motivação da humanidade, pelo apóstolo Paulo: “Porque os que são segundo a carne inclinam-se para as coisas da carne” (Romanos 8:5). Seus desejos egoístas prejudicam suas mentes contra Deus e a moralidade de suas leis. Por conseguinte, Paulo continua: “Porquanto a inclinação da carne é inimizada contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser” (versículo 7).

Não admira que a maior parte das pessoas rejeitem qualquer coisa que não reflecte o seu próprio ponto de vista (Jeremias 10:23). Elas pensam que têm um caminho melhor, mais iluminado, muito superior à presumida bruta e opressiva moralidade da Bíblia. No entanto, a lei de Deus excede em muito os valores morais alternativos do homem. Como escreveu o apóstolo Paulo: “a sabedoria deste mundo é loucura diante de Deus” (1 Coríntios 3:19).

Historicamente nem nações nem povos quiseram ser governados por todos os Dez Mandamentos, porque vão na contramão da natureza humana. Alguns podem ver benefícios em guardar alguns dos mandamentos, como não mentir, não roubar ou matar um companheiro humano. Mas, na melhor das hipóteses, geralmente as pessoas escolhem entre as leis de Deus ou adoptam-nas apenas superficialmente.

Mesmo quando as pessoas cumprem a letra dessas leis, muitas vezes não notam o seu espírito e intenção, que Jesus Cristo definiu como amor para com Deus e para com o nosso próximo (Mateus 22:37-40).

Ao rejeitar o revelado estilo de vida de Deus, as pessoas sem saber, desqualificam-se de bênçãos e sentenciam-se ao sofrimento. Como nos diz a Sua Palavra: “Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal; porquanto te ordeno, hoje, que ames o SENHOR, teu Deus, que andes nos seus caminhos e que guardes os seus mandamentos, e os seus estatutos, e os seus juízos, para que vivas e te multipliques, e o SENHOR, teu Deus, te abençoe” (Deuteronômio 30:15-16).

É triste que a maioria das pessoas não escolha aceitar a oferta de Deus de um caminho que levará a uma vida abundante e realizada. Há muito mais a aprender acerca deste assunto vital, e aqui apenas lhe tocámos. Por favor queira pedir cópias dos nossos guias de estudo bíblico gratuitos: *Os Dez Mandamentos* e *O Caminho para a Vida Eterna*, as quais examinam estes tópicos em muita maior profundidade.

Qual é o seu destino? Por que você nasceu?

Existe uma razão, um propósito, para a sua vida? Estas perguntas têm confundido os maiores pensadores e filósofos ao longo dos tempos.

Nós pensamos sobre o sentido da vida. Uma criança naturalmente pergunta: “De onde é que eu vim?” Como adultos, nós perguntamos, especialmente quando somos idosos: “É esta vida física tudo o que há para nós? Será que a minha vida tem um propósito?”

O rei Davi perguntou essas mesmas perguntas: “*Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites?*” (Salmos 8: 3-4).

Você reconhece um propósito para sua própria vida, com seus altos e baixos, sua mistura de alegrias e tristezas? Você sente um valor duradouro em suas lutas, desafios e incertezas?

Para encontrar respostas a estas perguntas e muitas outras semelhantes, solicite ou baixe o nosso guia de estudo bíblico gratuito:

Qual é o Seu Destino?



portugues.ucg.org/estudos

Conheça Deus

Se Deus existe porque é que Ele não se revela? Com efeito, Ele o tem feito—muitas vezes e de muitas formas. A questão não está na falta de evidência, mas do modo em como a escolhemos ver. Aproxima-se o tempo em que o homem não mais poderá negar a existência de Deus.

Pode você realmente conhecer Deus, que declara ser Criador, Doador de vida, Sustentador do universo, O que nada faz sem uma razão?

A evolução ateística declara que a vida existe por uma série de acidentes de sorte, que as leis que governam o cosmos e a própria vida apareceram por acaso, que o universo veio do nada, e que tudo o que vemos não tem propósito ou sentido. Quando se olha para a evidência da origem do universo e da suposta evolução da vida, honestamente não se pode dizer que a ciência e o raciocínio humano tenham dado alternativas aceitáveis para a existência de Deus.

As respostas às questões maiores da vida têm estado disponíveis, reveladas na Bíblia, desde os tempos antigos. A Bíblia declara ser a Palavra do Próprio Deus. É onde Ele se revelou como o Criador e mostrou o propósito para a Sua criação. (Para aprender mais, queira pedir ou descarregar a cópia gratuita do nosso guia de estudo *A Bíblia merece confiança?*)

Deus está mudo?

Os cépticos perguntam: “Se Deus existe, porque é que Ele não Se revela?”—como se isto resolvesse todo o debate acerca da existência de Deus. Porém, Deus reconhece a inutilidade disso. Ele sabe que nenhuma quantidade de evidência convencerá os que estão determinados a *não* O reconhecer e aceitar.

É exactamente isto o que Deus nos diz repetidamente na Bíblia. Nas Escrituras, Ele não só Se revelou aos escritores para nos informar do que necessitamos, como Se revelou a *toda a gente* através da Sua criação.

Apesar de tudo, os seres humanos produzem conclusões erradas a partir da ampla evidência que Ele tem fornecido. Como referimos anteriormente, as pessoas mantêm motivos subjacentes para recusar crer num Criador ou num propósito mais alto. Muito convenientemente, tudo isto lhes permite viver como lhes aprouver sem interferência de qualquer autoridade divina.

A falácia desse argumento é que Deus não se irá embora para que as pessoas possam satisfazer as suas paixões egoístas. Negando *a lei da gravidade* simplesmente porque não a vemos, apalpamos ou manuseamos não quer dizer que *a gravidade* não exista. Do mesmo modo, negando as leis e princípios *espirituais* igualmente reais e obrigatórios que Deus activou não quer dizer que Ele e eles magicamente desapareçam. No final de tudo

nós permanecemos responsáveis perante o Criador, que nos deixou com abundante evidência da Sua existência.

No capítulo anterior vimos que o apóstolo Paulo, que pregou poderosamente sobre o verdadeiro Deus num mundo supersticioso politeísta, falou sem ambiguidade das consequências de ignorarmos a evidência do Criador. Veja-se outra vez o que ele disse: “Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles fiquem *inescusáveis*” (Romanos 1:20).

De novo, Paulo está dizendo aqui que podemos ver ampla evidência de um Criador, bem como da Sua natureza e carácter, observando a criação física. Ele afirma que *a evidência é tão clara que uma pessoa racional não tem desculpa para concluir que não há Deus*. As pessoas não têm desculpa para concluir que Deus é algo diferente do que Ele é—eterno, supremo, todo-poderoso e infinitamente bom. Qualquer pessoa que faça as perguntas certas e honestamente queira saber as respostas chegará à mesma conclusão lógica.

É tão poderosa a evidência de Deus que Paulo declarou: “Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda impiedade e injustiça dos homens *que detêm a verdade em injustiça*; porquanto o que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou” (versículos 18-19).

Embora Deus revele claramente a Sua existência, Ele reconhece que alguns homens *detêm* a verdade acerca dEle. Por que alguém faria isso? Paulo responde que: “como eles se não importaram de ter conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convém” (versículo 28). Há quem não quer reconhecer a existência de Deus simplesmente para poder viver da maneira que quer escolher e fazer o que deseje. Isto ajuda a explicar porque é que o homem tem usado a sua capacidade de observação e lógica, dada por Deus, para argumentar *incorrectamente* e extrair *falsas* conclusões.

A afirmação de Deus como Criador

A primeira declaração na Bíblia é clara quanto à nossa origem primordial: “No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gênesis 1:1). Aqui, Deus estabelece a premissa para tudo mais que se seguirá.

Mais tarde, por intermédio do profeta Isaías, Ele resume a Sua criação da Terra e de tudo nela: “Assim diz Deus, o SENHOR, que criou os céus, e os estendeu, e formou a terra e a tudo quanto produz, que dá a respiração ao povo *que nela está* e o espírito, aos que andam nela” (Isaías 42:5).

Através de Isaías Deus diz-nos para olharmos para a Sua obra manual nos céus: “Levantai ao alto os olhos e vede quem criou estas coisas, quem produz por conta o seu exército, quem a todas chama pelo *seu* nome; por causa da grandeza das *suas* forças e pela fortaleza do seu poder, nenhuma faltará . . . Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o SENHOR, o Criador

dos confins da terra, nem se cansa, nem se fatiga? Não há esquadrinhação do seu entendimento” (Isaías 40:26-28).

Numa noite clara podemos ver a olho nu à volta de 2.000 estrelas. Há um século, os astrónomos pensavam que a nossa galáxia Via Láctea, com os seus biliões de estrelas, era o universo inteiro. Agora eles estimam haver pelo menos 100 biliões de galáxias e possivelmente muitas mais, cada uma com biliões de estrelas. O número estimado de galáxias continua a aumentar consoante novos progressos tecnológicos nos permitem expandir a nossa observação do cosmos.

Seria necessário supercomputadores apenas para listar os nomes ou números atribuídos de uma fração significativa dessas estrelas. No entanto, Deus afirma ter criado todas as estrelas e que Ele pode dar conta por cada uma delas!

De onde veio Deus?

Deus antecipou a pergunta freqüentemente feita pelos cépticos: “Se Deus fez tudo, então quem fez Deus?” Veja-se a Sua resposta: “antes de mim deus nenhum se formou, e depois de mim nenhum haverá” (Isaías 43:10).

Deus não está limitado por tempo como nós estamos. Ele é “o Alto e o Sublime, que *habita na eternidade*” (Isaías 57:15). Paulo diz-nos que somente Deus tem “a imortalidade e habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver” (1 Timóteo 6:16).

O nome de Deus usado na maioria das vezes no Antigo Testamento, normalmente transliterado por *Yahweh* (e geralmente representado por “SENHOR”) é essencialmente a forma da terceira pessoa gramatical do nome pelo qual Deus Se revelou a Moisés em Êxodo 3:14: “EU SOU O QUE SOU.” Este nome significa o Eterno ou o Auto-Existente—“o Senhor Deus, o Todo-poderoso, que era, e que é, e que há de vir” (Apocalipse 4:8).

Jesus Cristo também Se refere por “o Alfa e o Ômega, o Princípio e o Fim, . . . que é, e que era, e que há de vir, o Todo-poderoso” (Apocalipse 1:8).

Novamente, Deus é eterno. O universo teve um princípio, porém Deus existia antes desse tempo. Ele tem *existido sempre*. Nada—e ninguém—O trouxe a ser. (Para aprender mais peça ou baixe do nosso site



Deus não só Se revelou aos escritores da Bíblia, como também Se revelou a toda a humanidade através da Sua criação.

portugues.ucg.org/estudos o guia de estudo bíblico gratuito *Quem É Deus?*)

O Criador vem à Terra

A Bíblia diz claramente que Deus criou todas as coisas *através* de Jesus Cristo, que é também conhecido como o Verbo (João 1:1-3; ver também Efésios 3:9 ACF; Colossenses 1:15-17; Hebreus 1:1-2). “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós, e vimos a sua glória, como a glória do Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade” (João 1:14).

Quem verdadeiramente executou o ato de criar a Terra, criar vida nela e trazer o universo à existência a partir do nada foi o Verbo que veio para a Terra e viveu entre os homens como um ser humano. Ele “se despojou da Sua glória, e tomou sobre Si a natureza de servo, tornando-se um homem como os outros homens” (Filipenses 2:7, Versão Weymouth).

O Criador do universo veio ao mundo e viveu e morreu como qualquer ser humano comum. Mas Ele não era um homem comum. Ele era Deus que se fez carne, o Filho de Deus Pai, ensinando e exemplificando as leis e princípios que estão expressos no Próprio Pai, declarando: “nada faço por mim mesmo; mas falo como o Pai me ensinou. E aquele que me enviou está comigo; o Pai não me tem deixado só, porque eu faço sempre o que lhe agrada” (João 8:28-29).

Jesus viveu a Sua vida na Terra como viveria o Pai se estivesse aqui na Terra. Ele representou perfeitamente o Pai de modo que pôde dizer: “Quem me vê a mim vê o Pai” (João 14:9).

Jesus ensinou uma mensagem específica—o evangelho, ou a *boa nova*, do Reino de Deus (Marcos 1:14-15). Ele ensinou que podemos nos tornar parte da família de Deus e que podemos alcançar a imortalidade nessa família (Mateus 5:9, 45; Lucas 6:35; 20:36). Mas isto requer obediência às leis do Reino de Deus e fê no Rei desse Reino (Mateus 19:16-21; Hebreus 11:6).

O Criador se importa por nós

Deus criou o mundo e, em seguida, deixou o mundo e nós a sós? Será que Ele simplesmente deixou o mundo continuar, não intervindo na história humana, como um relojoeiro que fez o relógio, deu-lhe corda e deixou-o até eventualmente ela se acabar?

Deus realmente se importa com Sua criação. Ele tinha em mente o Seu propósito de criar a Terra e a vida humana, e dar às pessoas a oportunidade da imortalidade, muito antes de ter começado a criar—na verdade, “antes dos tempos dos séculos” (2 Timóteo 1:9; Tito 1:2), antes do tempo começar. Isto é completamente contrário à teoria da evolução sem sentido.

A Bíblia revela Deus como quem se importa bastante por quem Ele criou para intervir em seu favor. Ele diz: “eu *sou* Deus, e não *há* outro Deus, não *há* outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam; que digo: o meu conselho será firme, e farei toda a minha vontade” (Isaías 46:9-10).

Deus tem interferido na história antes, como está registrado na Bíblia. Ele intervirá novamente, mas desta vez para trazer a humanidade ao ponto onde os homens chegarão a reconhecê-Lo pelo que Ele é e aceitarão o Seu conhecimento revelado e o Seu propósito para eles.

João 3:16-17, uma das passagens mais conhecidas da Bíblia, diz-nos: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele.”

O que é mais fantástico é que Deus está envolvido até o ponto em que Ele vai trazer o Seu propósito ao seu fim desejado. Os seres humanos, feitos à imagem de Deus, terão toda a oportunidade de conhecer o verdadeiro Deus e de fazer escolhas claras, quer O aceitem na Sua oferta da vida eterna quer a recusem.

Liberdade de escolha

Deus deu-nos liberdade de escolha. Falando através de Moisés à Sua nação escolhida, o antigo Israel, Ele disse: “Os céus e a terra tomo, hoje, por testemunhas contra ti, *que* te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente” (Deuteronômio 30:19). (Para aprender mais sobre porque é que Deus nos dá liberdade de escolha, leia “Como é que Deus Se Revela?” começando na página 88).

Adão e Eva tomaram a decisão fatal de rejeitar a revelação de Deus e confiaram em seus próprios raciocínios para determinar o certo e o errado. Deus permitiu à humanidade rejeitar o Seu conhecimento revelado. Ele deu-nos liberdade de formularmos as nossas próprias filosofias acerca da origem e significado da vida e experimentarmos formas de viver, governos e instituições através dos quais nós esperamos encontrar paz duradoura e contentamento.

Mas tem sido uma experiência que tem falhado em dar-nos o que ansiamos e buscamos. Os milhares de anos de experimentação com filosofias e governos falharam em trazer a paz. A história está repleta de derramamento de sangue, de opressão e de esperanças destruídas.

A experiência continuará a falhar. Somente com o conhecimento revelado de Deus podemos encontrar vida abundante e bênçãos abundantes—as verdadeiras razões pelas quais Deus nos criou e o modo como podemos realizar o nosso propósito.

A conclusão lógica

Vemos à nossa volta um mundo que se tem separado do conhecimento de Deus. A humanidade tem moldado muitas sociedades, filosofias e ideias do destino humano sem a ajuda do conhecimento revelado por Deus. Conquanto Deus esteja envolvido na Sua criação, por agora Ele limitou o

Seu envolvimento porque Ele está a permitir à raça humana aprender pelos seus próprios erros.

A maioria das pessoas assumem que se Deus existe, *Ele deve estar a tentar desesperadamente* forçar o Seu desejo e converter a humanidade à Sua maneira de pensar. Mas também observam que, se esse é o caso, os esforços de Deus são um falhanço miserável porque as forças do mal estão a ter muito maior efeito.

A simples verdade do assunto é que *Deus não está a tentar*, por agora, converter o mundo ao Seu estilo de vida. Ele está a permitir que a experiência humana se esgote até à sua inevitável conclusão lógica.

Como as crianças que, por vezes, vêm a entender que o fogão é quente só depois que eles insistem em tocá-lo, nós, também, muitas vezes, temos de aprender as lições da maneira mais difícil, através da experiência dolorosa. Uma vez e outra a história bíblica registra Deus avisando as pessoas sobre as conseqüências de rejeitar Deus e Seus caminhos. Diz Deus: “não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva; convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois *por que razão morrereis . . . ?*” (Ezequiel 33:11).

Onde é que as decisões coletivas da humanidade nos levam? Da mesma forma que abandonar o conhecimento do Deus Criador e das Suas leis traz sofrimento e angústia a um indivíduo, assim também traz semelhantes resultados a uma nação, e mesmo a um nível mundial.

Jesus Cristo previu o resultado inevitável da civilização humana separada de Deus: “haverá, então, grande aflição, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem tampouco haverá jamais. E, *se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria*” (Mateus 24:21-22).

Deveríamos ficar sóbrios pelas palavras de Jesus. Está no plano de Deus permitir à raça humana ir até ao fim da corda, até *à beira da destruição*, na longa experiência humana de muitos séculos. Só então é que a humanidade aprenderá a lição—pelo modo mais duro. (Para conhecer melhor estes temas importantes e como eles sucederão de acordo com a profecia bíblica, faça o download ou peça os guias de estudo bíblicos gratuitos *O Evangelho do Reino de Deus, Estamos Vivendo no Tempo do Fim?* e *Você Pode Entender a Profecia Bíblica*.)

Intervenção divina directa

As notícias não são todas más. A boa notícia é que Jesus Cristo intervirá poderosamente para nos impedir de exterminar-nos. Embora a profecia da Bíblia nos avise de que a raça humana enfrentará extinção, e que uma grande porção da humanidade perecerá durante este período, a nossa precipitada corrida para o desastre será interrompida. A humanidade será poupada, mas não será porque teremos de alguma forma encontrado uma maneira para resolvermos os nossos problemas. Isso será unicamente

porque Cristo regressará à Terra e, finalmente, porá fim ao que a Bíblia chama o “presente século mau” (Gálatas 1:4).

Nesse tempo profetizado de confusão e perigo globais sem paralelo, Jesus voltará. Literal e simbolicamente, serão os dias mais negros da humanidade: “logo depois da aflição daqueles dias, o sol escurecerá, e a lua não dará a sua luz, e as estrelas cairão do céu, e as potências dos céus serão abaladas. Então, aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem; e todas as tribos da terra se lamentarão e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu, com poder e grande glória” (Mateus 24:29-30).

Para os que vêem o mundo sob uma perspectiva sem Deus, o panorama que leva a esse tempo será contraditório e confuso. Eles verão o homem desejando ser considerado bom, mas ainda lutando com uma natureza que considera muito fácil oprimir e infligir sofrimento em seus companheiros humanos. Eles verão desastres naturais assustadores tomando as vidas de incontáveis milhares de pessoas e trazendo sofrimento e prejuízos sem limite para inúmeras outras, ao mesmo tempo falhando de perceber a preocupação de Deus.

Se um problema é resolvido, diversos mais aparecerão para tomar o seu lugar. O povo gritará por Deus, desejando saber onde Ele está. Mas a verdade simples do assunto é que a humanidade colherá o trágico resultado de ter retirado Deus do cenário. A humanidade terá que aprender a lição de que não há respostas sem recorrer a Deus, buscando Sua instrução sobre como viver e como cumprir o Seu propósito para viver.

Deus está dando agora a oportunidade a alguns de realizar os seus destinos. Se você tiver a coragem de rejeitar a filosofia sem sentido e voltar-se para o seu Criador buscando a Sua vontade em sua vida, pode-se tornar parte dos que vencem este presente mundo perverso e que partilharão no reino de Cristo depois dEle regressar para estabelecer o Seu Reino sobre a Terra (Apocalipse 3:21; 20:4, 6).

A *boa nova* é que Deus *responderá* poderosamente à pergunta se Ele existe. O mundo inteiro conhecerá o verdadeiro Deus, adorá-Lo-á e aprenderá as suas santas e justas leis. “E não ensinará cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior” (Hebreus 8:11). Finalmente, a humanidade encontrará paz e contentamento que há tanto tempo tem buscado.

Uma relação com o Criador

Pode você realmente conhecer a Deus? O primeiro passo é estar disposto a reconhecer a evidência que Ele apresenta da Sua existência. Conforme mostrámos nesta publicação, Deus fornece abundante evidência se estivermos dispostos a vê-la e reconhecê-la. Podemos tirar muitas conclusões sobre Ele a partir do que vemos no universo e no mundo à nossa volta. Então, podemos dar o passo seguinte, procurar uma relação

com o Criador.

O Rei David raciocinou corretamente quando observou as maravilhas da criação de Deus. Ele chegou pelo menos a duas conclusões importantes nas suas observações. Primeiro, ele concluiu que um ser que criou o universo e nos deu vida tem de ter um grande propósito para nós: “Quando vejo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrelas que preparaste; que é o homem mortal para que te lembres dele? E o filho do homem, para que o visites [para que cuides dele]?” (Salmos 8:3-4).

Segundo, ele concluiu que um ser que presidiu sobre uma tal criação deve

David entendeu que, quando investigamos os céus, podemos sentir esta mesma verdade óbvia falar-nos, como se outra pessoa nos falasse face a face.

ser justo em tudo o que faz, e que Ele é Aquele que pode ser confiável. O Salmo 19 mostra que David entendeu isso: “Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos. Um dia faz declaração a outro dia, e uma noite mostra sabedoria a outra noite. Sem linguagem, sem fala, ouvem-se as suas vozes em toda a extensão da terra, e as suas palavras, até ao fim do mundo” (versículos 1-4).

David entendeu que, quando investigamos os céus, podemos sentir esta mesma verdade óbvia falar-nos, como se outra pessoa nos falasse face a face. Essa mensagem está disponível para todas as pessoas em todos os lugares e é compreensível por qualquer pessoa, independentemente do idioma: Há um grande Criador, e Ele é infinitamente maior do que qualquer coisa que possamos imaginar. Estamos indesculpáveis se nos recusamos a acreditar (Romanos 1:20).

David fala da grandeza de Deus, proclamando que “A lei do SENHOR é perfeita . . . O testemunho do SENHOR é fiel . . . Os preceitos do SENHOR são retos . . . O mandamento do SENHOR é puro . . . O temor do SENHOR é limpo . . . Os juízos do SENHOR são verdadeiros e justos juntamente” (Salmos 19:7-9).

Em muitas ocasiões, David maravilhou-se na vasta gama da Via Láctea brilhando no céu noturno. Durante os seus anos como jovem pastor ele teve tempo para estudar e perguntar a si mesmo sobre a complexidade da natureza. Ele recorreu às suas experiências da juventude para chegar a conclusões profundas sobre o seu Criador.

Você pode refletir sobre as mesmas questões, olhar para a mesma evidência e chegar às mesmas conclusões lógicas. Deus existe? De certeza Ele existe. E Ele cuida de você! Você pode emocionar-se pelo que vê com os seus próprios olhos e tomar uma decisão de aceitar a oferta de Deus para estabelecer uma relação pessoal consigo. Se você o fizer, esse será o seu primeiro passo para habitar a eternidade com Ele em interminável bênção e alegria.

Como é que Deus Se Revela?

Se Deus é real, porque é que Ele não Se nos revela de modo a acabar com qualquer dúvida sobre a Sua existência? Na verdade Ele *fez* isto muitas vezes. Há registros testemunhais na Bíblia de interações humanas com Ele nela registradas e preservadas para nós. Porém, esses tais documentados testemunhos satisfazem os cépticos? Nunca os satisfaz, nem satisfará.

Se Deus aceitasse o desafio de ter de provar sempre a Sua existência, o que aconteceria? Seria necessário que Ele aparecesse pessoalmente e fizesse milagres a todo o ser humano que nascesse? Mas, mesmo isso podia não ser suficiente para satisfazer a toda a gente.

Em vez disso, Deus há muito tempo decidiu fornecer evidência sólida—na forma de Sua mão-de-obra, na testemunha humana e na profecia cumprida—de que Ele é o Criador vivo e inteligente do universo. Esta evidência é convincente e poderosa para quem tem ouvidos para ouvir e olhos para ver. Mas todo o mundo tem uma escolha. Cada pessoa individualmente pode enfrentar a prova ou zombar dela.

Deus esconde-se?

Examinemos brevemente o registro da revelação do Próprio Deus Criador à humanidade

Deus caminhou e falou com Adão e com Eva. Durante as suas relações íntimas com Ele, Ele deu-lhes instruções específicas (Gênesis 2:15-17; 3:2-3). Apesar disso, eles resolveram desobedecer e então tentaram esconder-se (Gênesis 3:8-10).

Mais tarde, Deus questionou Caim, filho deles, pela sua cólera irracional (Gênesis 4:5-7). Caim rejeitou o conselho de Deus e matou o seu irmão. Em vez de se arrepender verdadeiramente, “saiu Caim de diante da face do SENHOR” (versículos 8-16).

Deus falou com o fiel Noé (Gênesis 6:13). Noé foi diferente dos outros a quem Deus apareceu. Ele seguiu as instruções de Deus (Gênesis 7:5). O mesmo aconteceu com Abraão. Deus apareceu pessoalmente a Abraão e teve conversas com ele em várias ocasiões (Gênesis 12:1, 7; 13:14; 17:1-3).

É especialmente importante entendermos a vontade de Deus em Se revelar a Moisés e ao povo do antigo Israel. “E falava o SENHOR a Moisés face a face, como qualquer fala com o seu amigo” (Êxodo 33:11). Deus tentou estabelecer uma relação directa semelhante com os Israelitas. Moisés registrou o que aconteceu: “Face a face o SENHOR falou connosco, no monte . . . (Naquele tempo, eu estava *em pé* entre o SENHOR e vós, para vos notificar a palavra do SENHOR, porque temestes o fogo e não subistes ao

monte)” (Deuteronômio 5:4-5).

Os Israelitas pediram para ficar à distância. Eles nem queriam ouvir a voz de Deus (Êxodo 20:18-19). Eles pediram para que de futuro Ele Se lhes revelasse somente através do Seu profeta.

Desde então em diante, Deus honrou esse pedido. Ele revelou-Se ao antigo Israel através dos Seus profetas. Ele enviou-os a avisar o Seu povo e a encorajá-lo a Lhe ser fiel. Mas não prestaram atenção às suas mensagens. Cruelmente, o povo martirizou muitos desses profetas.

Deus permite ao homem escolher

Não foi idéia de Deus retirar-Se e de ficar aparentemente inacessível. Isso foi *escolha da humanidade*. Começando com Adão e Eva, Deus deu liberdade de escolha à humanidade. Ele permite-nos escolher se acreditamos nEle, se aceitamos o conhecimento que Ele revela e Lhe obedecemos—ou não.

Deus não forçou Adão e Eva a seguir as Suas instruções. Eles escolheram livremente não seguir. Desde então, a humanidade tem sentido as repercussões dessa decisão fatal.



Xilogravura por Gustave Doré

Deus ofereceu uma relação directa ao antigo Israel, Mas os Israelitas recusaram. No monte Sinai eles imploraram por mais distância entre eles e Deus.

Nem forçou Deus o antigo Israel a obedecer-Lhe. Ele ofereceu claramente escolha aos Israelitas ao dizer-lhes: “Os Céus e a Terra tomo hoje, por testemunhas contra ti, *que* te tenho proposto a vida e a morte, a bênção e a maldição; escolhe, pois, a vida, para que vivas, tu e a tua semente” (Deuteronômio 30:19).

No Monte Sinai, Eles ouviram Deus com os seus próprios ouvidos. Na longa caminhada para fora do Egito, eles assistiram a milagre após milagre. Apesar disso, rapidamente, esqueceram essa evidência e escolheram não levar em consideração o estilo de vida e as bênçãos que Deus oferecia (ver também Deuteronômio 31:27).

A humanidade tem escolhido consistentemente afastar-se das revelações de Deus, preferindo o caminho que por fim conduz às maldições e à morte (Provérbios 14:12; 16:25). Nada mudou até hoje. Nós enfrentamos as mesmas duas opções: Crer em Deus e

obedecer às Suas leis, ou não acreditar e desobedecer.

A maioria das pessoas gostam de pensar que são abertas às novas idéias, que não são antagônicas ou preconceituosas contra a verdade. Mesmo assim, algumas das mesmas pessoas que viram milagres de Cristo gritaram mais tarde pelo Seu sangue. Jesus apontou que alguns eram tão insensíveis a Deus que não O aceitariam nem aos Seus caminhos mesmo que alguém ressuscitasse dos mortos (Lucas 16:31).

A natureza humana não mudou. Na era moderna, as mesmas inclinações e preconceitos permanecem do mesmo modo profundamente estabelecidos. Não é um belo pensamento considerar que uma parte significativa da humanidade de bom grado endurece o seu pensamento contra Deus, mas acontece (2 Pedro 3:5). Isto é assim porque o modo natural do pensar humano é fundamentalmente *hostil* para com Deus (Romanos 8:7). Então, as pessoas procuram maneiras de O descartar das suas vidas. Para alguns, especialmente os intelectuais, isto toma a forma de raciocínio à volta da evidência clara da Sua existência (Romanos 1:18-22). O coração é enganoso (Jeremias 17:9) e convence a mente com falsidade.

Deus providenciou aos seres humanos absoluta, indisputável prova da Sua existência? Ele dará alguma vez tal prova no futuro? A resposta a ambas as perguntas é um enfático *sim*.

Quando Deus trouxe Israel para fora do Egito, Ele fez muitos milagres impressionantes que demonstraram a Sua existência, poder e controlo sobre as leis da natureza. “Disse o SENHOR a Moisés: Entra a Faraó, porque tenho agravado o seu coração e o coração de seus servos, para fazer estes meus sinais no meio deles, e para que contes aos ouvidos de teus filhos e dos filhos de teus filhos as coisas que fiz no Egito e os meus sinais que tenho feito entre eles; para que saibais que eu *sou* o SENHOR” (Êxodo 10:1-2).

Eles tiveram as suas provas, mas essas provas depressa desapareceram das suas memórias. “Fizeram um bezerro em Horebe e adoraram a imagem fundida . . . Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que fizera grandes coisas . . .” (Salmos 106:19-22).

Mais tarde Deus deu-lhes prova de que Ele era Deus, através da palavra dos Seus profetas. A profecia realizada prova poderosamente a realidade de Deus. Ele proclamou: “eu *sou* Deus, e não *há* outro Deus, não *há* outro semelhante a mim; que anuncio o fim desde o princípio e, desde a antiguidade, as coisas que ainda não sucederam” (Isaías 46:9-10). Só Deus pode predizer o futuro com precisão e fazer com que aconteça.

A profecia da Bíblia é uma prova de Deus que pode ser facilmente verificada. Conquanto esteja para além do âmbito desta publicação explicar as muitas profecias rigorosamente cumpridas, alguns exemplos estão prontamente disponíveis para si numa outra nossa

publicação gratuita: *A Bíblia Merece Confiança?*

Mais prova absoluta a caminho

Deus prometeu que o tempo está chegando—quando a maioria das pessoas não esperarem—quando o mundo inteiro irá testemunhar o mesmo tipo de prova milagrosa de Sua existência que Ele exibiu no antigo Egito.

Esta futura intervenção nos assuntos do mundo será inquestionável. Pode ler acerca de como Deus tenciona revelar o Seu grande poder e glória nos nossos guias de estudo bíblico gratuitos *Você pode Entender a Profecia Bíblica e Estamos Vivendo no Tempo do Fim?*

Um Deus Não Limitado por Espaço e Tempo

Se há um Deus, porque é que não O vemos, ouvimos ou tocamos? É uma pergunta simples e razoável. Mas a resposta desafia a lógica, a experiência e o raciocínio humano.

Nós experimentamos as coisas através dos nossos sentidos físicos. Os nossos olhos captam a luz reflectida pelos objectos físicos. Os nossos ouvidos apanham as vibrações das ondas de som. As pontas dos nossos dedos medem a textura e dureza das coisas que tocamos.

Nós vivemos num mundo físico com as suas quatro dimensões conhecidas do espaço-tempo: comprimento, largura, altura (ou profundidade) e tempo. O Deus da Bíblia, contudo, reside numa dimensão diferente para além da percepção natural dos nossos sentidos físicos—o domínio *espiritual*. Não é que Deus não é real; é uma questão de Ele não estar limitado pelas leis físicas e as dimensões que regem o nosso mundo (Isaías 57:15). Ele é espírito (João 4:24).

Repare-se no que as Escrituras revelam acerca deste Deus que não é limitado pelo espaço e pelo tempo.

Como ser humano, Jesus Cristo tinha um corpo físico. Como o nosso, o Seu estava sujeito a ferimentos, dor e morte. Os quatro Evangelhos registam que Ele foi flagelado e crucificado. Vários dos Seus seguidores pegaram no Seu corpo brutalizado, enfaixaram-no em faixas de linho e selaram-no num túmulo. Não houve dúvida que Jesus estava morto. O seu corpo foi posto num túmulo durante três dias e três noites, guardado por um destacamento de guardas.

Mas não era para ficar assim. Uma pequena comoção surgiu após o terceiro dia quando alguns dos Seus seguidores foram

ao túmulo—só para o achar *vazio*. Mas ainda os esperava uma maior surpresa!

Nessa noite os Seus discípulos reuniram-se num salão, com as portas firmemente fechadas porque temiam pelas suas vidas, quando “chegou Jesus, e pôs-se no meio, e disse-lhes: ‘Paz seja convosco!’” (João 20:19). O seu amado mestre, a quem eles viram ser morto e sepultado, subitamente materializou-se num salão fechado e saudou-os! Para que eles não pensassem que Ele era um impostor, Ele mostrou-lhes as perfurações dos pregos da Sua crucifixão e da ferida da lança no Seu lado.

O Jesus ressuscitado deixara de estar sujeito a factores físicos. Sem esforço Ele entrou numa área fechada e mostrou-Se aos Seus discípulos. Eles reconheceram a impossibilidade física de um corpo carnal passar através das paredes. Oito dias mais tarde Ele repetiu o milagre em benefício do discípulo Tomé, que não tinha testemunhado o primeiro aparecimento (João 20:26). Dias mais tarde, Ele desafiou a gravidade, subindo ao céu à vista de todos os Seus discípulos (Actos 1:9).

As Escrituras revelam que Deus vive fora do domínio do tempo tal como conhecemos “tempo” (Isaías 57:15). Nós lemos que o nosso fantástico destino foi planeado “*antes dos tempos dos séculos*” (2 Timóteo 1:9; Tito 1:2) e “antes da fundação do mundo” (Efésios 1:4; 1 Pedro 1:20).

“Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente” (Hebreus 11:3). Por outras palavras, o universo físico que vemos, ouvimos, sentimos e vivemos não foi criado a partir de matéria existente, mas de uma fonte independente das dimensões físicas que nós podemos perceber.

Isto não quer dizer que Deus Pai e Jesus Cristo nunca Se revelam ao povo. As Escrituras são crónicas da interacção—cuidado e interesse—de Deus para com os homens, mulheres e crianças através dos séculos.

Muitas pessoas rejeitam a Bíblia, particularmente os Evangelhos, porque descrevem muitas ocorrências milagrosas—curas dramáticas, ressurreições, fogo vindo do céu e visões espectaculares, para mencionar algumas. Elas crêem que estas coisas são impossíveis porque desafiam a experiência humana e as leis que governam a nossa existência física. Por isso, elas concluem que os relatos bíblicos de tais coisas não podem ser verdadeiros.

Lamentavelmente, elas falham em considerar que Deus Pai e Jesus Cristo podem operar para além dos limites das leis físicas que governam o universo. Um Deus que traz o universo à existência pode, certamente, realizar milagres tais como os que se encontram nas Escrituras!

Onde nos deixa isto? Acreditamos nos muitos testemunhos que

Deus nos faculta, ou insistimos em alguma espécie de prova que Ele nos dê pessoalmente antes de acreditarmos? O que Jesus disse a Tomé é também claramente dirigido a nós: “Porque me viste, Tomé, creste; bem-aventurados os que não viram e creram!” (João 20:29).

A Nossa Janela de Oportunidade

Nós estando mais perto do que nunca para o final do presente século mau, temos uma janela de oportunidade incomum para buscarmos o propósito oculto de nossa existência, para encontrarmos o nosso caminho de volta para Deus.

Em suma, a humanidade precisa desesperadamente se reconciliar com Deus (Isaías 59:1-14). São os nossos pecados, nosso abandono de Suas leis, que se interpõem no caminho. Só quando nos arrependemos de fazer as coisas contrárias à instrução de Deus é que podemos experimentar uma verdadeira relação com o Criador. Nós precisamos de aprender o que Ele espera de nós. Não devemos nos distanciar da presença de Deus, como os israelitas fizeram no Monte Sinai.

O que é que Ele nos aconselha fazer? A resposta é directa: “Buscai ao SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixei o ímpio o seu caminho, e o homem maligno, os seus pensamentos e se converta ao SENHOR, que se compadecerá dele; torne para o nosso Deus, porque grandioso é em perdoar” (Isaías 55:6-7).

A Bíblia refere-se em outros lugares, ao que é recomendado aqui, como *arrependimento*—desviarmos-nos de nossas maneiras de fazer as coisas, do amargo fruto que essas maneiras trazem, e rendermo-nos a Deus para começarmos a viver de acordo com os Seus caminhos.

Deus “anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam,” que abandonemos a nossa mesma ignorância auto-induzida (Actos 17:30). (Para entender melhor o que quer dizer arrepender-se, peça a sua cópia gratuita ou faça o download no nosso site portugues.ucg.org/estudos do nosso guia de estudo bíblico *O Caminho para a Vida Eterna*).

Deus deseja mostrar-nos o caminho para sairmos das nossas dificuldades e misérias e garantir-nos o entendimento do impressionante conhecimento do Seu plano para nós. Ele diz: “Clama a mim, e responder-te-ei e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes” (Jeremias 33:3). Ele recompensará os que O procurem com todo o seu coração.

Tristemente, na nossa era da informação, nós carecemos da

mais vital informação de todas—o *conhecimento de Deus*. Ele quer revelar-nos isso, mas nós temos de estar dispostos a aceitá-lo e fazer alguma investigação nós mesmos.

Na análise final “é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam” (Hebreus 11:6).

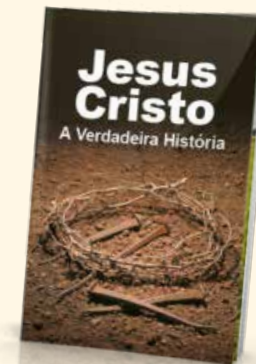
Deus oferece a ajuda da *Sua Igreja*, o corpo espiritual dos crentes que Ele descreve como “a coluna e firmeza da verdade” (1 Timóteo 3:15). Ele encoraja-nos a “crescer na graça e conhecimento” das maravilhosas verdades da Bíblia (2 Pedro 3:18). Os membros da *Igreja de Deus Unida*, que publica este guia de estudo bíblico, estão empenhados em cumprir a admoestação de Cristo para levar a mensagem da verdade de Deus para o mundo e ensinar as pessoas Seu estilo de vida (Mateus 24:14; 28:18-20). Nós convidamos você a participar conosco nesta obra e a descobrir a verdade na antiquíssima busca humana de Deus.

Quem foi Jesus?

Poucos contestam que um homem chamado Jesus viveu há 2.000 anos e que Ele foi um grande mestre que influenciou o mundo desde a Sua era em diante. *Ele fez uma afirmação que foi de tirar o fôlego em sua audácia—que Ele era o Filho de Deus*. Qual é a verdadeira história? Podemos entender a verdadeira imagem de Jesus após 2.000 anos de opiniões diferentes? Talvez, a questão mais importante é: Será que isto realmente importa?

Você pode entender estas questões com o nosso guia de estudo bíblico gratuito
Jesus Cristo: A Verdadeira História

Visite nosso site ou entre em contato conosco para obter a sua cópia gratuita.



portugues.ucg.org/estudos

ENDEREÇOS POSTAIS

Estados Unidos da América:

(Pode pedir em Português, Espanhol ou Inglês)
Igreja de Deus Unida
P O Box 541027
Cincinnati, OH, 45254-1027
Telefone: +1 (513) 576 9796

Inglaterra:

United Church of God
P O Box 705
Watford,
Herts WD19 6FZ
Telefone: +44 (0)20-8386-8467

Brasil:

Igreja de Deus Unida
Caixa Postal 2027
Uberlândia – MG,
CEP 38400-983
Telefone: +1 (513) 576 9796

Internet:

<http://portugues.ucg.org>
www.ucg.org
www.ucg.org/beyond-today
e-mail: info@ucg.org

Autor: Noel Hornor, Camilo Reyes, Randy Stiver,
Tom Robinson, Scott Ashley

Revisores editoriais: Roger Foster, Paul Kieffer, Burk McNair, John
Ross Schroeder, Mario Seiglie, Donald Ward

Capa foto: Digital Stock

Artista de layout em Português: Whitney Creech; Michelle Vautour

Tradutores: José Martins e Luís Andrade

Revisor da tradução: Jorge Manuel de Campos

Para Saber Mais . . .

Quem somos: Esta literatura é distribuída gratuitamente pela Igreja de Deus Unida, uma Associação Internacional, que tem ministros e congregações em muitas partes do mundo.

Nossas raízes remontam à Igreja que Jesus fundou, no início do primeiro século. Seguimos os mesmos ensinamentos, doutrinas e práticas que então foram estabelecidas. A nossa incumbência é a de proclamar o evangelho do vindouro Reino de Deus em todo o mundo, como um testemunho, e também ensinar todas as nações a observar o que Cristo ordenou (Mateus 24:14; 28:19-20).

Para saber mais acerca de Igreja de Deus Unida, visite o nosso site portugues.ucg.org e ponha o seu 'mouse' na aba 'Quem somos' or use diretamente este link: <https://portugues.ucg.org/quem-somos>. Também pode ler o nosso guia de estudo Bíblico sobre a Igreja de Deus Unida neste link: <https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/esta-e-a-igreja-de-deus-unida-0> e o guia acerca da Igreja que Jesus edificou: <https://portugues.ucg.org/ferramentas-de-estudo-da-biblia/guias-de-estudo/a-igreja-que-jesus-edificou-0>

Gratuidade: Jesus Cristo disse: “de graça recebestes, de graça dai” (Mateus 10:8). A Igreja de Deus Unida oferece esta e outras publicações gratuitamente, como um serviço educacional no interesse público. Nós o convidamos a solicitar sua assinatura gratuita da revista A Boa Nova e a inscrever-se no nosso Curso de Ensino Bíblico, de 12 lições, que também é gratuito.

Somos gratos pelos generosos dízimos e ofertas dos membros da Igreja e doutros colaboradores que, voluntariamente, contribuem para apoiar esta obra. Nós não solicitamos fundos do público em geral. No entanto, são bem-vindas as contribuições para ajudar-nos a compartilhar esta mensagem de esperança com outros.

Se desejar, de livre vontade dar um dízimo ou fazer um donativo no Brasil, para ajudar esta Obra de Deus, os nossos detalhes bancários são:

Caixa Econômica Federal, Igreja de Deus Unida, Brasil
Conta Poupança 7648-8, Operação 013, Agência 3540

Aconselhamento pessoal: Jesus ordenou os seus seguidores a apascentar Suas ovelhas (João 21:15-17). Para cumprimento desta instrução, a Igreja de Deus Unida tem congregações ao redor do mundo, onde crentes reúnem-se para receberem o ensinamento das Escrituras e para se confraternizarem.

A Igreja de Deus Unida empenha-se em entender e praticar o Cristianismo do Novo Testamento. Desejamos compartilhar o caminho de vida de Deus com os que, fervorosamente, buscam adorar e seguir o nosso Salvador, Jesus Cristo.

Os nossos ministros estão disponíveis para aconselhamento, e para responder a questões e dúvidas sobre a Bíblia. Caso deseje contactar um ministro, ou visitar uma das nossas congregações, sinta-se à vontade entrar em contacto com o nosso escritório mais próximo.

Informação adicional: Visite o nosso site <https://portugues.ucg.org> para solicitar ou baixar os nossos guias de estudo Bíblicos ou a revista A Boa Nova. Se desejar corresponder-se conosco em Português, por favor envie um e-mail para info@ucg.org ou use a aba de contato do nosso site <https://portugues.ucg.org>. Também pode escrever a um dos endereços listados neste guia de estudo Bíblico.